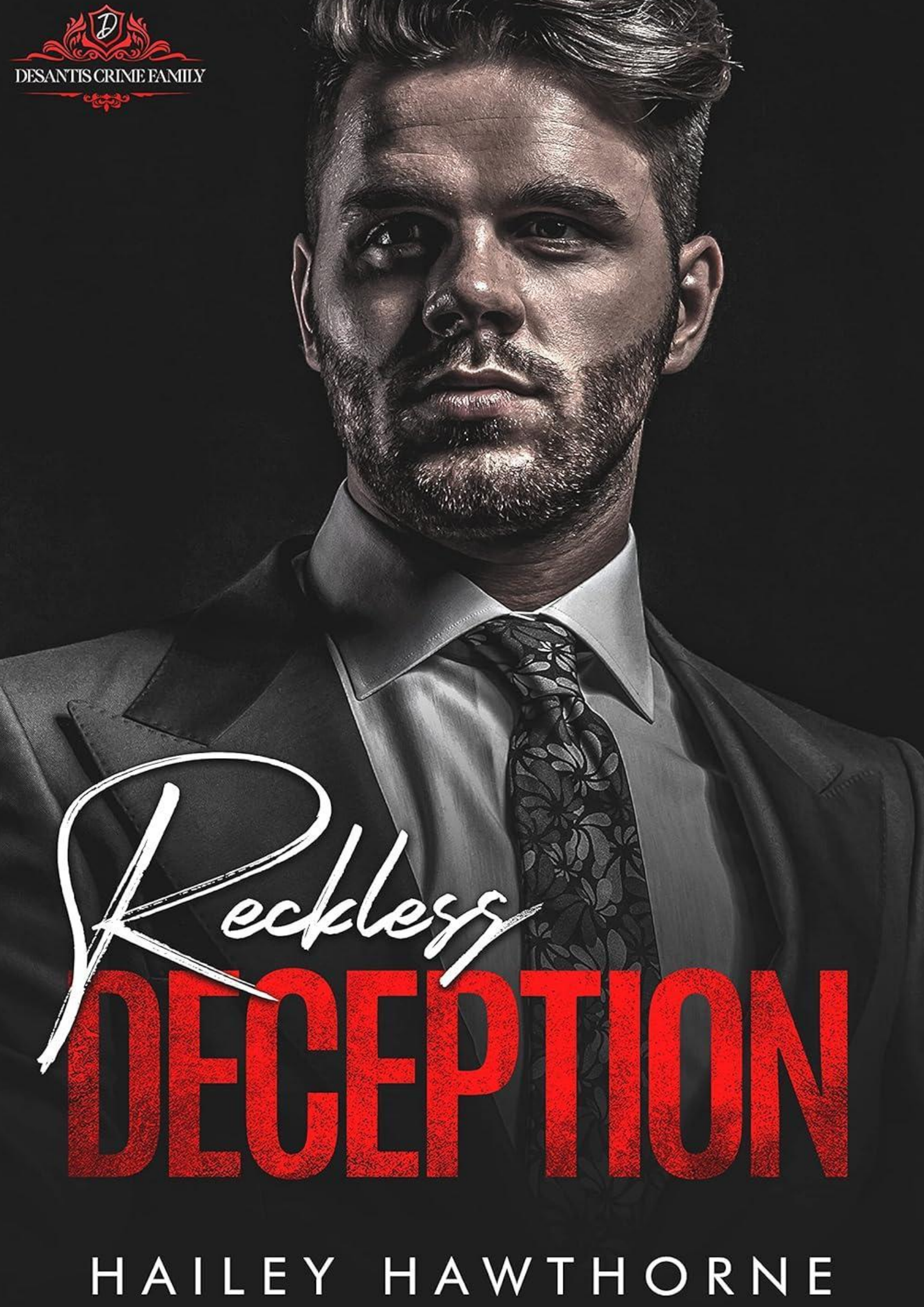

DESANTIS CRIME FAMILY
Reckless
DECEPTION
HAILEY HAWTHORNE

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aqule que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Agnes

Tyche

Jewell Designs

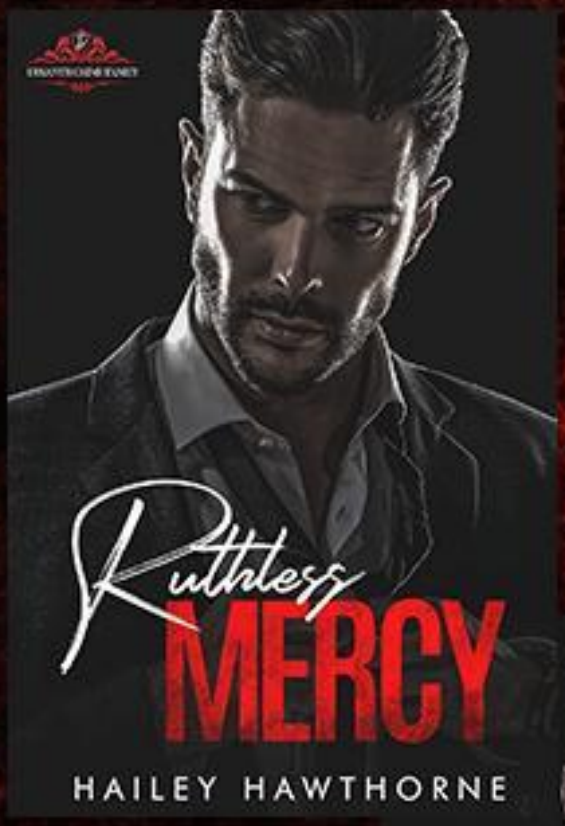
Abril 2024

Reckless

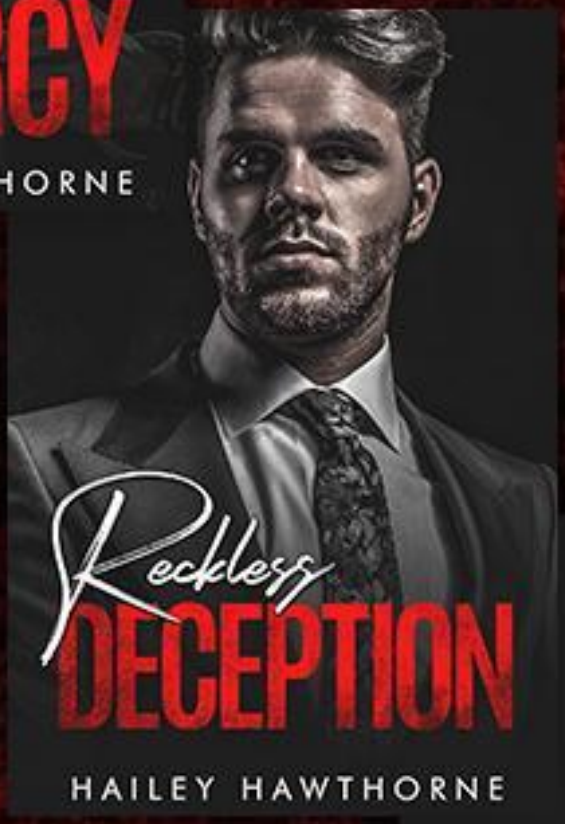
DECEPTION

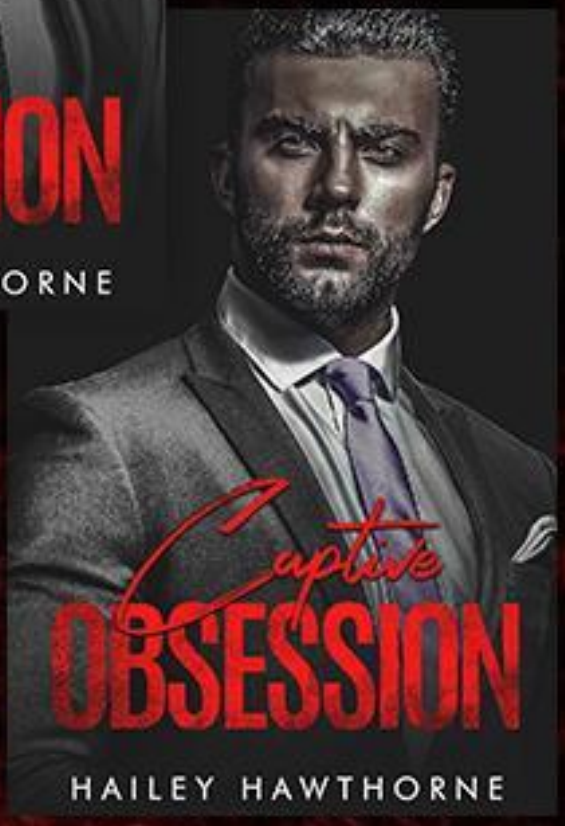
DeSantis Crime Family

Livro Dois



DESANTIS CRIME FAMILY





Hailey Hawthorne

Sinopse

Johnny DeSantis é um homem que eu deveria evitar.

Charmoso e carismático.
Astuto e implacável.

Ele é o braço direito do chefe da máfia, mexendo os pauzinhos nas sombras.
Eu deveria fugir dele. Correr para longe.
Em vez disso, estou perseguindo-o.
Porque se eu conseguir arrancar uma história dele, finalmente serei a repórter que quero ser. Finalmente serei levada a sério.
Comecei tentando roubar seus segredos. Agora tudo que quero fazer é afundar em seu abraço.
Perseguir um predador é um jogo perigoso.
O preço pode ser maior do que posso pagar. Se eu sobreviver a isso.

Prólogo

Johnny

Subimos correndo a escada dos fundos do antigo armazém, dois degraus de cada vez, com nossas armas na mão.

Estou surpreso que Vincent se lembre desse prédio antigo tão bem quanto eu, mas pela maneira como ele se move e pelas tábuas que está evitando, é óbvio que ele se lembra. Pulamos as tábuas que rangem como se nossos movimentos fossem coreografados. Quando éramos crianças, costumávamos subir essas escadas para ouvir os negócios do idiota do nosso pai. Vincent ficava parado na porta dos fundos, extasiado, enquanto o homem do outro lado implorava por sua vida. Eu me afastava, enojado com a ideia do que os seres humanos são capazes de fazer uns com os outros. Gio nunca veio conosco, embora eu nunca soubesse o motivo.

Mas não tem problema. Eu sempre terei o apoio de Vincent.

Prendendo a respiração, chegamos à porta dos fundos em tempo recorde. Ufa. Não há guardas. Os tendões do meu pescoço, que parecem uma corda grossa, relaxam um pouco. Com 1,90 m e forte, sou maior do que a maioria dos homens. Não há dúvida de que posso lutar, mas odeio fazê-lo.

Faz sentido que Gio tenha trazido a garota de Vincent para cá, para o armazém abandonado que mantemos apenas para fazer com que nossos negócios pareçam legítimos. Talvez, em breve, possamos fazer com que nosso negócio de importação de óleo de trufas seja mais do que apenas uma fachada. Meu sonho é que possamos transformá-lo em uma empresa próspera, mas isso fica para outra ocasião.

No momento, a garota de Vincent, Eleni Moralis, está sendo mantida em cativeiro por nosso irmão, Gio DeSantis, e temos que tirá-la de lá.

Vincent está na porta, segurando seu ombro contra ela, inclinando-se para ouvir o que está acontecendo lá dentro. Exatamente como quando éramos crianças. Ele acena para que eu me junte a ele.

Eu faço isso, espelhando sua posição.

Tentamos escutar, mas não ouvimos nada.

O que quer que esteja acontecendo lá dentro é silencioso. Muito silencioso.

É impossível saber quantos homens Gio tem e, se entrarmos, o que Vincent fará, não temos a menor ideia do que estará nos esperando. Vejo o suor escorrendo da testa de meu irmão e sei que ele a ama. Ele morrerá para salvá-la.

Ele coloca o punho na lateral da boca, provavelmente para não gritar.

Vamos, Vincent, mantenha a calma. Usando a comunicação silenciosa que temos desde que éramos crianças, levanto minhas sobrancelhas.

Ele acena com a cabeça em resposta. Entendeu.

Temos que nos manter firmes. O único apoio que ele tem no momento é...

CREEAAK!

É aquele maldito degrau que nós dois sabemos que devemos evitar. Dando meia-volta, apontamos nossas armas para a escada.

— Chefe! — É Lou, o guarda-costas de Vincent.

— Quieto, — as palavras de Vincent são rápidas e curtas, soando como uma metralhadora daqueles filmes antigos de mafiosos em preto e branco que nosso pai costumava assistir. — Quantos homens você tem?

— Somos um total de dez, — responde Lou, o mais baixo que pode. — Alguns caras entraram pela porta da frente, estão aguardando ordens.

Olhando para Vincent, vejo a veia em sua têmpora pulsar. Sei o que ele está pensando. Normalmente, ele entraria correndo, sem se importar com quem atingiria. Ele tem um código particular: se você é um homem adulto nesse ramo e morre, não passa de uma vítima das circunstâncias. Mas quando há uma situação com reféns, é tudo diferente.

E quando esse refém é a mulher que ele ama...

Tenha calma, Vincent, tenha calma.

— A porta da frente significa que eles alertarão Gio. — Vincent se irrita.

CRASH!

— O que é isso? — Vincent rosna.

— *Ughhhhh!*

Thump...

— Que diabos foi isso? — Virei-me para Vincent.

— Gio, não. Não. Eu sinto muito... — É a voz de Eleni.

— É ela. — *Bam! Pum! THUD!* Vincent chuta a porta e entra correndo, com a arma sacada.

Estou em seus calcanhares.

Cinco caras que não reconheço estão de frente para nós com suas armas apontadas.

Eleni está caída no chão, afastando-se de Gio. Ela está claramente aterrorizada.

Vincent nem sequer olha para ela. Seus olhos estão fixos em nosso irmão.

Gio está segurando o nariz enquanto o sangue escorre pelo braço e cai no chão.

Avalio a situação e vejo a lata de óleo de trufas jogada fora. Ela deve tê-la usado para quebrar o nariz de Gio, para que pudesse fugir.

O restante de nossos homens se posicionou atrás de nós em um semicírculo, com as armas em punho.

— Desista, Gio. Eu sei. Eu sei de tudo, — Vincent corta a tensão com suas palavras.

— Como você sabia que estávamos aqui? — pergunta Gio.

— A foto que você enviou, — eu digo a ele enquanto aponto minha arma para os seus homens. — Você foi estúpido o suficiente para deixar uma lata velha de óleo de trufa nela. Não usamos esse rótulo há anos. Sabíamos exatamente onde você estava.

— Ah, sim. — Gio solta uma risada enquanto brinca com a arma em sua mão, deixando-a balançar na ponta dos dedos. — O grande óleo de trufas da família DeSantis nunca foi meu amigo, não é?

— Isso é coisa sua, Gio. De ninguém mais. — Vincent não se intimida.

— Por favor, — responde Gio. — Como era ser o favorito de papai?

— Eu não saberia dizer.

— Sério? Então por que você é o Don?

— Porque você é muito ruim.

Gio está sorrindo, adorando isso. — Talvez, — ele admite. — Mas e o Gandhi ali? — Ele acena para mim. — Ele é o mais velho, você sabe.

Nem Vincent nem eu dizemos nada. Esse é o tópico que nunca abordamos. Não, eu não quero ser Don, mas como o mais velho, eu deveria ter sido nomeado. Em vez disso, Vincent foi escolhido, e eu me tornei conselheiro.

— Está vendo? — Gio se aproxima de nós. — Você não tem um motivo. Então, que tal, John? Por que você não se junta a mim no lado negro? Juntos, podemos nos levantar contra o filho favorito e reformularemos essa família para que ela seja exatamente como queremos.

Com o queixo erguido, encaro meu irmão mais novo. Odeio o fato de ele ter feito isso com nossa família.

— Gio, chame seus homens, — instrui Vincent.

— Por que eu faria isso?

— Porque nada de bom pode resultar disso. Desista, Gio. Há uma dúzia de nós e apenas alguns de vocês.

Gio está ficando inquieto. Ele está começando a se balançar daquele jeito que faz quando está nervoso. — E depois?

— E depois eu lhe dou uma surra, mas deixo você viver. — Vincent não vacila nem um pouco.

Será que ele sabe que está mentindo? Ele nunca deixará o homem que feriu Eleni Moralis escapar impune.

— Não me parece um negócio que me agrade, — responde Gio.

— A escolha é sua, mas só vou pedir uma vez.

O grupo de homens de Vincent avança atrás de nós, prontos.

— Faça a coisa certa aqui, — diz Vincent. — Deixe-a ir embora. Ela não tem nada a ver com isso.

— Exceto que ela pode me identificar como um dos atiradores do Massacre da Metropolitan.

Vincent fica mais ereto. — Você não era apenas um dos atiradores. Você *era o* atirador. O atirador que matou Nick Moralis Jr. e nossos pais.

Virando a cabeça exageradamente, Gio faz beicinho enquanto olha para Eleni. — E eu que pensava que estávamos nos dando tão bem. Com toda aquela conversa sobre estar comigo em vez de com ele. E a maneira como você me beijou lá atrás. Bem, Eleni Moralis, acho que você pode ter escolhido a profissão errada. Se estava fingindo, merecia um Oscar.

Oh, droga. Ele a está ameaçando, e se ele a tocou, será um milagre se algum de nós sair daqui vivo. Por que Gio tem que ser uma bomba-relógio? Ele sabe, acima de tudo, que esta família tem um código, especialmente com relação às mulheres, mas está sempre pronto para quebrá-lo.

Os músculos tensos e a mandíbula cerrada de Vincent revelam seu estresse. Ele está claramente tentando evitar se lançar sobre nosso irmão e espancá-lo até à

morte. — Gio, você tem uma escolha. Largue sua arma e chame seus homens, e você e eu resolveremos isso entre nós, onde você terá a chance de desferir alguns golpes antes que eu o esmague. — Ele respira fundo, obviamente tentando manter a calma por ela. — Ou então, morrerá com um tiro. Aqui e agora. Gio, qual é a sua resposta?

Antes que Vincent termine, Gio levanta a mão e seus homens abrem fogo.

Bum! Bum!

— Ahhh! — Encolhida, Eleni se arrasta até ao canto. — Vincent!

Nossos homens estão atirando de volta, então eu me concentro em Vincent. Sem dúvida, ele irá atrás de Eleni. Com certeza, ele se move nessa direção e eu corro para acompanhá-lo. Agarrando Eleni, Vincent a puxa, rastejando, em direção à porta enquanto eu os cubro, mas ainda não precisei disparar um único tiro.

Eu nunca atiro a menos que seja necessário e nunca matei ninguém.

BANG! BANG!

Mais tiros são disparados. Eu me viro para ver que Lou foi atingido. Ao nosso redor, há homens abatidos. Homens com esperanças, sonhos e... famílias. Todos destruídos por essa matança sem sentido.

— Ah! — Lou está segurando seu braço em agonia.

Levamos Eleni para o corredor em segurança.

Olho de volta por trás da porta....Porra. Lá dentro há uma cena saída de um filme de terror. Há morte e carnificina por toda parte e, apesar disso, voltamos a entrar.

Foda-se essa vida.

Mas será que vou conseguir sair? Talvez em algum lugar haja uma mulher que eu possa amar e que me ame de volta - apesar de todas as razões pelas quais meu pai nunca me amou.

Dois de nossos homens estão cuidando do ferimento de Lou.

Gio está na extremidade oposta do armazém, segurando uma arma. Sem dúvida, ele atirou em Lou.

— Tirem-no daqui, — Vincent rosna para os homens, apontando para a porta com o queixo. — Deem um jeito nisso.

— Desculpe, chefe, — Lou grita enquanto os dois homens o carregam para fora.

Eles o levarão a um médico que mantemos de prontidão. Ele ficará bem.

Apenas nossos homens ainda estão aqui, esperando por uma ordem.

— Aguardem, — ordenou Vincent. Acenando com a cabeça para os corpos no chão, ele acrescenta: — Cuidem disso depois.

— Sim, chefe. — Eles saem correndo para o corredor da frente.

Vincent olha para mim e aponta para a porta dos fundos. — Espere com Eleni.

Ao me virar, vou naquela direção, mas quase escorrego em uma poça de sangue. Eu me seguro, mas esse não é o ponto. Todo esse sangue, toda essa morte... por que estamos vivendo assim? Por que estamos matando uns aos outros?

Nós - Vincent, Gio e eu - somos irmãos. Para o bem e para o mal. E tudo bem, geralmente é ‘para o mal’, mas ele ainda é nosso irmão. Isso deve significar alguma coisa, certo? Família tem que significar alguma coisa. Caso contrário, por que estamos lutando? Não posso simplesmente virar as costas e deixar isso acontecer,

mas não é da minha natureza desobedecer a uma ordem, então não olho para ele. Olhando para o chão, eu digo: — Vincent. Ele é nosso irmão.

— É mesmo? — retruca Vincent.

Acenando com a cabeça, corro para o corredor para esperar com Eleni.

Ela olha para mim, aterrorizada.

Meu coração se agita. Odeio ver qualquer criatura sofrer, especialmente uma mulher. — Vai ficar tudo bem, — sussurro para ela.

Acenando com a cabeça, ela olha para o chão. Ela sabe, tão bem quanto eu, que nada ficará bem daqui para a frente.

Inclinando-me, encosto meu ouvido na porta, escutando.

— Largue sua arma, Gio.

— Por que eu deveria?

— Porque você é um péssimo atirador. Sempre foi. Você errou o tiro à queima-roupa de Eleni Moralis e, em vez disso, matou o irmão dela. E agora, você levantará sua arma para atirar em mim, e eu me moverei e mandarei uma bala em seu coração antes mesmo de você disparar um único tiro. Depois, caminharei até seu cadáver e enfiarei outra bala em seu crânio, só para ver seu sangue e miolos se espalharem pelo chão. Depois, irei para casa com Eleni e o deixarei aqui para ser comido por ratos grandes como cães. A menos que seja assim que você queira que isso aconteça, largue a porra da arma *agora*.

Abro a porta para ver o que está acontecendo.

Gio levanta as duas mãos e, agachado, coloca a arma no chão. Ele se levanta novamente. — E agora?

— E agora? — Vincent mantém sua arma apontada para Gio. — Johnny, — ele grita. — Traga-a para dentro.

Tenho essa sensação em minhas entranhas. Um presságio de que algo ainda pior está prestes a acontecer. — Vamos lá. — Aceno para Eleni enquanto saqueio minha arma. De alguma forma, acho que manter minha voz suave aliviará seus medos, mesmo depois de tudo o que ela viu e tudo o que está prestes a acontecer. — Vincent quer que entremos.

Quando ela olha para mim, seu rosto fica em branco.

Por um momento, eu me pergunto se ela vai fugir e se terei que persegui-la. Felizmente, ela não o faz. Em vez disso, ela me segue enquanto caminho com minha arma apontada para Gio. Eleni se aproxima de Vincent, dizendo seu nome suavemente, e eu tomo meu lugar no lado oposto ao dela, segurando minha arma apontada para Gio.

— Eleni, o que ele fez com você?

— Não, Vincent, por favor. Eu só quero ir para casa.

— E iremos. Mas não até que eu tenha terminado com ele. Então, vou lhe perguntar novamente: o que ele fez?

— O que você quer que eu diga, Vincent?

A resposta dela deve surpreendê-lo, pois ele parece abalado, e nada abala Vincent. — A verdade. — Ele suaviza sua voz. — Por favor.

— Vincent, o que você espera que eu faça aqui? Não sou um prêmio em uma feira rural, pelo qual você está competindo. Sou uma mulher. Uma mulher inteligente e funcional. Você sabe que ele matou meu irmão, o que mais importa? Isso é alguma competição entre vocês dois?

Juro que estou ouvindo o tique-taque de um relógio em algum lugar.

Minutos se passam até que ela volte a falar: — Ele me pegou na rua e me amarrou e amordaçou enquanto me mantinha no banco de trás do carro. Depois, dois de seus capangas idiotas me trouxeram até aqui. Eles me amarraram na cadeira e foi quando Gio lhe enviou a foto.

— E...?

— E o quê? Você não é meu dono, Vincent. Não pode me reivindicar com uma bandeira e uma declaração de propriedade.

Apesar de tudo, o canto da minha boca se contrai. Droga. Vincent encontrou seu par. Se não fosse pela gravidade da situação, eu daria uma risada.

— Não é isso que quero dizer, Eleni. Mas ele precisa pagar pelo que fez.

— Então deixe que a lei cuide disso.

— E por que você não deixou que a lei cuidasse disso há cinco anos? Porque você não se pode confiar na lei com uma escória como ele e sabe disso. — Ele pega a mão dela. — Você é advogada. Seu pai é policial. Diga-me, por que não entregou Gio e confiou no sistema?

Pequenas gotas de suor começam a se acumular em meu lábio superior. A tensão aqui dentro é palpável.

— Eu... — Eleni faz uma pausa por um momento. — Acho que vou vomitar. — Cobrindo a boca com a mão, ela corre.

— Vá com ela, Johnny. Leve-a para minha casa. Mantenha-a lá até eu voltar. — Vincent aponta sua arma para Gio.

Tomando cuidado com os corpos e o sangue, eu a persigo. Eu a encontro na metade da escada, sentada em um degrau, segurando as mãos contra a testa. — A melhor coisa a fazer é olhar para um ponto naquela parede distante, — eu a instruo.

Com tensão, ela se vira para ver quem está se aproximando. Ao ver que sou eu, ela relaxa e acena com a cabeça.

Eu me sento ao lado dela. — Então respire fundo, inspirando e expirando pelo nariz.

Ela tenta fazer o que eu digo, mas sua respiração é superficial e irregular.

— Aqui. — Aponto para a mão dela. — Posso pegar sua mão?

Acenando com a cabeça, ela observa com os olhos arregalados quando coloco sua mão em meu ombro. — Você sentirá melhor minha respiração se estiver tocando meu abdômen, mas considerando o humor de Vincent esta noite, é melhor tomarmos cuidado. — Eu sorrio para ela, mas ela ainda está muito abalada para responder com algo além de um olhar de medo. — Muito bem, feche os olhos e acompanhe minha respiração.

Hesitante, ela fecha os olhos.

— Tente combinar sua respiração com a minha. — Exagero em minhas inspirações e expirações para que ela possa sentir o ritmo em meus ombros.

Felizmente, em poucas respirações, sua respiração desacelerou.

Não é que eu queira apressá-la, mas quero colocá-la em segurança para que eu possa voltar para Vincent. — Está se sentindo melhor? — Pergunto.

Abrindo os olhos, ela sussurra: — Sim, obrigada. — Ela tira a mão e tenta se levantar.

— Espere. Vá devagar. — Eu lhe ofereço meu braço, e ela o pega para ter estabilidade, mas balança quando consegue se levantar. — Vá devagar, — repito. Ajudando-a a descer os degraus, eu a acompanho até à parede mais próxima. — Ela está fria. Coloque sua testa contra ela até que se sinta o mais normal possível.

Ela faz o que eu digo e depois levanta a cabeça.

— Capaz de andar?

— Acho que sim. — Ela acena com a cabeça

Com cuidado, descemos o próximo lance de escadas. Ela se vira para mim. — Como você sabia...

— Isso também costumava me incomodar. Aprendi a lidar com isso. Vamos torcer para que você nunca precise fazer isso.

Ela me dá um sorriso hesitante.

Chegamos ao andar térreo e saímos para a rua. Aceno com a cabeça para o carro que está esperando. — Esse é o carro do Vincent. Vá esperar lá dentro. Você estará segura com esses caras. Vou voltar para ver como ele está. Ele descerá assim que puder.

— Não vou entrar em outro carro, Johnny.

— Você estará segura.

— Tenho certeza. Mas vou ficar aqui fora, no ar frio. Isso está ajudando a acalmar meu estômago.

Limpando minha garganta, olho para o céu. — Está bonito cá fora, e eu entendo. Mas Vincent quer que você fique no carro. Você estará mais segura.

— Considerando o que acabei de sobreviver, acho que estou bem nas ruas. E se Vincent quiser ficar comigo de alguma forma, ele terá que se acostumar com o fato de que sou um ser humano, não um peão em seu jogo. Eu não recebo ordens dele. — Seu olhar cai para a calçada. — Desculpe. Não quis dizer isso como uma ofensa a você.

— Eu sei.

Ela olha para mim novamente.

— Eu também não faço tudo o que ele manda.

Damos uma risada e eu digo aos rapazes que a deixem ficar na rua, mas que a mantenham segura.

— Para onde você está indo? — ela pergunta.

— Voltar para Vincent. Acho que ele precisa de mim.

Ela acena com a cabeça. — Tenha cuidado.

Corro de volta pela porta, subo as escadas e entro pela porta dos fundos sem ser notado.

Slam! Slam! Vincent está chutando Gio repetidamente. Cristo, por esta altura ele já deve ter quebrado as costelas dele.

Gio rola para a frente de barriga para baixo.

Olhando para meu irmão mais novo, eu me pergunto: ele é capaz de ser um homem que mata seu irmão?

Levantando o pé, Vincent dá outro golpe impiedoso nas costelas de Gio.

Gio continua deitado, imóvel.

— Vincent? — Eu o chamo.

Ele se volta para mim. — Por que não levou Eleni para casa?

— Ele está morto? — Aceno com a cabeça para Gio.

Vincent fecha os olhos e os reabre, lentamente. — Por que não levou Eleni para casa?

— Ela está se recusando a entrar no carro. Tenho alguns homens com ela, mas ela está esperando por você na rua. Considerando tudo, não achei que você quisesse que a forçássemos.

— Não, não. Você tem razão.

— Ela está esperando por você, Vincent.

O olhar de Vincent se volta para Gio.

Eu entendo o que ele está vendo.

O sangue escorre da boca aberta de Gio, e suas costas estão completamente imóveis.

Ele está morto.

Olhando para um ponto preto no chão, forço minha respiração a desacelerar, como ensinei a Eleni.

Vincent pega sua jaqueta e a veste.

— Vai a algum lugar, irmãozinho? — Gio está agachado com uma arma em sua mão trêmula. Sim, ele foi espancado como um cachorro, mas ficar abaixado... a quietude.... ele estava fingindo.

E ele vai matar Vincent.

Gio está gostando de ver nosso irmão se enfurecer e sofrer.

Vincent permanece imóvel, recusando-se a levantar as mãos e implorar por misericórdia.

Mas eu vejo esse olhar nos olhos de Gio. Eu o conheço. Já vi seus olhos brilharem junto com aquele sorriso maníaco um milhão de vezes antes - quando éramos crianças e ele colocou fogo em um gatinho. Quando estávamos na escola, e ele estrangulou um garoto que zombou dele. E como adultos, sempre que uma situação precisava ser 'resolvida'.

É a aparência que ele tem agora. No momento em que ele atira...

BAM!

Agarrando o lado esquerdo de seu peito, Gio cai no chão. O sangue jorra sobre a madeira velha e manchada do chão do armazém.

Estranhamente, meu coração não está acelerado e minha respiração está calma. Abaixando minha arma, espero a onda de arrependimento e horror. Em vez disso, sinto apenas dormência. — Ele ia matar você, — sussurro.

— Sim.

Minha primeira morte. E foi meu irmão mais novo. Durante todos esses anos, eu acreditava que era diferente. Acreditava em protestos pacíficos e na não violência. Não havia como eu fazer algo assim. Eu nunca seria o homem que mataria alguém, e ainda por cima seu irmão.

Até que fui.

Parece que eu não sou quem eu pensava que era, então quem diabos sou eu?

— Vamos, — rosna Vincent.

Juntos, descemos as escadas dos fundos até ao carro.

Um

Johnny

Seis meses depois

— Acho que, Sr. DeSantis... — Com um tremor ruim e pernas instáveis, o Sr. Baldano se esforça para se levantar da cadeira velha e frágil, mas consegue, nada mal para noventa e um anos. — ...temos um acordo.

— Excelente. — Também fico de pé, mas me inclino. Normalmente, sou mais alto que ele, mas quero ter certeza de que não o intimidarei. Em lados opostos da escrivaninha desordenada, nós nos aproximamos e apertamos as mãos. — Mas, por favor, agora que as negociações comerciais terminaram, eu realmente insisto que você me chame de Johnny.

— Sabe, Johnny... — Soltando minha mão, ele sorri, expondo os dentes brancos contra a pele avermelhada. Respirando fundo, ele continua, — No ano passado, você fez muito pelo nome da família DeSantis com sua 'incursão' no... — fazendo uma pausa, ele coça o cabelo branco ralo. — ...negócio de loja de alimentos gourmet. Fico feliz que esteja se expandindo com suas trufas Alba. — Ele ergue a

mão, apontando para seu escritório bagunçado e superestofado. — Especialmente para lojas humildes como a nossa.

— O senhor é dono da maior cadeia de lojas de alimentos gourmet da cidade, Sr. Baldano. Eu dificilmente chamaria isso de humilde. E eu lhe agradeço por seu negócio e apoio.

Quando o Sr. Baldano sorri, o sorriso é pleno e generoso, com rugas nos olhos e nariz achatado. É o tipo de sorriso que meu pai nunca me deu. Ele já morreu há cerca de seis anos, mas ainda me incomoda o fato de eu nunca ter tido a chance de encerrar o assunto. Que eu nunca tenha descoberto por que, apesar de minhas origens, ele não me amava. E se ele me amava em algum nível e de alguma forma, certamente não me amava da mesma forma que amava Vincent. Esqueça meu pai idiota. Ele teve o que merecia. Em vez disso, concentrando-me no Sr. Baldano, meu sorriso surge facilmente em resposta.

— Pedirei ao Tony que ligue para você na segunda-feira para marcar a entrega. — Ele acena com a cabeça para mim.

— Obrigado. — Pego meus papéis na mesa e os coloco em minha pasta. Endireitando minha gravata de seda, aceno com a cabeça para a porta. — Por favor, não se preocupe, eu me encarregarei de sair.

— Ciao, Johnny.

— Ciao, Sr. Baldano.

Andando pela loja repleta de linguiças italianas artesanais, frutas e verduras frescas, talvez eu esteja mais feliz do que nunca há meses. Ou mais. Sim, Vincent me deu um osso, tornando-me CEO da DeSantis Foods Inc., mas eu realmente agradeço. E não, não estou completamente fora. Ainda estou atuando como consigliere de Vincent em todos os outros aspectos dos negócios. Mas pelo menos tenho algo de que

me orgulho e no qual posso me concentrar. E depois de atirar em Gio no último Natal.... um arrepio me invade. É o maldito ar-condicionado aqui. Só pode ser.

Ao atravessar a porta de vidro com a pesada maçaneta de latão e sair para a West Ninth Street, uma brisa quente de Manhattan ao meio-dia passa por mim. E não é a brisa comum de ar quente carregado com o cheiro de urina. É uma brisa mais leve, como na primavera nos Alpes, e é pontuada por algo... almiscarado. Diminuo a velocidade de minha caminhada. Não é qualquer coisa almiscarada, é perfume feminino.

Droga, esse cheiro almiscarado fica direto em minha virilha. Não preciso da complicação de uma mulher, e é por isso que, embora goste da companhia delas, nunca estabeleço relacionamentos duradouros. Não sou um jogador. Não uso nem me desfaço das mulheres, mas a questão do amor é algo com que não me sinto confortável.

Falando em desconfortável.... O mais discretamente que posso, dou um passo para o lado e tento criar espaço em minha calça. Faz muito tempo que não estou com uma mulher, e talvez seja a hora. Meu trabalho foi bem-sucedido hoje, talvez um almoço tranquilo nas proximidades e um quarto no W...

Deixando meu nariz me guiar como um cão de caça, viro de um lado para o outro, tentando encontrar a criatura ligada ao cheiro.

— Sr. DeSantis!

Que merda. É ela. Diana Walker. Colunista da revista diária de nossa cidade. Por que ela parece se materializar em todos os lugares que vou? Sem parar, viro à esquerda e atravesso a rua correndo. Com minhas pernas longas, não há como ela me acompanhar.

— Sr. DeSantis, espere!

Não estou sendo rude. Estou sendo o oposto de rude, seja lá o que isso for.

Mas essa garota está sendo grosseira. Ela estava do lado de fora da minha academia há duas semanas, às cinco da manhã. Depois, na semana passada, eu a peguei tomando café com o meu porteiro na rua, que, graças à sua lealdade, era um beco sem saída. E então, no início desta manhã, eu a vi do lado de fora da loja de Baldano, o que significa que estava esperando por mim.

No primeiro dia em que a vi, pedi a alguém que a investigasse. Sei exatamente quem ela é e o que faz. O que não sei é como ela pode pensar que eu - ou minha segurança - não a notaria me seguindo? E o que diabos ela acha que vai conseguir de mim?

E, mais importante, ela não entende que há um motivo pelo qual os repórteres não incomodam minha família?

Respirando fundo e fingindo não ouvi-la, dou um passo à frente na multidão crescente, contando com o mar de nova-iorquinos quentes e suados para mascarar o cheiro dela e a energia que estou recebendo dela.

Em minha visão periférica, eu a vejo abrindo caminho entre a multidão, mas é empurrada de volta. Que droga. Repórter ou não, ela ainda é uma mulher, e agora sinto que tenho de protegê-la desse mar de idiotas - como o idiota à esquerda dela que está tentando fodê-la com os olhos. É algo que um homem pode perceber em outro homem, mas é um sentido que normalmente não é despertado a menos que o babaca esteja tentando comer sua mulher com os olhos.

E essa garota, por mais bonita que seja, certamente não é minha mulher. De jeito nenhum.

— Sr. DeSantis, olá.

Maldito trânsito de Nova York. Se eu pudesse ter atravessado a Sixth como eu queria....Em vez disso, olho para ela. Com um metro e sessenta e cinco de altura e cabelos longos cor de castanha, ela tem um rosto bonito e suave e um corpo incrivelmente pequeno. Ela parece determinada, mas frágil ao mesmo tempo, e está despertando em mim todos os tipos de sentimentos que não quero despertar, especialmente em uma rua movimentada de Nova York.

— Desculpe, — limpei minha garganta. — Eu a conheço? — Talvez a abordagem inocente me dê tempo suficiente para que o trânsito fique livre e eu possa fugir. Ligar para Frank, meu motorista, não vai adiantar nada. Por algum motivo absurdo, eu disse-lhe para esperar na West Fourth. Para ele dar a volta, descer a Fifth e vir até mim... levará o dobro do tempo.

Felizmente, a luz muda.

— Saia daí, idiota, — um homem com uma camisa preta aberta esbarra em mim ao passar, e um mar de nova-iorquinos passa por nós.

O grupo atravessa a rua e, embora eu seja mais alto que a maioria deles, me deixo levar pela multidão.

A mulher se esforça para acompanhar, mas quando chegamos ao outro lado, ela coloca a mão em meu antebraço para me impedir.

Funciona. De pé na calçada, olho para a mão dela.

Ela a afasta. — Desculpe. Uh, não, você não me conhece. Pelo menos, ainda não. — Quando ela sorri, mostra dentes perfeitamente brancos. — Eu sou Diana Walker...

— ...Colunista do jornaleco de nossa cidade. Eu sei. — Deixo que o canto da minha boca se transforme em uma careta.

Seus olhos se arregalam e ela dá um pequeno passo para trás.

Bom. Pelo menos ela tem algum senso de autopreservação. Eu me permito dar uma olhada longa demais em seu corpo. Ela está usando uma blusa florida folgada que, mesmo desse ângulo, dá para ver que mal cobre a bunda dela com aquelas malditas leggings pretas.

Homem após homem passa por ela, observando-a discretamente, com seus olhares pousando em sua bundinha firme.

Que se foda. Ela está recebendo atenção demais, e a parte de mim que ainda se preocupa com as coisas quer tirá-la da rua, colocá-la no meu carro e depois na minha cama, onde poderei cuidar dela de todas as formas.

Ela não parece apenas frágil, ela parece totalmente quebrável. É como se eu pudesse pegar qualquer um de seus ossos, colocá-los entre meus dedos e, com o mínimo de força, fazê-los estalar! Eles se partiriam em dois.

Mas que se dane isso. Se ela quebrar, ela quebra. A mulher é uma repórter, e a família DeSantis não lida com repórteres. Começo a me mover, rapidamente, caminhando mais para o oeste, mas é sempre um aglomerado onde Greenwich entra. Mais uma vez, paro completamente. Esperando com impaciência, agarro a alça da minha pasta enquanto ônibus após ônibus passam. Meus ombros tensos se erguem e eu respiro fundo para relaxar.

Ao meu lado, um casal está de mãos dadas. O homem se inclina e beija a mulher.

Quando seus lábios se encontram, algo dentro de mim se agita. Às vezes, fico imaginando como seria ser amado. Vincent, meu irmão mais novo, encontrou o amor de sua vida e eles vão se casar em alguns meses. Mas, para mim, a questão é

sempre a mesma. Como começar a amar alguém quando não se tem ideia do que é o amor?

— Sr. De...Santis.

Droga. Eu me viro e lá está ela novamente.

Ela está engolindo profundamente o ar para recuperar o fôlego.

Enquanto eu a observo se recompor e ajeitar as mangas da blusa que abraça seus seios perfeitamente modelados. Meu coração - com o qual tenho me preocupado sinceramente desde a noite em que atirei em Gio - parece ter acordado. O suor se acumula em minha testa. Droga, está quente hoje. Nova York em junho não deveria estar tão quente. Normalmente, eu tiraria o paletó, mas ficar ao lado dela e com aquela maldita calça de ioga... posso usar toda a camuflagem que conseguir. — O que posso fazer por você, Sra. Walker?

— É senhorita. E Diana, por favor. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se me permite?

— Sobre o setor de alimentos? Você está tão dura que precisa usar suas habilidades de repórter investigativo sobre óleo de trufas?

— Não estou dura.

Aposto que sim. — Bem, se a senhora fizesse a lição de casa, Srta. Walker, — insisto, recusando-me a me dirigir a ela casualmente, — saberia que nenhum membro da família DeSantis dá entrevistas.

— Por quê? — Sua sobrancelha se ergue, questionando-me.

É isso aí. Dando-lhe as costas, atravesso o cruzamento movimentado, desviando dos poucos táxis amarelos que ainda são vistos com frequência nesta cidade. Por que diabos eu disse a Frank para esperar com o carro na West Fourth? Eu

deveria ter pedido que ele me pegasse em frente à loja de Baldano. Isso teria eliminado todos esses incômodos, como repórteres lindas com leggings, botas fora de estação, mas muito sexy, e blusas largas. Olhando para trás, vejo que ela está correndo atrás de mim.

Sua blusa esvoaçante abraça suas curvas enquanto corre.

Que droga. Isso é ridículo. Parando um pouco, eu me viro para ela.

Aparentemente assustada, ela leva a mão ao coração.

— Gostaria de alguma coisa, Srta. Walker?

Os cantos de sua boca se inclinam para baixo da maneira mais adorável. — Eu só estava pensando...

Aquela brisa alpina de cheiro doce passa por mim, mas agora que penso nisso, o aroma provavelmente vem dela.

— Oh... — Ela levanta o rosto para a brisa. — Belo dia, não é?

Posso sentir a carranca em meu rosto. — Claro. — *Pronto. Seja civilizado sem se envolver*.

— Sr. DeSantis, eu estava pensando...

Olho para ela.

Ela está parada e confiante. — Eu não costumo fazer isso...

O que diabos ela quer de mim? Mais uma olhada em seu corpinho firme e gostoso e decido que há coisas piores a fazer do que gastar algum tempo para descobrir. — O que você quer, Srta. Walker?

— Uma história.

O aroma de biscoitos de chocolate recém-assados flutua pela janela de uma padaria próxima.

— Receio que tenha o homem errado. Não tenho nada para compartilhar.

— Acho que tem.

Ela se apresenta bem, mas, por baixo de sua fachada, há algo genuíno e frágil. Eu particularmente não quero ser aquele que esmaga seu espírito. Deus sabe que a vida vai destruí-la em breve, por si só. — E o que seria isso?

— O casamento de seu irmão.

Meus ombros relaxam e eu libero ativamente os músculos tensos do núcleo. Uma pontada de... o quê? - desapontamento? - toma conta de mim. Por que eu ficaria desapontado? Não há nada em minha vida que eu queira compartilhar com o mundo, e os negócios da minha família devem ser mantidos em segredo. — Desculpe. É o casamento do meu irmão. Não é meu.

Ela morde o canto do lábio da maneira mais sedutora...

— Por que não pergunta a ele? Vincent?

— Vincent DeSantis? Eu nem sequer saberia onde encontrá-lo. Ele é mais reservado do que você. — Olhando para o chão por um segundo, ela volta a olhar para cima e faz contato visual. — Além disso, eu não queria.

— Por quê?

A tensão não é apenas espessa, é profunda, e eu me aproximo, preenchendo o espaço ao redor dela. É como se toda a Nova York desaparecesse e eu criasse uma bolha segura e sensual ao nosso redor.

— Eu queria sua opinião. Como padrinho. Por favor. — Ela quebra o contato visual primeiro e olha para as pessoas que sobem apressadas a Sexta Avenida.

Fiquei impressionado com seu perfil. Seu rosto é diferente dos rostos de outras mulheres pelas quais me sinto atraído. Por um lado, ela não tem maçãs do rosto largas nem lábios cheios. Seu rosto é estreito, com um nariz incrivelmente reto e olhos escuros e profundos, mas é tão perfeitamente proporcional que parece mais um desenho do que um rosto humano real. E não há nada de abertamente ou descaradamente sexual nela. Ela tem muita classe para isso. Francamente, ela é bastante... perfeita.

Exceto que ela é uma repórter, meu cérebro grita comigo. A única coisa pior seria se ela fosse membro da nossa família adversária - a família Drakos - os gregos. Graças a Deus, uma parte de mim ainda está sendo lógica. — Bem, Srta. Walker, receio que terei de desapontá-la. A única coisa que saberei é onde vou vestir meu smoking. E eu ainda nem tenho essa informação.

— Com certeza, sabe mais do que isso. Onde? Flores? Serviço de bufê?

Encolhendo os ombros, eu lhe dou um sorriso tenso. Se eu não gostasse de estar aqui, passando tempo com ela, já teria ido embora há muito tempo. Mas um pouco de flerte sem saída não faz mal, certo?

— Ok, esqueça o casamento. Que tal uma história de interesse humano? Eu vi você sair da Baldano. Sei que está se esforçando muito para fazer com que suas empresas de alimentos sejam bem-sucedidas... — Percebendo seu deslize, ela me encara com os olhos arregalados.

Então ela acha que sabe sobre mim e minha família. Mas, olhando para aqueles olhos profundos e escuros, sei que ela não consegue nem imaginar as atrocidades que testemunhei e os crimes que cometi.

— ...Concorrência legítima com os outros grandes fornecedores de alimentos da cidade.

Inteligente. Bela capa. — E?

— Este artigo o ajudará a obter mais exposição de uma forma... positiva. Permite que você controle a narrativa sobre o que está sendo dito a seu respeito.

— Será?

— Palavra de escoteiro. — Ela se balança nas pontas dos pés e depois volta a se abaixar. O vento aumenta novamente e ela se vira para ele, mas alguns fios de cabelo caem sobre seu rosto.

Sem pensar, estendo a mão e tiro-os da bochecha dela, colocando-os atrás da orelha.

— Obrigada. — Sua voz é um sussurro suave.

Repórter, Johnny, repórter. Enfio a mão na calça para criar mais espaço. Que diabos há de errado comigo? Eu não fico tão descontrolado perto de uma mulher desde que estive no ensino médio. E mesmo assim, eu me lembro de ter lidado melhor com isso.

Ela olha para mim com os cílios baixos. — Jante comigo. — Ela está olhando profundamente em meus olhos agora.

Pela primeira vez, vejo sinceridade em seu rosto e fico comovido com isso. — Sinto-me lisonjeado, mas não acho que seja uma boa ideia.

— Apenas um jantar. Por favor? Hoje à noite. Iremos para o meu apartamento para ficarmos a sós e conversarmos, e você poderá me contar qualquer história que quiser. E essa será a história que eu imprimirei. Prometo.

— Seus leitores se interessarão por minhas empresas de alimentos?

Ela sorri.

Não posso deixar de sorrir com ela.

— Acho que meus leitores ficarão incrivelmente interessados. Minhas leitoras. Especialmente se adicionarmos algumas fotos suas segurando uma lata de óleo de trufas. — Ela dá uma piscadela.

— Sem fotos. — Balancei a cabeça.

— Tudo bem. Vou contar a elas sobre sua programação de exercícios ou que você está se tornando um influenciador e que o óleo de trufa é a nova mania de saúde. Elas lerão o artigo todo só para saber o que estão perdendo. E comprarão seus produtos.

— Parece que está bastante segura de seus leitores.

— Hum. — Ela acena com a cabeça, mas não parece nem um pouco feliz. — Sr. DeSantis. Por favor, jante comigo. Apenas um jantar. Que mal poderia advir disso? — Ela sorri novamente. — Sou uma boa cozinheira. Pense nisso como um jantar de 'desculpe-me por persegui-lo'.

— Perseguição é uma ofensa criminal, você sabe.

Ela mostra um sorriso malicioso. — Vai me prender?

— Você tem sido muito, muito ruim... talvez eu tenha que revistar o suspeito. — *Que merda*. *Calma*, *Johnny. Calma.* Eu sei que tudo isso faz parte de um esquema elaborado que ela ainda não me contou, mas, olhando para seus olhos

suaves, eu realmente não dou a mínima. Ser usado por ela não parece ser a pior maneira de passar uma noite.

— Vamos lá. — Ela bate o pé de brincadeira. — Jantar.

— Está bem.

— Sim?

— Você parece surpresa. Devo dizer não?

— Não, não. — Ela parece ansiosa. — Eu adoraria que você viesse. Hum... — Ela se balança para a frente e para trás. — Sete?

Seu balanço fofo é cativante. *Muito* cativante. — Parece bom. — *O que está fazendo, Johnny? Uma re-pór-ter. O pior.* Quando isso acabar mal, o que vai acontecer, ela vai fazer algo contra a família, com certeza. Mas ainda assim... por mais forte que eu seja, e não importa de que coisas horríveis eu seja capaz, parece que não sou capaz de dizer não a Diana Walker.

— Eu moro na Bleecker. Logo abaixo da West Third. Estou no...

Levantando minha mão, eu a detenho no meio da frase. — Eu sei onde você mora.

— Como?

— No primeiro dia em que você me perseguiu. Eu mandei darem uma olhada.

— Oh. — Seus olhos se turvam, revelando medo e luxúria, e suas bochechas se enchem de cor. Ela pode estar atrás de mim apenas por causa de uma história, mas parece que não é avessa ao meu poder.

— Vejo você às sete, então.

— Até mais. — Deslizando a alça de sua bolsa enorme para cima em seu ombro, ela começa a se afastar. Faz uma pausa de apenas um momento para se virar e me dar um leve aceno. Em seguida, continua andando, desaparecendo na multidão da hora do almoço.

Enquanto ela faz isso, dou uma última olhada em uma das minhas vistas favoritas de Diana Walker.

Sim, jantar com uma repórter - mesmo uma repórter linda e inofensiva que escreve fofocas - é uma ideia estúpida, mas eu claramente estou em vantagem. Como sempre.

Eu sei exatamente quem ela é, mas ela não tem ideia de quem eu realmente sou.

Ou do que sou capaz.

Dois

Diana

— Oh, meu Deus. — Ao abrir a porta do forno, verifico os pratos de cerâmica cheios de comida chinesa que estão esquentando lá dentro. — O que eu estava pensando? Quem diabos serve comida chinesa para um italiano? — Eu sempre falo comigo mesma quando estou nervosa. Mas por que eu deveria estar nervosa?

Porque Johnny DeSantis está vindo para o meu apartamento. *Merda.*

Ao fechar a minúscula porta do forno, enxugo a transpiração na testa. Limpando os recipientes de comida chinesa da minha única bancada e jogando-os no lixo, meu monólogo interno começa a me questionar novamente. *Quem diabos convidou Johnny DeSantis para um jantar casual? Por que eu o convidei?* Porque ele é muito lindo, é por isso. Ele é alto, tem pelo menos 1,90 m de altura, cabelos castanhos escuros e uma leve barba abraçando seu maxilar forte, ele é o epítome da masculinidade. E seus olhos... azuis tão claros... são algo que eu nunca vi antes.

Não. Eu o convidei para obter uma história. Uma história que pode mudar minha vida. Ponto final.

Por falar em vida... a minha está segura? Estou prestes a ficar sozinha com Johnny DeSantis, supostamente o consigliere da família criminosa DeSantis. Claro,

esta manhã ele se mostrou inteligente e gentil, e senti uma paz genuína ao seu redor, mas ele vem de uma família de assassinos de sangue frio.

Meu coração está acelerado quando saio correndo da minha minúscula cozinha e entro no meu banheiro ainda menor. Agarrando as laterais da pia, olho para mim no espelho. Não consigo fazer isso. Talvez minha chefe, Victoria, esteja certa. Talvez eu não seja capaz de fazer nada mais do que artigos de fofoca. Talvez eu seja tão boa quanto a foto que eles publicam ao lado da minha coluna de fofocas.

— Não. — Balançando a cabeça, eu me animo. — Você pode fazer isso. Você nasceu para isso. Flerte um pouco, faça com que ele beba e converse... aconchegue-se a ele... deixe que ele fale o suficiente para, pelo menos, colocá-la na direção certa. Essa história fará com que você seja reconhecida e saia dessa maldita coluna para sempre. Você se tornará uma repórter respeitada.

Respirando fundo, recito as palavras que digo ao espelho todas as manhãs: — Você é Diana Walker, em homenagem a Diana, a deusa romana da caça. — Fecho as mãos e bato nas laterais da pia. Tudo bem, é piegas, mas ajuda, e preciso de toda a ajuda possível neste momento.

DING DONG!

Virando-me de frente para a porta, respiro fundo e olho para o meu telefone, que está na lateral da pia. Sete da noite em ponto. Então ele conseguiu. Ele encontrou o apartamento e realmente veio. Dando uma última olhada no espelho, ajusto o sutiã de renda que estou usando sob meu vestido preto muito simples, que é um pouco curto demais, justo na cintura e solto nos quadris. Acho que ele prefere a mulher jovem e vulnerável, então estou dando tudo de mim - mais Ariana Grande e menos Beyoncé - como se eu pudesse usar qualquer coisa que a Beyoncé usasse. Mesmo assim, não é ruim.

— Só um segundo, por favor, — eu grito. Mesmo parando na minúscula mesa de jantar para ajustar os guardanapos de pano branco nos pratos de vidro azul e girar as taças altas de vinho, levo apenas alguns segundos para atravessar o apartamento. Fico parada com minha mão na porta. Por todos os motivos, esse parece ser um daqueles momentos da vida que, quando acontece, muda você. Para sempre. — Quem é?

— Johnny.

Que droga. Esqueci como sua voz é profunda e suave. Respirando fundo, eu faço com que minhas mãos trêmulas fiquem firmes. *Certo, se recomponha, Diana*. Ao abrir a porta, ele me surpreende com o maior ramo de flores silvestres que já vi.

— Para você. — Ele as inclina em minha direção.

— Oh. — Isso eu não estava esperando. — Hum, obrigada, são lindas. — Pegando-as dele, olho de um lado para o outro. — Você está sozinho?

Sua sobrancelha se franze. — Estava esperando outra pessoa?

— Não, eu só estava pensando se o seu motorista estaria com você? — Motorista, guarda-costas. Tanto faz.

— Ah. — Ele levanta o queixo quando me provoca. — Não, ele está no carro bem na frente. Mas ele sabe que deve ficar de prontidão. Só para o caso de você tentar alguma coisa e eu precisar que ele me resgate.

— Bonitinho. — Eu sorrio.

— Ele fica esperando na frente até eu sair.

— Bem, ele pode comer alguma coisa se estiver com fome.

— Obrigado, é muito gentil. Mas ele está bem.

Respiro fundo e expiro lentamente. Eu realmente deveria desviar o olhar. Aquele maldito terno cinza escuro com uma camisa cinza-clara fica incrível nele. Mas é mais do que sua aparência. Como ele pode estar tão calmo e no controle? Ele é sexy demais.

— A propósito, você está muito bonita esta noite. — Há algo na maneira como ele fala... é tão formal e ao mesmo tempo relaxado. Como se ele nunca, jamais, duvidasse de uma palavra que diz.

— Obrigada.

— Então... — Ele olha ao meu redor e para dentro do apartamento.

— Desculpe, certo. É claro. — Eu me afasto. — Por favor, entre.

Ao entrar em meu apartamento, ele se aproxima de mim e, com os olhos fixos nos meus, fecha a porta atrás de nós.

Eu estremeço quando ela se fecha com um clique. Ele gira a fechadura e, de repente, percebo que estou presa em meu minúsculo apartamento com Johnny DeSantis. Meu estômago dá uma cambalhota, mas não estou convencida de que seja por causa do nervosismo. Meu coração está batendo forte, e a transpiração borbulha em minha testa. Estamos a centímetros de distância. Posso ouvir sua respiração, sentir seu hálito quente em mim e, ainda assim, quero estar ainda mais perto.

— Deixe-me só... — Ele aponta para o resto do apartamento.

— Sim. Uh, sim. É claro.

Movendo-se ao meu redor, ele tira os sapatos.

Olhando para suas meias pretas de cashmere, minha sobrancelha se ergue em uma pergunta.

— Eu morei na Ásia quando era mais jovem. Isso se tornou um hábito. Eu não estava pensando. Posso colocá-los de volta. — Ele aponta para a mesa de jantar colocada perto da janela. — Já que você fez um jantar tão bom. Talvez seja um pouco mais formal dessa forma.

— Não, mas obrigada. É muito educado. — Por um momento, pensei em tirar meus saltos e ficar confortável junto com ele, mas então me lembrei de que os sapatos deixam minha roupa mais apresentável, e isso é trabalho.

Isto não é um encontro, Diana. Este é Johnny DeSantis. Se recomponha.

Balançando a cabeça, eu me dirijo à sala de estar. — Por favor. Sente-se no sofá, se quiser. — Aponto para o meu único sofá branco e fino da loja de móveis da ilha. — Vou colocar isso na água e pegar o vinho.

As flores são lindas, por isso, graças a Deus que tenho um belo vaso. Colocando as flores no vaso de cristal, eu as levo para a mesa com as mãos trêmulas. Estou grata por ter algo em que me concentrar além dele e do que estou tentando fazer. Meus nervos estão me deixando nervosa, mas, até agora, não deixei cair nem quebrei nada. *Vamos lá.* Pegando as taças de vinho da mesa, volto para a cozinha e tiro um saca-rolhas da gaveta. Pegando uma garrafa de vinho da geladeira, olho na direção dele: — Espero que o Chardonnay esteja bom.

— É claro. Obrigado a você. Mas deixe-me. — De repente, ele está ao meu lado. Então, isso não foi uma oferta. Ele estava me dizendo como seria. Ele estaria abrindo o vinho.

Mais uma vez, estou perto demais dele, mas estou inundada por essa combinação incapacitante de emoções - estou assustada e excitada ao mesmo tempo - e não consigo me afastar. Em segundos, ele abriu a rolha do vinho e está despejando-o em nossas taças.

— Isso teria me levado muito mais tempo. Você trabalha como sommelier ou algo assim?

— Haha. — Ele inclina a cabeça para trás enquanto ri, e então olha para mim, sorrindo. Olhando em meus olhos, é como se meus pensamentos estivessem escritos e ele os estivesse lendo linha por linha.

Eu me forço a desviar o olhar para minha taça de vinho. — Obrigada. Gostaria de se sentar?

Estendendo a mão para que eu me aproxime dele, caminhamos até ao sofá.

Quando tento entrar na sala de estar, não consigo manter minhas mãos trêmulas e pequenas gotas de vinho espirram da taça, manchando minhas mãos. — Sente-se, por favor.

Segurando a gravata em seu peito largo, ele se senta.

Tenho de conter uma risada quando vejo o espaço que ele ocupa em meu sofá pequeno. Posso me esticar toda para tirar um cochilo, mas só de sentar, a largura dos ombros de Johnny ocupa a maior parte do espaço. Ele passa o braço pelo encosto do sofá, e meu núcleo se aquece. Se eu me sentasse ao lado dele, seu braço ficaria em volta dos meus ombros...

Foco, Diana, foco.

Respirando fundo e sentando-me rigidamente ao lado dele, tomo um longo gole para acalmar meus nervos. Brincar de gato e rato com um consigliere de uma família criminosa da máfia é mais estressante do que eu esperava. Mas eu posso fazer isso.

Mas como, exatamente, devo começar? *Então, Johnny, qual é a profundidade da máfia em sua família e o que eles controlam?* Não parece ser um

começo de conversa casual. Tenho de ser esperta. — Então, você disse que tem negócios com Baldano? O que você vai fazer com eles?

— Estamos trazendo novos produtos de trufas de alta qualidade. Estamos nos expandindo para além do óleo de trufas.

— Como?

— Começamos a fabricar uma linha totalmente nova. Cogumelos e trufas 'tartufata'[1], arroz com trufas secas, trufas fatiadas em óleo, sais, manteigas e até mel. A lista é interminável. — Virando-se para o outro lado, ele toma um gole de seu vinho. — É claro que deve ser muito chato me ouvir listar um monte de alimentos.

— Não. Nada disso. É bom ver sua paixão pelo trabalho. Muitas pessoas não têm isso.

— Mas você tem. — Ele levanta o copo e um sorriso irônico começa em um canto da boca.

Limpando a garganta, desvio o olhar. — Meu trabalho atual é bom. Mas, acima de tudo, gosto do que meu trabalho poderia ser. O que eu poderia ser, eventualmente.

— Sinto muito em ouvir isso.

— Por quê?

— Porque viver em qualquer tempo que não seja o momento presente é uma receita para a infelicidade. Pensar apenas no próximo objetivo nunca trará felicidade. Essa é uma crença fundamental do Zen Budismo.

[1] Tartufata é um molho oriundo de Itália feito com cogumelos, trufas, azeite, alho e ervas. Ele pode ser usado em combinação com vários pratos de massa e arroz e é ideal para fazer omeletes.

— Você é budista? — Que tipo de família mafiosa tem um budista como consigliere?

Ele coloca a taça de vinho sobre a mesa e se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados em suas coxas fortes. Vira a cabeça para me encarar. — Por que isso é tão surpreendente?

Droga. — Eu apenas não conheci muitos budistas morando em Nova York.

— Há mais do que você imagina. E eu não sou budista. Apenas acredito e sigo alguns dos ensinamentos de Buda.

— Como?

— Como Buda diz que, no final, apenas três coisas importam: o quanto você amou, quão gentilmente você viveu e... — Ele se inclina para mais perto de mim enquanto fala, — ...com que graça você se livra das coisas que não foram feitas para você. — Seu olhar se fixa fortemente no meu e então ele vira o nariz para cima, farejando o ar. — Diana, o jantar está queimando?

— Oh, droga! — Levantando-me, corro para o forno e abro a porta. A fumaça sai enquanto eu abano o ar com pegadores de panela e toalhas. — Eu o superaqueci.

Ele está ao meu lado, tirando pratos do forno antes de correr para as janelas e abri-las. — Por que o seu detector de fumaça não está disparando?

— Não tenho nenhum.

— O quê?

Dou de ombros, ainda abanando o ar.

— Isso não é seguro. — Ele está de pé, com as sobrancelhas franzidas. — Você tem um ventilador?

Tossindo, apontei para o banheiro.

Sem hesitar, ele corre para pegar o ventilador e o coloca para soltar fumaça pela janela. Ele se vira para mim com uma expressão severa. — Dê-me o número do seu senhorio, por favor.

— Meu senhorio? — Isso é tudo o que preciso. — Não, mas obrigada. Eu cuidarei disso. De verdade. Não quero causar nenhum problema. Estou conseguindo um ótimo negócio aqui, e se eu atrapalhar...

Suspirando e passando a mão pelos cabelos escuros e perfeitamente arrumados, ele fixa o olhar em mim.

— O quê?

— Só não estou acostumado com pessoas que me desobedecem.

Desobedecer a ele?

Nunca antes tive uma reação tão visceral a algo. Minha respiração fica ofegante e, ao apertar as pernas, minha calcinha fica úmida. O que significa 'desobedecer' a Johnny DeSantis, e o que acontecerá comigo se eu o fizer? O que ele fará comigo como punição? Quase rosno quando a vertigem sobe pela minha barriga, fazendo meus mamilos formigarem. Meu olhar cai para suas mãos grandes e fortes enquanto o vejo pegar o celular e mandar uma mensagem para alguém. Por que eu quero desesperadamente descobrir o que significa ser disciplinada por Johnny DeSantis?

Ao terminar, ele coloca o telefone no bolso externo do paletó. — Então, vamos comer? — Ele acena com a cabeça para a mesa.

Concentre-se, Diana. Foco!

— Uh, sim. Claro. — Balançando a cabeça, tento entender a situação. Ainda estou me recuperando do comentário ‘desobedecer’. — Hum, alguns dos pratos podem ser salvos. O Buddha's Delight deve ser bem do seu agrado, — provoco, tentando recuperar alguma noção da realidade.

Ele sorri um sorriso caloroso e *tão sexy*. Que droga.

— Você se importa se eu tirar minha jaqueta? Está quente aqui dentro.

Lá isso é verdade! — Claro que não. Deixe-o no sofá.

Depois de colocar sua jaqueta no encosto do sofá, ele se junta a mim na cozinha, onde mal há espaço suficiente para nós dois. Ainda assim, de alguma forma, está tudo bem. Ele pega os pratos e os leva para a mesa superlotada. Levamos as flores e uma tigela de arroz para o parapeito da janela para termos mais espaço.

Quando estou de pé ao lado da minha cadeira, ele se aproxima por trás de mim e sinto um surpreendente aroma de madeira. Tenho que me conter para não soltar um pequeno gemido em resposta. Segurando a cadeira para mim, eu me sento e ele a empurra até à mesa. Oh. Meu. Deus. Tão. Sexy. Eu nunca tinha saído com um homem que segurasse minha cadeira para mim, e uma dor se formou entre minhas pernas. Há algo tão formal nele, mas tão casual ao mesmo tempo. E, caramba, funciona.

Mas isso não é um encontro, Diana!

Fechando os olhos, repito meu mantra da noite: *Isso não é um encontro. É estritamente trabalho.*

Caminhando para o outro lado da mesa, ele também se senta.

Levanto uma colherada de Lo Mein de camarão e a ofereço a ele.

— Por favor. As senhoras primeiro. Eu insisto. — Ele acena com a cabeça.

Jesus. Até onde pode chegar seu fator de sensualidade? Desta vez, tenho de apertar minhas pernas para aliviar a pressão crescente.

Depois de enchermos nossos pratos e ele seguir meu exemplo usando os pauzinhos, preciso ir direto ao assunto. Talvez eu nunca mais veja esse homem e não posso desperdiçar minha chance. Tento uma abordagem com tato. — Decidi pelo chinês porque tenho certeza de que nunca conseguiria fazer um italiano tão bom quanto o que você está acostumado.

— Eu adoro comida chinesa. E também adoro o do Ming. — Ele dá uma piscadela.

Eu sorrio em resposta. — Você adivinhou que eu não cozinhei isso, não é?

— Acho que você é uma jovem muito ocupada e provavelmente não tem tempo para cozinhar. Minha única pergunta é: quão jovem você é, exatamente?

Sentada, eu sorrio. — Certo, o jogo de perguntas. Adoro isso.

— Aposto que sim. — Ele coloca um camarão na boca.

— Eu respondo a uma se você responder a outra. Tenho vinte e seis anos.

Suas sobrancelhas se erguem e linhas finas se enrugam em sua testa.

— Por que está surpreso? — pergunto.

— Não estou.

Aponto para suas sobrancelhas. — Suas sobrancelhas acabaram de se erguer. Essa é a sua revelação.

— Você é boa com detalhes.

Levanto minha taça de vinho e brindo antes de tomar um gole. — Sua vez.

— Tenho trinta e quatro anos. — Ele se inclina para a frente.

É como se ele estivesse ocupando todo o espaço do meu pequeno apartamento. É uma sensação muito boa. — Legal. Mas essa não foi minha pergunta.

— Não? — Sentando-se, ele bebe seu vinho. — Bem, então, atire.

Atire. Essa seria uma pergunta. *Quantas pessoas você já matou, exatamente?* Mas não posso. *Tato, Diana, tato.* — Conte-me sobre sua infância.

Seu corpo se retrai ligeiramente e suas narinas se dilatam. Essa pergunta parece mais chocante para ele do que se eu *tivesse* perguntado quantas pessoas ele... matou. Ele se recompõe colocando os dois cotovelos na mesa e entrelaçando os dedos. — Como qualquer outra pessoa, eu acho.

— Você era feliz? Algum irmão de quem você era próximo?

— Eu era tão feliz quanto qualquer outra criança, imagino. E eu era, e sou, muito próximo de meu irmão, Vincent.

Vincent DeSantis. O Don da família criminosa DeSantis. Engolindo com dificuldade, eu insisto: — Você está feliz que ele vai se casar?

— Sim, gosto muito de sua noiva. E ela sabe o que significa estar com Vincent.

Ele me olha de uma forma que me faz sentir como um inseto sob uma lente de aumento no sol quente. *Será que estou fora de meu alcance aqui?* — Oh..... Isso é bom. Que você goste dela, quero dizer. Quando estavam crescendo, eram só vocês dois?

— Não. — Ele ainda não desviou o olhar.

De repente, sei como é ser a presa de um mestre predador. Sinto-me atraída, mas assustada ao mesmo tempo. Tremendo, respiro fundo e continuo perguntando: — Quem mais?

— Eu tinha outro irmão. Gio.

Tentando parecer o mais calma possível, levanto meu vinho. — Tinha? — Tomo um gole casualmente.

— Ele não está mais conosco.

— Sinto muito.

— Obrigado. — Ele ajeita a gravata e sorri. — Acho que foi um monte de perguntas para mim e nenhuma para você. É a minha vez. Você tem irmãos ou irmãs?

Acenando com a cabeça, engulo e respondo: — Uma. Tenho uma irmã, Bree. E um sobrinho, Daniel. Ele tem quatro anos.

— São próximas?

— Muito. Somos tudo que nos resta. — Pensar em Bree e Daniel e no quanto eles precisam de ajuda me dá uma nova coragem para chegar ao fundo da história da família DeSantis. Qualquer coisa que eu possa descobrir me ajudará a conseguir uma boa história e uma chance de provar meu valor como repórter. — Seu irmão também está no ramo de alimentos?

— Sim. E também tenho um grande grupo de primos na Itália. Alguns também estão no negócio de alimentos da família, enquanto outros se ramificaram em outros tipos de negócios.

— *Ah? Mas voltando ao seu irmão. Ele também lida com importações da Itália? — Vamos lá, Johnny, me dê sindicatos, me dê lixo, me dê docas, me dê alguma coisa.*

— Un-uh. É a minha vez. — Inclinando-se para a frente, ele parece tão poderoso.

— O-okay.

— Por que me convidou para jantar aqui?

— Por que veio? — Eu respondo.

— Eu vim porque você me pediu. Por que me convidou? — Ele dispara suas perguntas rapidamente como se estivesse disparando uma metralhadora.

— Eu lhe disse... — Minha voz vacila, mas limpo a garganta e continuo: — Como um 'desculpe' por persegui-lo.

— E? — Ele está insistindo muito.

KNOCK, KNOCK!

— Oh! — Pulando, quase derramei meu vinho em mim mesma.

Ele se inclina para a frente e me ajuda a firmar o copo.

— Obrigada. A batida me assustou. — Colocando uma mão no peito para acalmar meu coração acelerado, eu me levanto. — Não estou esperando ninguém.

— Estou indo. — Antes que eu possa ir até à porta, ele já está lá, atendendo.

É como se morássemos juntos e essa fosse a casa dele também, ou como se ele fosse um namorado superprotetor... o que provavelmente é. Borboletas se espalham pelo meu abdômen, e a dor entre as minhas pernas se intensifica. Por que a ideia de Johnny DeSantis como um namorado possessivo é tão excitante?

Ao abrir a porta, ele cumprimenta um homem com um terno azul de operário que entra com uma escada e algumas caixas pretas.

Com os olhos arregalados, vejo a imagem ao lado: *detectores de fumaça*.

— Onde gostaria de tê-los, senhor?

Senhor?

— Os detectores de fumaça na cozinha e no corredor, e o detector de CO2 baixo perto da janela aqui, por favor.

— Eu, uh... — Minha voz se desvanece.

O homem começa a trabalhar, e eu fico atônita. O choque do que está acontecendo me deixa paralisada e sem palavras.

Leva apenas alguns minutos para o homem instalar os detectores e testá-los.

Em seguida, Johnny mostra a saída ao homem, dando-lhe uma nota de cem antes de sair. Fechando a porta atrás do homem, Johnny se vira para mim.

A luxúria me percorre como nunca antes. Que se dane a história. Meu peito está arfando com a respiração e minhas palmas estão suadas.

— Pronto. Agora você está a salvo. Pelo menos de comida queimada, o que eu acho que pode ser uma ocorrência regular?

Abaixando o queixo, respiro fundo e solto o ar pela boca. A pulsação entre minhas pernas é dolorosa e estou desesperada para me libertar. Tudo o que eu teria de fazer é caminhar até ele e colocar uma perna ao redor de seus quadris...

Ele poderia facilmente me levantar em sua cintura e me levar até à parede.

— Diana? — Ele inclina a cabeça. — Você está com raiva de mim?

Balanço a cabeça. Tudo isso - ele, a maneira como se senta, seu cheiro, a maneira como cuidou de mim, a maneira como lidou com a situação - tudo isso foi a coisa mais sexy que já experimentei.

— Sinto muito, mas não consigo entender o que está acontecendo aqui. — As sobrancelhas de Johnny se franzem. Ele está obviamente confuso com meu comportamento.

Como um touro que vai atacar, minha respiração vem em pequenas expirações. Agora tenho que me impedir de pular em cima dele e fechar minha boca na dele.

— Diana, — ele rosna sem fôlego. — Precisamos ter cuidado...

Ele deve ser capaz de ler o olhar em meus olhos. Mas por quê? Por que temos de ser cuidadosos?

Não. Pare com isso, Diana! Maldita seja essa vozinha estúpida de lógica em meu cérebro. Mas ela está certa. A atenção de um homem tem uma data de validade. Eles são bons apenas por um curto período. Nunca ficam por perto. Veja o marido de Bree. Ele foi embora assim que receberam o diagnóstico de Daniel. E ele era para ser um dos mocinhos.

Não, os homens não são para sempre e, infelizmente, terei que procurar por uma transa em outro lugar. Johnny DeSantis é importante demais para ser jogado fora. Tenho que contar a história de sua família. Posso estar mais perto do que qualquer outro repórter já esteve, e não posso desperdiçar minha chance. — Sobre o quê? — Sinto o cheiro de sexo nele, assim como ele sente em mim.

— Diana... — Ele abaixa o queixo e, juro, seus ombros se alargam ainda mais. — Acho que você sabe.

— A comida? — Inclino minha cabeça, brincando com ele. — Sim. Está muito quente. Devemos ter cuidado.

— Sim. Deveríamos.

Caminhando lentamente até ele, paro bem na sua frente. Seu peito está erguido e meus mamilos endurecem só de estar tão perto dele. Fechando meus olhos,

sua presença me envolve. Sinto-me segura, querida e desejada..... É o momento mais íntimo que já tive.

O problema é que eu deveria estar interpretando-o para uma história, mas, como uma atriz presa em um papel, estou tendo muita dificuldade em saber o que é real e o que não é.

— Diana... — Ele estende a mão, coloca um dedo sob meu queixo e o inclina para cima.

Olho fixamente em seus olhos.... Talvez um beijo não estrague tudo. Talvez um beijo possa...

Deixando cair o dedo, ele se afasta. — Essa não é uma boa ideia. Nós não nos conhecemos de fato.

— O que não é uma boa ideia? — Eu me aproximo ainda mais. — Conversar?

Acenando com a cabeça, ele franze os lábios. — A questão é a seguinte, Diana Walker, estou insanamente atraído por você. Na verdade, não consigo me lembrar de nenhum momento em minha vida em que tenha desejado tanto uma mulher. E, no entanto, apesar da minha atração, sinto que estou sendo enganado, e não gosto disso. Não sei o que você acha que posso lhe oferecer e não sei por que está me enganando. Mas está. — Ele estendse a mão para pegar o paletó no sofá.

Eu o pego antes dele. — Você está indo?

— Acho que é o melhor.

— Sinto muito que não tenha ficado para a sobremesa, — sussurro. — Achei que estávamos nos dando bem. — Passo por trás dele e seguro o paletó aberto para ele.

Enquanto ele se abaixa, entrando em sua jaqueta, coloco minha mão em seu bolso e pego seu telefone. Ele se vira para mim, e eu fico de pé, com as mãos atrás das costas.

Meu coração está batendo tão alto e com tanta força que não consigo ouvir mais nada. Acabei de roubar o celular de Johnny DeSantis e, se ele me pegar... vai ficar furioso. De verdade. Não será um castigo divertido como aqueles com os quais eu estava fantasiando. Já ouvi histórias sobre a família DeSantis - e, se não eles diretamente, outras pessoas em sua linha de 'trabalho'. Li sobre seus meios de intimidação... espancamentos, ossos quebrados, tortura... assassinato...

E, de um ponto de vista mais prático, se ele for embora com o telefone, terei perdido minha única conexão com a pessoa que pode me dar uma grande oportunidade.

Ao apertar o telefone com mais força, ele escorrega em minhas mãos suadas.

— Huh! — Abaixando-me, eu o pego atrás das costas antes que ele veja alguma coisa, e então me endireito novamente.

— Você está bem?

— Sim. Desculpe.

— Bem, uh, adeus, Diana. Obrigado pelo jantar.

— Adeus, Johnny. Obrigada pelas flores. E pelos detectores de fumaça.

Acenando com a cabeça, ele se vira e sai pela porta. Corro para trancá-la atrás dele. Correndo para a janela, espero vê-lo entrar em seu carro. — Vamos lá, vamos lá...

No alvo. Alguém salta do banco do motorista e a figura alta, morena e forte de Johnny entra no banco de trás. O carro se afasta em alta velocidade.

Segurando o telefone de Johnny com força na mão, corro para pegar meu telefone e enviar uma mensagem de texto para minha melhor amiga, Alexa.

— Posso passar a noite aí?

Claro! — Ela responde a mensagem de texto quase instantaneamente.

Perfeito. Correndo pelo apartamento, preparo uma bolsa para a noite, completa com roupas de trabalho bonitas para amanhã. Coloco o telefone dele dentro da bolsa e a aperto contra o peito enquanto desço as escadas dos fundos do meu prédio e saio sorrateiramente pela noite. Ao chamar um táxi e entrar no banco de trás, estou suando e tremendo como se tivesse acabado de fugir de um monstro.

Talvez tenha.

Ao me sentar, sinto uma alegria imensa. Em parte, é porque estou indo para o único lugar que Johnny DeSantis jamais saberia procurar ou ousaria me encontrar - o apartamento de Alexa Drakos, a irmã mais nova da família Drakos - a família mafiosa grega em conflito com a família criminosa DeSantis.

Mas o outro motivo que me deixa animada é que usarei o telefone dele para preparar uma armadilha. Amanhã de manhã, terei Johnny DeSantis no escritório do meu jornal, onde o forçarei a encontrar Victoria, minha chefe, e finalmente me contar a história - ou uma história - da família DeSantis em troca do telefone.

E então, talvez, Victoria finalmente perceba minha lealdade e me recompense com uma oportunidade de um trabalho a sério.

E Johnny DeSantis entenderá com quem está brincando.

Três

Diana

Tique, tique, tique...

Oito e um.

Minha chefe, Victoria Blithe, mantém um velho relógio analógico na parede, e cada segundo que passa é anunciado com outro *tique-taque* irritante. Na maioria dos dias, isso é apenas irritante, mas hoje está insuportável.

Johnny DeSantis vai entrar no meu jogo? Ou será que ele cancelou seu telefone, comprou um novo e já me descartou como um incômodo a ser evitado no futuro? Ou pior, me esqueceu completamente?

Tique, tique, tique...

Girando o telefone dele na minha mão, a capa de couro é macia e... inclinando-me para a frente, sinto o cheiro pela milionésima vez esta manhã. Como ele guarda o telefone no bolso da jaqueta contra o peito com tanta frequência, o couro tem um cheiro de madeira, como ele.

Vamos lá, Johnny. Corri direto do apartamento de Alexa para o meu escritório e estou sentada aqui desde as cinco da manhã, só para ter certeza de que ele

não me veria em nenhum outro lugar que não fosse aqui. Meu território. Isso me dá uma vantagem, porque, com Johnny DeSantis, preciso de toda vantagem que puder obter.

DING!

Sentada ereta, quase deixo cair o telefone quando o elevador para no nosso andar. Segurando-o com as palmas das mãos suadas, eu me esforço para colocar o telefone sobre a mesa. Olhando para além da sala de conferências e para o corredor, tento dar uma olhada nele enquanto acalmo meu coração acelerado.

Em nossa sala de redação de conceito aberto, minha mesa está voltada para as janelas de vidro que dão para o corredor. E, exceto pelo fato de ter que olhar através da sala de conferências para ver o elevador, é o ponto de vista perfeito. Uma mecha de cabelo loiro e branco bate nas costas das cadeiras da sala de reuniões quando alguém caminha pelo corredor.

Que porcaria. Esse cabelo só pode significar que é Victoria.

Meu estômago se revira e os dois cafés extras que tomei esta manhã estão fazendo minhas mãos tremerem. É o café, certo? Não é possível que eu me sinta *tão* atraída por Johnny DeSantis. Sim, ele é lindo, inteligente e muito sexy, mas também é perigoso. Algo que esqueci ontem à noite, quando me deixei levar por ele e pela ideia do que aconteceria se eu o 'desobedecesse'. Mas não mais. De agora em diante, serei cuidadosa. Johnny DeSantis não é perigoso de uma forma legal e divertida. Se eu estiver certa sobre essa família, Johnny DeSantis vem de uma longa linhagem de assassinos de sangue frio.

Mas por que me sinto tão segura perto dele?

— Dia ruim já? — Victoria passa com um casaco de cashmere enrolado em seus ombros largos. Ela carrega três jornais diferentes em um braço e uma xícara de café gourmet no outro.

Na verdade, é um café com leite. Sei disso porque, antes de ser 'promovida' a redatora de artigos para o nosso jornal, eu era sua assistente e isso significava que eu pegava seu café. — Não, por quê? — Eu me sento mais alto e brinco com o mouse, despertando o computador. Gostaria que pelo menos parecesse que eu estava trabalhando.

— Você está com uma carranca no rosto. — Ela franze a testa de forma exagerada para mostrar seu ponto de vista. — Anime-se, Diana. Como algo pode ser ruim para você? Você tem o quê, dezoito anos? E é linda.

Odeio quando ela faz isso. Ela sabe que tenho 26 anos e não quis dizer o comentário 'linda' como um elogio. Ela quis dizer isso para me desprezar. Todos os dias, ela menospreza meu trabalho porque alguém com minha aparência, seja lá o que isso signifique, não pode ser inteligente e, definitivamente, não pode ser uma boa repórter. E, para constar, a maioria das mulheres desta cidade é muito mais bonita do que eu. Victoria só tem isso comigo.

Bem, que se dane você, Victoria. Estou prestes a contar uma história que vai deixar seus cabelos crespos em pé e forçá-la a finalmente me levar a sério.

DING!

Que droga. Olhando novamente para o corredor, eu o vejo. Ele é muito mais alto que Victoria. Posso ver todo o seu perfil acima das costas das cadeiras.

Inclinando a cabeça, Victoria segue meu olhar para ver o que está chamando minha atenção. — Oh. — Ela levanta o queixo. — Acho que *isso é* para você?

— Mm-hm. — Agarrando os braços de minha cadeira, luto por um pensamento coeso. — Sim. Acho que sim.

— Que pena. — Ela suspira. — Bem, estarei em meu escritório se você, ou melhor ainda, *ele*, precisar de mim para qualquer coisa.

— Ok, ótimo. — Quero que Victoria vá embora. Sim, quero que ela conheça Johnny e veja o que estou fazendo, mas quero que seja nos meus termos. E se ele vier aqui e me envergonhar? Minhas bochechas esquentam ao pensar nisso. E se ele fizer uma cena? Essas são coisas que eu não considerei quando peguei o telefone dele ontem à noite, embora eu duvide que ele faça uma cena por qualquer coisa...

Minha respiração fica presa na garganta e eu me levanto lentamente quando a porta se abre.

Entra Johnny DeSantis.

Eu paro um momento para analisá-lo. Como ele pode ser ainda mais atraente do que era na noite passada? O terno azul-marinho fica tão bem nele quanto o cinza, e a camisa azul-clara que ele usa destaca seus olhos. Mas é o que está abaixo de seus olhos....Não consigo deixar de olhar para a sombra da barba por fazer que cobre sua mandíbula forte e poderosa.

Mmmmmm...

Fechando os olhos, paro um momento para me controlar e, depois de abri-los, faço contato visual. — Johnny. — Finjo alívio, acalmando minhas mãos trêmulas. — Estou muito feliz por ter me procurado aqui.

— Está? — De pé no lado oposto da minha mesa, sua sobrancelha se ergue. — Acho que você tem algo que é meu. — Ele estende a mão.

— Sim. Estou muito feliz por tê-lo encontrado no meu sofá e por não ter sido colocado atrás de alguns travesseiros para nunca mais ser visto.

— Bem, tenho certeza de que você deve tê-lo ouvido tocar em uma das inúmeras vezes que eu liguei ontem à noite...

— Não ouvi nada. — Essa é a verdade. Diminuir o volume do telefone antes de enterrá-lo em minha bolsa de noite - e depois jogar a bolsa no armário do quarto de hóspedes de Alexa - tinha silenciado efetivamente qualquer ruído.

— Então... — Ele acena com os dedos. — Posso pegar, por favor?

— É claro. — Sentada, giro em minha cadeira, brincando com o telefone entre os dedos e aproveitando esse momento de poder. Estou incrivelmente feliz por ter parado o suficiente ontem à noite para me lembrar de comprar uma roupa bonita para o trabalho - uma calça preta skinny com uma regata branca folgada que abraça meus seios, mas só chega até à cintura. Então, hoje de manhã, peguei uma jaqueta de cor creme, solta, mas ainda um pouco ajustada, de Alexa, que agora está pendurada no encosto da minha cadeira. Talvez eu devesse colocar meus pés sobre a mesa para enfatizar minha facilidade e posição de poder?

— Meu telefone? — Seu olhar afiado se fixa em meu rosto.

Seus olhos me lembram do perigo. De repente, paro de girar e dou um solavanco para a frente em minha cadeira. — É claro. Sob uma condição.

— Qual?

— Que conheça minha chefe, Victoria.

— Por que eu faria isso?

— Porque ela me odeia e acha que só sou sirvo para escrever fofocas. E...

— ...me desfilando pelo escritório dela...

— ...Não é exatamente um desfile...

— ...fará com que ela pense que você tem alguma legitimidade? Por quê?

— Porque... — Droga. Como se diz isso? — Ela me respeitará só por conhecê-lo, um homem de negócios bem-sucedido. E então, depois que a conhecer, vou levá-lo para almoçar e poderemos finalmente terminar essa entrevista. Sobre sua empresa de alimentos. — Uau. Minha atitude de chefe feminina está pegando fogo esta manhã.

— Achei que você tinha dito uma condição.

— É uma condição. Apenas em duas partes.

A lateral de sua boca se transforma em um sorriso de escárnio. — E por que eu não deveria simplesmente atravessar a mesa agora e pegar o telefone da sua mão de boneca?

Segurando o telefone, dou um sorriso que, espero, camufle meu nervosismo. — Porque é mais divertido flertar comigo.

— Tem certeza disso?

De pé, faço contato visual. — Absoluta. Vamos lá, Johnny. Divirta-se um pouco.

— Perder no jogo que você acha que está ganhando é divertido?

— Você não está perdendo. Você ganha um almoço...

— ...Café da manhã.

— Tudo bem, café da manhã, comigo. E, finalmente, me dá a notícia sobre seu novo negócio.

Acenando com a cabeça, a expressão em seu rosto ficou ainda mais séria.

Meu coração já acelerado ameaça explodir em meu peito. Quem sou eu para pensar que posso jogar esse jogo com Johnny DeSantis? E ganhar?

— Está bem.

— Sim?

— Essa é a segunda vez que você se surpreende por eu ter aceitado seu convite.

— Não estou surpresa. — *O quê? Feliz?* — Intrigada. — Pego meu telefone e a bolsa de maquiagem na minha mesa, jogo na minha bolsa grande e coloco a alça no ombro. Pego a jaqueta e a coloco sobre meu braço. — Vamos lá. — Aceno com a cabeça na direção do escritório de Victoria. — Deixe-me dizer a Victoria que estou indo embora. Com você.

Puxa vida. Se eu conseguir fazer isso… Porra.

Acalmando minha respiração, travo os joelhos para evitar que minhas pernas trêmulas fiquem bambas. Espero conseguir me parecer mais com uma *repórter confiante* e menos com um *homem de lata.* Andando na frente de Johnny, posso praticamente sentir seus olhos em minha bunda. Olhando por cima do ombro, percebo que está me encarando.

Ele desvia o olhar.

Knock. Knock. Bato na porta aberta do escritório de Victoria.

— Sim? — Ela está atrás da escrivaninha, enfiando algum tipo de pastel na boca enquanto folheia os papéis das competições em sua mesa.

— Desculpe-me por incomodá-la. Eu só queria lhe apresentar o Sr. DeSantis. Johnny DeSantis. Johnny, esta é minha chefe, Victoria Blithe.

Ela levanta os olhos do papel e me olha fixamente, antes de dar um sorriso brilhante - completo com o novo trabalho dentário que ela vem exibindo na última semana - para Johnny enquanto se levanta.

Posso praticamente ouvir seu monólogo interno que deseja que ela possa verificar se há migalhas nos dentes, retocar o batom e me matar de uma só vez. Mais um olhar de morte dela, e eu me encolho com a minha suposição certeira.

— Sr. DeSantis. — Ela estende a mão e eles se cumprimentam. — A que devemos o prazer?

Victoria não é uma pessoa particularmente agradável, mas não é nenhuma idiota. E sempre trata com classe quem não trabalha para ela.

— Na verdade, vim buscar a Diana. — Sua voz é profunda e suave.

Posso praticamente ver Victoria desmaiar. — Sim. — Olhando para Victoria, espero qualquer tipo de resposta que indique que ela está impressionada - uma sobrancelha levantada, um tom de voz - mas não. Nada. Droga. — Então, vou sair por algumas horas. Só queria que você soubesse.

— Namoro durante um dia de trabalho, Srta. Walker?

Lá está ela me menosprezando.

— Eu lhe asseguro que não é um encontro, — diz Johnny. — São negócios. A Sra. Walker está me entrevistando sobre o meu crescente negócio de alimentos. Ela me convenceu a fazer isso usando uma tática que ninguém mais tentou. — Seu olhar pousa fortemente em mim.

Mudo meu peso de um pé para outro. *Continue confiante, Diana.*

— Sério? — Um olhar presunçoso passa pelo rosto de Victoria.

— Eu roubei o celular dele, — eu disse, mas não me importei. Eu só precisava calá-la de uma vez por todas. E não pensar que eu usaria o sexo para conseguir uma história... ela é irritante.

— Desculpe-me? — Ela tira o olhar da mandíbula de Johnny por tempo suficiente para se voltar para mim.

Cruzando os braços sobre o peito, adoto uma atitude arrogante.

— Ela o fez. — Johnny olha de mim para Victoria e vice-versa. — Foi muito esperta, na verdade. Acho que nunca conheci alguém corajoso o suficiente para roubar meu telefone. Na verdade, ela o pegou enquanto ele estava no bolso da minha jaqueta. — Rindo, ele se vira para mim.

Sinto tudo ao mesmo tempo: medo porque ele sabe, alívio por ele estar me defendendo e desejo. Sempre desejo.

— Bem... — Victoria move sua xícara de café de um lugar para outro em sua mesa e depois me dá toda a sua atenção. — Tenho que reconhecer isso para você, Diana. Eu não achava que você tinha o que era preciso para ter sucesso neste negócio.

— Eu sei disso, — eu digo. — Mas pretendo provar que você está errada.

Virando-se para Johnny, ela estende a mão mais uma vez. — Adeus, Sr. DeSantis. Foi um prazer conhecê-lo.

— A senhora também, Srta. Blithe. — Parado na porta, ele espera que eu saia antes dele.

Agora que alguns de meus colegas de trabalho começaram a chegar, não me atrevo a dizer nada a ele. Ele acena com a cabeça e diz ‘olá’ para vários deles.

Finalmente, saímos pelas portas de vidro e ficamos no corredor esperando o elevador chegar. Quando ele chega, só nós dois entramos e ele aperta o botão do

saguão. Tudo isso é bastante ‘normal’. Mas sei que a família de Alexa também tenta levar uma vida o mais normal possível. Encostada na parede do elevador, finalmente expiro e olho para ele. — Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ter enfrentado Victoria por mim. Ela não gosta muito de mim.

— Entendi. — Ele ainda não olha para mim enquanto fala: — Por que não?

— Eu nunca roubei o marido dela ou algo do gênero. Ela simplesmente não gosta de mim. Não sei lhe dizer por quê.

— É porque você é linda.

— Não.

Ele olha para mim pela primeira vez no momento em que o elevador chega ao térreo e as portas se abrem. Ele estende a mão para que eu entre primeiro. — O que não é? Que você não é bonita? Ou esse não é o motivo?

Eu ando na frente, depois paro e sorrio para ele. — Esse é um elogio muito bonito, mas há um milhão de mulheres nesta cidade muito mais bonitas do que eu. Mais altas, mais loiras, mais ‘supermodernas’. Tenho certeza de que você já notou.

Ele sorri. — Então por que ela não gosta de você?

— Por que você me defendeu?

— Sempre há uma pergunta para uma pergunta com você.

— É mesmo?

Acenando com a cabeça, ele olha para os pés e, em seguida, aproxima seus lindos olhos dos meus. — Eu a defendi, se é que foi isso que fiz, porque sei como é ser odiado sem ter culpa.

Algo se agita no fundo de minha barriga quando ele fixa os olhos nos meus. E não é preciso ter instinto de repórter para saber que ele acabou de me dizer algo importante. A inquietação em minha barriga não é porque estou com Johnny DeSantis e estou com medo de alguma forma. Minha inquietação é porque sinto sua dor. Ele está sofrendo em um nível incrivelmente profundo, e algo me diz que ele mantém essa dor engarrafada dentro de si.

E o que mais me assusta agora não é quem ele é ou o que ele pode fazer, mas o fato de eu querer ser a pessoa que o ajudará com sua dor. — Johnny...

Buzz! Buzz! Seu telefone vibra em minhas mãos.

E, sem mais nem menos, a suavidade de seus olhos se endurece novamente. Com a mão erguida, ele me interrompe no meio da frase. — Agora, Srta. Walker... — Ele se ergue até sua altura máxima. — Por mais divertido que isso tenha sido, tenho trabalho a fazer. E gostaria de ter meu telefone, por favor.

— Sem café da manhã?

BUZZZZZ! BUZZZZZ!

— Diana. — Ele estende uma mão grande e forte para mim.

Até meu nome é um comando que fica bem no meio de minhas pernas. Quero desesperadamente colocar as minhas nas dele e começar tudo de novo. Sim, eu quero a história, mas talvez eu esteja errada sobre a abordagem ‘por qualquer meio necessário’. Minhas entranhas estão vazias. O mais discretamente que posso, dou uma olhada no texto antes de entregar o telefone a ele.

Onde você está? No Artaud's em Madison. Hoje à noite, às 20h30.

Pegando o telefone de mim, ele acena com a cabeça. — Obrigado, Srta. Walker. Mais uma vez, nosso encontro foi... memorável.

— Obrigada, Sr. DeSantis. — Ao vê-lo sair pela porta giratória do prédio de escritórios, uma sensação de vazio se instala em minha barriga. Não quero que essa seja a última vez que o vejo.

Portanto, é muito bom que, quando olhei para o texto, que devia ser sobre a prova do smoking, eu tenha memorizado a hora e o local.

Sabe de uma coisa, Johnny DeSantis? Talvez você ainda não tenha me visto pela última vez.

Quatro

Diana

PUM! PUM! PUM!

Mesmo aqui de cima, na sala V.I.P. privativa da última boate em que Alexa nos colocou, a música está muito alta. E irritante. E meu vestido preto com as costas baixas e a saia curta demais está me incomodando. Por que diabos eu concordei em sair esta noite? Especialmente quando tudo o que consigo pensar é em Johnny DeSantis e em como ele deve ficar em um smoking...

Foi exatamente por isso que concordei em sair. Para não pensar em italianos lindos e empregos sem futuro.

Além disso... estou no centro da cidade, em um clube idiota, e ele está no centro da cidade, no Artaud's, para fazer a prova. Essa pode ser a última chance que tenho de entrar em contato com ele.

Não que eu deva entrar em contato com ele. E mesmo que eu entrasse em contato, será que ele quer me ver? E mesmo que queira, ele não vai exatamente me entregar uma história. Terei que forçá-lo a contar. O que eu preciso é de algum tipo de vantagem. Uma forma de chegar a ele.

Mastigando a parte interna do meu lábio, olho pela janela de vidro para os dançarinos maníacos no andar de baixo. As luzes que piscam machucam meus olhos. Eu me viro quando Alexa se aproxima carregando bebidas vermelhas. — Lex, você viu as luzes de discoteca? Este lugar parece uma boate de strip-tease dos anos 70, — eu esbravejo enquanto pego a bebida dela.

— Eh. — Ela dá de ombros. — Eu até que gosto. — Ela também está usando um vestido preto, mas o dela é um vestido vintage, de grife, de renda, com corte em V baixo na frente e cintura ajustada. Com seu cabelo curto e características perfeitas, ela está deslumbrante.

— Obrigada. — Levantando meu copo em agradecimento, provo minha bebida. — Oh, Alexa, isso tem gosto de doce de melancia com *muito* álcool.

— Eu sei, certo? Acho que o barman gosta de mim. — Ela olha por cima do ombro e faz um pequeno aceno para o barman.

— É claro que ele gosta de você. Seu pai é o dono do clube.

— Quero dizer, *gosta de mim*, gosta de mim. — Enrugando seu belo rosto, ela se senta no sofá de couro ao meu lado. — Você está meio chata hoje, Di. Cansada? Não são nem nove horas ou algo assim. O que há com você? — Ela coloca a mão sobre a minha para que eu pare de mexer na minha manicure vermelho-sangue. — Você está tão inquieta. Nós deveríamos relaxar. Venha, experimente a claraboia comigo. Papai disse que é a melhor parte do clube.

Inclinando-nos para trás, olhamos pela claraboia para os prédios altos ao nosso redor e para o brilho nebuloso de Manhattan à noite.

— Você se lembra de como são as estrelas? — pergunto.

— Duh. Você esqueceu que estivemos nos Hamptons no último fim de semana? Há muitas estrelas lá.

Voltando-me para ela, sorrio. — Estamos falando de estrelas no céu, certo?

— Sim, Di. Estamos. Você não se lembra? Sissi estava chorando porque o Roderico disse que ela parecia gorda naquele vestido vermelho - e, cá entre nós, ela não deveria estar usando aquele vestido sem ter alguns quilômetros a mais, mas tudo bem. De qualquer forma, Roderico pode ser muito ruim. Então, levamos a Sis para fora da boate e ela vomitou em toda a calçada de pedra. Lembra?

— Sim, eu me lembro. Eu estava tentando esquecer isso, mas obrigada.

— De qualquer forma, estávamos na rua, nos Hamptons, à noite, e ambas olhamos para o céu por um segundo. Devemos ter visto estrelas.

Não posso deixar de sorrir. — Eu amo você, Lex.

— Também amo você. Então, o que está acontecendo? Por que está tão chata hoje?

— Sinto muito. Não era minha intenção. Fiz algo meio... estranho hoje.

— Diga. — Bebericando seu doce de melancia por um pequeno canudo vermelho, ela se vira de modo que todo o seu corpo fique de frente para mim.

— Bem, você sabe como minha chefe, Victoria, não me leva a sério e só me dá a coluna de fofocas para escrever?

— Adoro sua coluna. Você sempre sabe quem está com quem e o que está acontecendo onde antes de qualquer outra pessoa. Até mesmo antes de mim. É uma habilidade. Você tem um dom, minha amiga. — Ela ergue seu drinque em um brinde, e eu bato meu copo no dela. Ela me defenderia contra uma matilha de lobos se eu precisasse, e talvez eu precise...

O fato é que eu sentiria pena dos lobos. — Bem, eu gostaria de escrever artigos mais sérios. Diversificar. — *Fale isso com cuidado, Diana.* — Você sabe que eu quero ser capaz de ajudar a Bree.

— Di... — Ela inclina a cabeça. — Eu posso dar algum dinheiro para Bree. Ganho muito dinheiro como diretora de marketing da Drakos Enterprises.

— Ah, eu sei. — Colocando minha mão em seu braço delicado, eu a detenho. — E eu agradeço a você, Alexa. Muito mesmo. Você é muito gentil, mas não. Não quero seu dinheiro. Eu realmente quero ser capaz de ajudar minha irmã por conta própria. E você sempre envia ao Daniel todos esses presentes extravagantes nas festas de fim de ano. Coisas que eu e a Bree nunca poderíamos comprar...

— Também gosto de pensar que ele é meu sobrinho. Já que nenhum dos meus irmãos idiotas vai me dar um tão cedo.

— Ele também é seu sobrinho. — Acenando com a cabeça, retiro minha mão. — Bem, de qualquer forma. Você sabe que meu sonho é ser uma repórter de verdade?

— Sim. Não concordo com isso, mas a vida é sua. — Encolhendo os ombros, ela bebe seu drinque. — Essas repórteres têm vidas difíceis. E você sabe, Di, ser bonita e bem arrumada não é igual a ser burra. Você não precisa provar nada para ninguém.

— Você também é muito inteligente, sabia?

— Eu sei. — Ela gira o gelo em seu copo vazio. — Vamos lá. Voltemos ao dia de hoje.

— Você sabe que eu andei bisbilhotando um projeto 'ultrassecreto'?

— Hum? — Ela brinca com o canudo em sua bebida.

— Estou perseguindo Johnny DeSantis.

Virando a cabeça para o lado, ela me olha. — Johnny DeSantis? Como o consigliere de Vincent DeSantis?

— Supostamente.

— Ha! — Um sorriso toma conta de seu belo rosto enquanto ela mostra dentes lindos e retos. — Não há nada de supostamente lá. Que diabos você quer com ele, Di?

— Uma história.

— Que tipo de história?

— Bem, pensei em começar com seu negócio de alimentos.

— Que tipo de história você consegue com ele vendendo, o quê, cogumelos?

— Trufas. Óleo de trufas, — corrijo.

— Ótimo. Cogumelos caros? Quem diabos se importa?

— Senhoras? — O barman de quem Alexa gosta se aproxima. Com seu corte limpo, cabelos loiros curtos e lábios carnudos, ele faz totalmente o seu tipo. Ela gosta de fingir que gosta de garotos malvados, mas todo homem com quem ela sai é uma versão do garoto da porta ao lado. — Posso lhe trazer alguma coisa? Mais bebidas?

— Não, obrigada. — Coloco minha bebida na mesa à nossa frente.

— Sim, por favor! — Ela estende o copo vazio e pisca para ele.

— Já volto. — Ele se apressa para pegar um refil para ela.

— Lex...

— Sim?

— Vá com calma. Só porque essas coisas têm gosto de doce... — Pegando meu copo meio cheio de novo, eu o levanto. — ...não quer dizer que sejam.

— Di. Você é como uma irmã para mim, e digo isso de coração. Você precisa transar. Está se tornando um estorvo.

— Sinto muito. — Eu sentia. Não estava aqui para julgar Alexa. Não estou aqui para julgar ninguém.

— Sem problema. Agora, amanhã é sábado. Então, vamos nos sentar aqui e beber, e você vai me contar tudo sobre o seu homem-cogumelo *sexy-pra-caralho*.

— Ele não é meu, Lex.

— Tudo bem. Beber e conversar.

Depois de engolir minha bebida doce, o barman se aproxima e, com uma piscadela, Alexa me pede outra.

— Não posso beber muito esta noite. Estou tentando descobrir o que aconteceu hoje.

— Então, derrame.

— Bem... — Minha cabeça começa a ficar mais leve à medida que o álcool começa a fazer efeito. — Como eu disse, eu o estava perseguindo. Depois de persegui-lo na rua ontem, eu o convidei para jantar em minha casa. Ele veio, mas eu queimei a comida e, quando ele percebeu que eu não tinha um detector de fumaça, ficou todo alfa e chamou alguém *que veio alguns minutos depois* para instalá-lo. Você sabe como eu me apaixono por pessoas que assumem o controle...

— Oh sim.

— Sim, bem, pensando que eu poderia equilibrar trabalho e prazer, eu praticamente me atirei a ele, mas ele disse não porque sentiu que eu estava brincando com ele.

— Ele disse não para você? — Seus olhos são do tamanho de um personagem de anime.

— Claro que sim. Então, eu roubei o celular dele...

— Você o quê? — Rapidamente, ela se senta à frente. Seus olhos brilham ainda mais quando o barman se aproxima com outra bebida para mim. — Obrigada. — Tomando a bebida, ela inclina a cabeça, sorrindo.

Ele sorri de volta.

Ajustando meu vestido e limpando a garganta, eles param de se encarar.

Voltando-se para mim, ela me entrega a bebida e continua de onde paramos. — Você roubou o telefone dele?

— Sim.

— Por isso que você foi ontem à noite. Estava se escondendo.

Acenando com a cabeça, tomo mais alguns goles da bebida que está começando a me agradar. — Eu sabia - ou esperava - que ele viesse me procurar no escritório. Então, fui super cedo hoje de manhã. Com certeza, ele veio. E foi muito legal no começo. Ele até me defendeu perante Victoria.

— Ela é uma vadia.

— Sim. — Bebendo mais um pouco, continuo: — Então, estávamos indo tomar café da manhã e achei que tínhamos tido um momento de conexão no saguão, mas ele exigiu o telefone de volta e foi embora.

— O que você achava que ia acontecer?

— Isso. Mas não se trata do que aconteceu, mas de como aconteceu. Ouça. — Eu me inclino para mais perto para ter certeza de que só nós duas podemos ouvir. Sem dúvida, o pai de Alexa Drakos, Demetrios Drakos, tem o local grampeado, especialmente porque é um lugar que sua única filha frequenta. Então, supondo que estou sendo ouvida, tenho que dizer com cuidado: — Ele é um cara muito legal. Parece ser gentil. Está entusiasmado com seu negócio de alimentos e até gosta de budismo.

— Okayyyyyyy... — Ela termina sua bebida e a coloca sobre a mesa, dando-me toda a sua atenção.

— Mas, mesmo assim, ele é diferente do que eu esperava. Forte. Exigente.

— Gostoso?

— Sim, mas é mais do que apenas uma questão sexual. É como se fosse quem ele realmente é por baixo desse exterior refinado e polido que ele apresenta.

— Ok, Di. — Alexa alisa a saia e faz contato visual constante comigo. — Você precisa ter cuidado.

— Por quê?

— Você sabe que eu não sei nada sobre os negócios da minha família. — Ela também abaixa a voz e, felizmente, a música de fundo oferece alguma cobertura, — além de ser a diretora de marketing das empresas, clubes e coisas do gênero.

— Sim. — Minha respiração está acelerada para acompanhar meu coração acelerado.

— Meu pai e meus irmãos têm muitas reuniões 'a portas fechadas', — ela faz aspas no ar enquanto fala, — para as quais minha mãe e eu não somos convidadas.

— Okay.

— Então, logo antes do Natal do ano passado, eu deveria encontrá-lo para uma liquidação na Saks, lembra?

— Sim. — Termino minha bebida sem querer.

— E eu estava atrasada. Foi porque eu estava vindo de Jersey. Estava quase chegando à ponte quando me lembrei que havia esquecido meu smartwatch e queria registrar meus passos. Para perder o peso ganho nas festas.

— Lex. O que foi? — Resisto à vontade de pegá-la pelos ombros e sacudi-la.

— Então, quando voltei para casa, ninguém sabia que eu estava lá. Mamãe estava na Suíça em um spa com a Sra. Carmine. Aquele lugar especializado em envolvimentos de lama do Mar Morto...

— Lex? Qual é o objetivo?

— Certo. Então, a porta do escritório de papai estava aberta e eu o ouvi dizer que houve um tiroteio em um antigo armazém no Meatpacking District. Foi a família DeSantis, mas papai estava muito irritado porque alguns de nossos rapazes foram feridos. Como um dos caras pagos por Gio DeSantis, irmão de Johnny e Vincent. E então... falou-se que Gio havia sido morto. E que o assassino era um de seus irmãos.

— O quê?

— Ouça, Di, foi só o que ouvi. Não temos certeza de nada. Mas estou lhe dizendo, se esse cara a surpreendeu com a força que ele tem, e se há a menor chance de ele ter matado seu irmão... é melhor você ficar longe.

Pode ser para melhor, mas como posso fazer isso? Agora que finalmente há uma história real? Que se dane as trufas italianas Alba importadas. O que aconteceu naquele depósito no ano passado, e como Johnny DeSantis esteve envolvido? — Tenho que ir.

— Di? Onde está indo?

— Apenas... saindo.

— *Estamos* saindo.

Inclinando-me, dou um beijo na bochecha de Lex. — Você está bem para ir para casa? Quer que eu mande uma mensagem para o seu motorista?

— Un-uh. — Ela dá uma piscadela. — Acho que vou ficar aqui por um tempo.

— Okay. Tenha cuidado. E nada de levá-lo para casa, Lex. A menos que você esteja sóbria, o que não é o caso.

— Entendi. — Ela me cumprimenta de forma brincalhona antes de se levantar e me abraçar. — Tenha cuidado, Di.

— Você também. — Abraçando-a novamente, a sala gira um pouco. Não, não estou bêbada, mas acho que posso estar tão bêbada quanto o necessário.

Antes de sair correndo da sala, paro no bar VIP.

— Quer outro? — pergunta o barman, exibindo um sorriso brilhante.

Balançando a cabeça, inclino-me sobre o balcão e leio seu crachá. — Ouça, Bryan, não é?

— Sim?

— Sei que você é novo aqui, então vou explicar algumas regras básicas. Tenho de ir, e minha amiga está ficando bêbada. Muito bêbada. Você vai interrompê-la agora, sem que ela saiba. Você vai dar-lhe apenas aquele ponche vermelho e vil ao qual você está adicionando álcool demais. E vai agir como um cavalheiro. Se ela o convidar para ir para casa, você a acompanhará até à porta e pronto.

— Por que eu faria isso?

Sorrindo, cruzo os braços sobre o peito. — Porque ela é minha melhor amiga, e eu saberei se você fizer algo diferente do que eu disser. — Aponto para os cantos dos cômodos. — E as imagens de segurança dessas câmeras me mostrarão.

Ele engole com dificuldade.

— E se você sair da linha, mesmo que minimamente, ou permitir que alguém o faça, contarei ao pai dela. Seu chefe.

— Meu chefe... Sr. Williams?

— O Sr. Williams é o gerente. O pai dela é seu *verdadeiro* chefe. Ele é o dono da boate. Ela é Alexa Drakos.

— Oh, merda! — Ele quase derruba uma garrafa de bourbon.

— Então, estamos entendidos?

— Sim. Sim.

— Foi o que pensei. — Pego minha bolsa de mão e a coloco debaixo do braço. — Se precisar de apoio, mande uma mensagem para o Big George na porta. Ele sabe para quem ligar.

— Entendi.

Olhando para trás, aceno um pouco para Alexa antes de sair pela porta, descer as escadas e sair pela porta dos fundos, chegando à rua, onde sou atingida por uma brisa refrescante de Manhattan.

— Mmmm... — murmuro. Olhando para o meu celular, verifico a hora. Nove e dois. — Merda. — Espero que ele ainda esteja lá.

Jogando minha mão para o alto, chamo um táxi e dou ao motorista o endereço do Artaud's na Madison Avenue.

Cinco

Diana

Rap! Rap! Rap! Bato no vidro da porta da Artaud's Boutique. Ninguém responde. Que droga. Mas é impossível que eles já tenham ido embora - consigo ver a luz vazando pela parte inferior das portas dos fundos. Eles estão apenas me evitando.

Rap! Rap! Rap!

Nada. Tudo bem.

Bam! Bam! Pum! Usando a lateral do meu punho, bato no vidro.

Através do vidro, vejo um homem mais velho com cabelos brancos mancando em minha direção. — Estamos fechados, — ele fala através da porta.

— Estou aqui para ver Johnny DeSantis, — falo o mais alto que posso.

Ele balança a cabeça. — Desculpe. Não. — Ele bate na orelha e dá de ombros.

— Estou aqui para ver Johnny DeSantis! — Repito bem mais alto.

Um casal de braços dados passa apressado pela calçada. Um deles se vira e dá uma olhada para mim.

— John-ny De-San-tis... — Falo lenta e claramente.

O homem se vira para olhar por cima do ombro. Talvez alguém tenha falado com ele lá de dentro? Então ele destranca a porta, abre-a e olha para fora. — Posso ajudá-la, senhorita?

— Estou aqui para ver Johnny DeSantis.

— Desculpe-me, mas não há ninguém aqui com esse nome.

Besteira. Eu sei que ele está lá dentro. Chame isso de instinto de repórter, mas sei que ele está lá dentro. Meu leve zumbido está dificultando a concentração, e minhas bochechas estão queimando por causa do álcool e da noite quente de verão. Graças a Deus, há uma brisa fresca na Madison. Viro meu rosto para ela para organizar meus pensamentos. *Pense, Diana.* O homem acabou de dizer: — Não há ninguém aqui com esse nome.

Isso significa que há alguém aqui. O senhor mais velho está apenas protegendo-o. O homem começa a fechar a porta.

Enfio meu pé para evitar que se feche. — Bem, ele tem que estar aqui. Ele me disse para encontrá-lo aqui às nove e quinze, quando eles estiverem terminando de ajustar o smoking.

— Sinto muito. — O homem acena com a cabeça. — Como eu disse, não há ninguém aqui com esse nome.

— Mas ele disse que estaria aqui com Vincent para fazer o ajuste do smoking. — Talvez a citação de nomes ajude.

Algo cintila nos olhos do homem, mas, fora isso, ele se mantém estoico. — Sinto muito, senhorita, mas como já disse, não há ninguém aqui com esse nome.

Olhando para o meu celular, vejo a hora. Nove e trinta e seis. — Eles ainda devem estar aqui. Você não poderia ter colocado os dois tão rapidamente. Eles acabaram de chegar às oito e meia. — Estou fazendo de tudo para entrar pela porta.

— Pela última vez, senhorita, não há ninguém aqui com esse nome. Agora, por favor, tire seu pé...

— Veja... — Lágrimas de frustração ameaçam meus olhos. Esta é a minha chance, e não vou ser rejeitada na rua. Lutando para conter minhas lágrimas, vejo os olhos azuis do velho se suavizarem. Ele deve pensar que estou triste - não frustrada - porque senti falta de Johnny. Eu me arrisco. — Bem, se houver alguma chance de ele estar aqui, mas quiser ficar sozinho com Vincent... — Baixando meu olhar para o chão, olho para o homem através de cílios baixos e continuo: — Você poderia entregar-lhe uma mensagem e dizer que sinto muito por hoje?

— Desculpe?

— Tivemos uma grande briga. — Mastigando o canto do meu lábio, eu espero.

O idoso acena com a cabeça. — Desculpe-me, só um segundo.

Bingo.

Dando um passo para trás, afasto meu pé da porta e deixo que ela se feche. Como muitas dessas butiques na Madison têm fachadas de vidro, inclusive a de Artaud, posso ver claramente enquanto o velho fala com um homem muito grande que se materializou repentinamente na sala dos fundos. O homem grande me olha de cima a baixo e depois acena com a cabeça para o velho.

O velho volta e abre a porta para mim. — Entre, por favor, senhorita. Parece que o Sr. DeSantis ainda está aqui.

O homem grande desaparece nos fundos, e sei que ele está avisando Johnny que estou chegando. Bem, não vou arriscar que Johnny escape e saia pela porta dos fundos. Passo rapidamente pelo homem e corro pela butique chamando o nome de Johnny: — Johnny? Johnny DeSantis? — Entrando de rompante na sala dos fundos da butique, não paro para pensar. Se eu parar, vou pensar. E se eu pensar, vou me acovardar.

Lá está ele. Em pé em uma pequena plataforma de caixa... de smoking.

O homem mais velho está bem perto de mim. — Johnny, ela insistiu muito, e vocês formam um casal tão bonito que eu pensei...

— Está tudo bem, Artaud. Obrigado. — Ele olha para o homem mais velho e para o homem muito grande. — Está tudo bem, Artaud, Christian. Obrigado. Eu cuido.

Os dois homens saem e, agora, somos apenas nós na pequena sala dos fundos do Artaud's. Coloco minha bolsa em uma cadeira e me viro para ele.

Johnny fixa seu olhar em mim. — Olá, Srta. Walker. A que devo o prazer?

— Eu, uh... — Meu Deus. Como se pode esperar que eu tenha um pensamento coerente quando vejo Johnny DeSantis vestido assim...? Meu olhar faz uma viagem de campo, indo do seu rosto esculpido até à maldita barba curta, passando pelos ombros largos que parecem destacados no paletó preto do smoking, e pelo peito coberto por uma camisa branca com colete prateado e gravata combinando, descendo pelo comprimento dele antes de voltar para cima, pousando no lenço de bolso prateado antes de finalmente voltar aos seus olhos.

Puxando o paletó para um lado, ele coloca a mão no bolso e parece estar pronto para a sessão de fotos para uma revista de moda masculina de alto nível. — Srta. Walker?

Com os nervos à flor da pele, eu me recomponho. Tenho uma pista, a pista que sempre quis. E vou fazer isso. — Eu tenho uma história. — Minha voz está trêmula, então limpo a garganta antes de continuar: — Bem, uma pista sobre uma história.

— Sério? — Ele permanece na plataforma, sem dúvida para mostrar ainda mais domínio. Como se precisasse.

Não posso deixar de me perguntar: Vincent também está aqui?

— E você não vai gostar. E o negócio é o seguinte, Johnny, eu vou contar essa história de um jeito ou de outro. Portanto, estou convidando-o a contar o seu lado.

— Entendo. — Ele desce da plataforma.

Enquanto ele caminha lentamente em minha direção, entendo perfeitamente a expressão *'cervo sob os faróis'*. Não consigo me mover, mas meu coração dispara e as palmas das mãos ficam suadas. Não consigo decidir se estou mais excitada ou aterrorizada, ou se há alguma diferença.

De repente, no momento em que ele se aproxima, dou um passo para trás e me vejo presa contra uma parede.

Ele se aproxima de mim e fica muito perto.

Respirando fundo, inalo seu perfume escuro e sedutor. Sim, estou aqui para talvez começar a expor sua família, mas tudo o que eu realmente quero neste momento é estar perto dele. Hesitante, levanto o queixo e olho para ele.

Ele me olha de cima a baixo. — Por quê, Diana?

Não parece ser uma pergunta real, mas eu respondo mesmo assim. — Porque eu tenho que fazer.

— O problema dos 'ter que' é o seguinte... seu 'ter que' força o meu.

— Está me ameaçando, Sr. DeSantis?

Sorrindo, ele estende a mão e, repetindo o movimento que fez ontem na rua, coloca um fio de cabelo atrás da minha orelha. Ontem, achei que poderia explodir com isso... hoje, tenho certeza de que vou explodir.

— Oh, Diana... — Sem largar a mão, ele acaricia minha bochecha com os nós dos dedos com muita delicadeza. — Você já ouviu a expressão que diz que um pouco de conhecimento é uma coisa perigosa?

— Por que pergunta...? — Falo em um tom profundo e ofegante, enquanto ele traça o contorno do meu queixo e, em seguida, espalhando os dedos, usa o indicador para traçar meus lábios em uma direção e depois na outra. É tão erótico. Fechando os olhos, eu me forço a não abrir os lábios e lamber seus dedos...

— Apenas deixe isso de lado, Diana.

Abrindo os olhos, eu o encaro novamente. — Não posso.

— Não pode? Ou não quer? — Ele se inclina para mais perto, pairando perto do meu pescoço.

Se ele me mordesse agora, seria menos surpreendente do que se ele me beijasse. — Não posso, Johnny. Esta é a minha chance.

— Bem, o que você acha que sabe?

Colocando as duas mãos em seu peito para nos distanciar, eu o empurro para longe.

Ele se endireita e franze a testa.

— O armazém. Eu sei sobre o armazém. E sei mesmo, Johnny. Não é um palpite. Tenho uma fonte confiável. Vou escrever a história que ninguém jamais escreveu. E isso me tornará conhecida como repórter. Talvez eu até ganhe um ou dois prêmios.

Seus olhos ficam frios.

— Sabe quando, ontem à noite, você foi embora porque achou que estava sendo enganado? Bem, neste momento, sei que estou sendo. A única coisa que existe para mim, Johnny, é uma história. E vou contá-la com ou sem você.

Fazendo contato visual inabalável, ele se afasta. — Tudo bem. — Sua voz está irritada agora. — Eu lhe contarei a história. Mas, desta vez, será em meu território. Em meu apartamento, amanhã, ao meio-dia.

— Ótimo. E vamos começar explicando por que Vincent é Don e não você.

Seus olhos piscam. Eu toquei em algo, algo importante, embora ele cubra isso com um sorriso falso e meloso. — Vou lhe enviar uma mensagem com os detalhes.

— Tudo bem. Meu número...

Abaixando o queixo para assumir uma atitude arrogante, ele sorri. — Eu tenho o número, Diana.

— É claro. — Levantando-me, ajeito meu vestido e pego minha bolsa da cadeira onde a deixei cair. — Amanhã, então.

— Eu o acompanharei até à saída.

— Não é necessário, obrigada.

— Tudo bem. Amanhã. E venha sozinha. A menos que... queira trazer sua fonte?

— Boa tentativa. Vejo você amanhã.

Ele acena para mim e, enquanto atravesso a loja e saio para a avenida para chamar um táxi, posso sentir seus olhos em minha bunda novamente.

Na rua, respiro fundo a Manhattan à noite enquanto espero por um táxi. Eu realmente não posso pagar o táxi, pois isso vai reduzir diretamente o dinheiro que envio para Bree esta semana, mas odeio pegar o trem com este vestido. Além disso, preciso chegar em casa o mais rápido possível porque, depois de verificar se Alexa está bem, tenho que me preparar para minha entrevista com Johnny DeSantis amanhã.

A entrevista. Onde estarei sozinha. Em seu apartamento.

E, desta vez, não estamos brincando. Desta vez, ele está ciente de que eu sei muito mais do que deveria.

Oh, droga, o que eu fiz?

Seis

Johnny

— Johnny, precisamos conversar.

Ao me virar de frente para as janelas do apartamento de Vincent, que vão do chão ao teto, sorrio para meu irmão mais novo. — Está terminando comigo?

Vincent inclina a cabeça e me entrega um conhaque em uma pequena taça de cristal. Nós dois caímos em seu sofá de couro branco.

Estou tão cansado que esfrego o rosto com a mão. — Como está Eleni?

— Dormindo lá em cima. E ela está ótima, obrigado. Ainda não consigo acreditar na sorte que tenho. — Tomando um drinque, ele faz uma pausa e sorri.

Em trinta e dois anos, nunca vi meu irmão tão feliz. — Ela está animada com o casamento?

— Sim. Você sabe, ela é sócia da empresa e está planejando um casamento bem elaborado, mas não perde o ritmo.

— Mas ela entende você, certo?

— Me entende? — Ele levanta uma sobrancelha e se inclina para a frente para colocar sua taça sobre a mesa.

Envolvo minha mão grande na minha. Preciso de todo o álcool que puder obter neste momento.

— Ela foi minha advogada, John. E antes disso, ela estava sentada comigo na noite do Massacre de Manhattan, quando nosso irmão ordenou um ataque à nossa família, quando seu irmão foi morto. Dessa forma, ela está por dentro. Ela sabe exatamente quem eu sou, sem saber nada sobre meus negócios. Mas Johnny, eu não precisei contar a ela um grande segredo. Ela já sabia.

— Sim.

— O quanto você gosta dessa garota? Diana.

— O que faz você pensar que eu gosto dela?

— Johnny. Sou eu. E eu já o vi se livrar de garotas antes. Sua abordagem usual não envolve quase beijá-las.

— Como sabe que eu quase a beijei?

— Quando ela entrou, eu estava esperando na sala dos fundos oposta e pude ouvir a conversa de vocês. Depois, houve alguns momentos muito silenciosos. Como se estivesse reivindicando-a como sua, em silêncio. Mas, conhecendo você, você nunca a violaria, então pode tê-la provocado, mas não a induziu.

— Uau. Sou tão previsível assim?

— Obviamente não, já que estamos falando de uma repórter. — Ele suspira. — John, não estamos totalmente livres do incidente do armazém. Você sabe disso. Muitos gregos foram atingidos, e você sabe que o principal motivo pelo qual Demetrios Drakos não retaliou foi por respeito, porque nós...

— Perdemos nosso irmão. — Ele sabe como é difícil para mim o fato de ter sido eu quem atirou e matou Gio.

— Sim. — Ele ergueu os ombros e me olhou nos olhos. — Drakos também aprecia o fato de Gio ter ido embora. Ele era um problema. Para todos nós. Então, Johnny, se ela começar a bisbilhotar.

— O que ela pode encontrar? De verdade? Nós éramos as duas únicas pessoas lá com... Gio.

— Sim, mas ela pode descobrir o que aconteceu pouco antes. Houve assassinatos, John. E, além disso, não podemos ter uma repórter bisbilhotando nossos negócios. Graças ao fato de Gio ter se aliado aos gregos mais jovens e tentado arrastar nossa família para o tráfico de drogas, e depois ter estragado tudo na ópera e novamente no armazém, temos uma bagunça em nossas mãos. Os gregos estavam prestes a nos desafiar pelo controle das docas na ponta sul, e eu não estou disposto a abrir mão do controle. Essa jovem facção - liderada por um dos irmãos Drakos - é um grupo desonesto. Eles são imprevisíveis. E isso é perigoso. Isso pode ser uma guerra, Johnny. E o que acontece depois? Não há melhores cenários aqui. Terei de mandar Eleni para a Itália até que tudo se acalme, e ela entende isso. Até o chefe dela entende que ela pode precisar tirar uma folga. O que vamos fazer com sua garota? Aquela que quer ganhar a vida expondo o que fazemos?

— Ela não iria nos expor.

— Não mesmo? — Ele se recosta com um suspiro. — Fiz algumas pesquisas sobre ela. Ela escreve muita fofoca, mas na verdade é uma boa repórter. E é inteligente.

— Sim.

— Você sabe que ela tem uma irmã?

— E um sobrinho. Eles são próximos.

— Você sabia que o garoto está doente? Algum tipo de doença rara no sangue. Sua namorada é legal. Envia-lhes todo o dinheiro que pode. O amor é um motivador poderoso, Johnny. Você sabe disso mais do que ninguém.

Acenando com a cabeça, olho para o tapete de pele de Vincent.

— Johnny, Deus sabe que eu quero que seja feliz. E você merece isso mais do que ninguém.

— Não, não mereço.

— Por quê? Porque matou o homem que ia me matar?

— Não é só isso.

— Porque papai não o amava como me amava? Ele era um idiota, John. Um babaca comprovado. Quando você vai esquecer isso?

Olho de relance para meu irmão. Como, depois de todo esse tempo, ainda posso ter esse segredo que nem mesmo ele sabe? Sou muito covarde? Será que, em algum nível, tenho medo de que ele me odeie por ter matado seu único irmão de sangue? Por proteger nossa mãe durante todos esses anos? Não. De jeito nenhum. Eu guardei esse segredo para protegê-lo. Don DeSantis, nosso pai, me disse que se eu dissesse uma palavra a Vincent, ele daria uma surra nele antes de me matar.

— Eu não sei. — A culpa está pendurada em mim como um cão faminto preso à minha perna.

— Ouça. — Vincent me dá um sorriso largo. — Você gosta dela?

— Infelizmente.

— Então, se ela é uma verdadeira chata, por que não se casa com ela? Vou me casar com a garota que me deixou louco.

— Haha. — Eu rio, mas quantas vezes já fiquei sozinho à noite e me perguntei exatamente isso? Será que algum dia haverá uma mulher que possa me amar apesar de tudo isso?

— John, sei que você está arrasado porque matou outro ser humano e, para piorar, essa pessoa era nosso irmão. Mas você salvou minha vida. E eu sei que você nunca poderia 'lidar' com essa garota dessa forma. Mas você sabe que eu não tenho escolha a não ser proteger o que é nosso. E, na verdade, se ela começar a bisbilhotar os gregos, ela estará em maus lençóis. Você sabe disso. Eles nunca compartilharam nosso código de proteção a mulheres e crianças. Johnny, você não pode deixá-la fazer isso. As coisas que eles farão com ela se a pegarem - e farão - serão impensáveis para homens como nós.

— Deus... — De pé, passo as mãos pelos cabelos e as enfio nos bolsos. — Você acha que eu não sei disso? Não? Ugh! — Estou desesperado para socar alguma coisa, mas, em vez disso, vou até à janela. Fecho os olhos, inspirando e expirando profundamente, me acalmando.

— Quer o saco de pancadas da minha academia?

— Não, obrigado. Estou bem.

Ele se aproxima por trás de mim e ficamos lado a lado, olhando pela janela.

— Johnny. Acho que você tem um problema maior aqui do que qualquer um de nós está admitindo. Acho que acabou de se transformar em protetor dela. Está se apaixonando?

— Não sei. Ela é tão frustrante.

Ele dá uma risada. — As melhores sempre são.

Nós dois ficamos em silêncio por alguns minutos. Essa é uma das coisas que mais gosto em Vincent: não precisamos falar, e ele sabe quando diabos deve me deixar em paz.

— Ela sabe algo sobre o depósito, John. Ela tem uma fonte. Você precisa descobrir quem é essa fonte.

— Eu sei.

— Está saindo com ela de novo?

Expirando audivelmente, virei-me para Vincent. — Vou vê-la amanhã. Em meu apartamento, ao meio-dia. Eu disse-lhe que era para lhe dar o meu lado da história.

— E?

— E o quê?

— John, sei que é chato, mas temos o lema clichê da família por um motivo. É preciso manter os amigos próximos e os inimigos mais próximos. Você não tem escolha neste momento. Ela está muito envolvida. Esqueça o fato de 'quase' estar com ela. Faça amor com ela. Seduza-a. Obtenha o nome da fonte que a está alimentando. Mantenha-a sob controle até que ela não seja mais uma ameaça. Vamos ver o que acontece depois. Pelo menos, dessa forma, você poderá ver o que sente por ela de verdade. — Vincent estende a mão para minha nuca e me olha nos olhos. — Johnny... Não se sinta culpado por causa de Gio. Você fez o que tinha de ser feito. E você está errado, John, você merece amor. Só que, às vezes, o amor é igual a problemas.

— Não quero enganá-la. Não quero ser falso, Vincent.

— Eu sei. Mas esta é a família em que nasceu, John, e não há nada que possamos fazer a respeito. Você tem que fazer a sua parte para manter a família segura.

Acenando com a cabeça, eu desvio o olhar. É a família em que você nasceu, Vincent. Eu apenas acompanhei o passeio.

Deixando cair a mão, Vincent se enrijece. Essa é sua postura de negócios - ombros largos, corpo tenso. — John, odeio ter de lhe dizer isso, mas se você não consegue lidar com ela, eu terei de fazê-lo.

Acenando com a cabeça, eu o olho diretamente nos olhos. — Eu sei.

Sete

Johnny

Preparando macarrão com azeite de trufas e queijo parmesão recém-tirado da Itália, a maldita culpa se abate sobre mim de tal forma que parece que vai esmagar meu peito. Ela não tem a menor chance aqui - a refeição servida no serviço italiano Deruta da minha mãe, o vinho...

Eu me transformei em um dos maiores predadores do mundo, e isso não é justo. Mas é o que precisa ser feito. E chegou a hora da decisão. Ou eu a seduzo e a mantenho em uma rédea curta ou a ameaço até que se submeta.

Submissão.

A protuberância em minha calça jeans, que tem sido uma ocorrência regular nos últimos dois dias, está latejando agora. Com uma perna para o lado, tento me dar mais espaço dentro da calça. Por que, sempre que penso no espírito bravo de Diana, tudo o que quero é levá-la para o meu quarto e domá-la...?

Não. Como Vincent disse, tenho apenas duas opções no momento: ameaçá-la ou seduzi-la. E nenhuma delas pode ser espontânea. Mas, diabos, a última opção parece muito mais divertida...

Mas para seduzi-la, tenho de prendê-la em minha teia e fazê-la ver o homem que preciso que ela veja, nada mais. Não há chance de algo real. Ela é uma repórter, a pior mulher possível para eu me envolver. E, além disso, ela é uma tigresa. Já vi como ela vai atrás de uma história - como ela veio atrás de mim.

Tem que ser perfeitamente encenado e coreografado, então por que uma parte de mim se pergunta se ela - nós - *estaria disposta a abrir mão* de tudo isso por algo real?

DING-DONG-DONG-DING!

Ela chegou. Colocando uma última pitada de queijo na tigela de macarrão e limpando as mãos em um pano de prato, dirijo-me à porta. Fiz de propósito com que meus seguranças esperassem lá embaixo, para que ela não pensasse que estava certa a meu respeito. O que, é claro, ela está.

Parado na porta, ainda não tenho ideia de qual atitude tomarei - sedução ou intimidação -, mas quando abro a porta e a vejo de pé, usando jeans skinny e saltos altos, uma camiseta rosa justa e uma jaqueta curta de couro marrom, olhando para mim com aqueles grandes e belos olhos castanhos - esqueço que havia uma decisão a tomar.

Ela é tudo ao mesmo tempo: adorável, bonita, inteligente e muito sexy. Mas nada que eu possa ter.

O problema é que ela não parece feliz. E para que isso funcione, ela precisa querer isso.

— Diana. Obrigado por ter vindo.

Quando dou um passo para o lado, ela entra.

— Posso levar sua bolsa? — Aceno com a cabeça para a bolsa de couro marrom enorme que ela tem pendurada no ombro.

— Obrigada. — Ela olha em volta e me entrega sua bolsa. — O cheiro aqui é ótimo.

— Espero que o macarrão esteja bem? — Coloquei a bolsa dela no meu banco antigo no corredor.

— Perfeito, obrigada.

— Que tal um tour?

Pressionando os lábios, ela reprime uma risada.

— O que foi?

— Acho que todo o meu apartamento - com alarmes de fumaça - caberia no seu hall de entrada.

— Gosto de seu apartamento.

Olhando para mim, ela me diz um sincero ‘Obrigada’.

— Vamos lá.

Ela levanta o dedo. — Espere. — Inclinando-se, ela tira os sapatos de salto alto. — Conheço alguém que morou na Ásia por um tempo. — Ela dá uma piscadela. — E ele me disse que isso é o que todas as crianças legais fazem. — De pé, descalça, ela parece ter o tamanho de uma boneca. — Esta sou eu. — Ela dá de ombros. — Eu tenho um metro e sessenta e cinco de altura.

É preciso concentração para não pegá-la em meus braços e correr com ela pelas escadas até ao meu quarto.

Saindo do saguão, ela olha ao redor. — Oh, meu Deus... — Apontando para o meu Baby Grand[2] no canto mais distante, ela fica de boca aberta. — Você toca?

— Um pouco.

— Oh, uau. Eu adoraria ouvir você tocar.

— Sim? Talvez mais tarde.

Girando em um círculo completo, ela coloca as mãos nos quadris. — Janelas gigantescas, sofás e cadeiras de couro, esquema de cores branco e preto e vistas incríveis da cidade e do parque, nada mal, Sr. DeSantis. Talvez eu devesse vir a bordo da DeSantis Foods. O que você acha?

— Eu digo, que tal um pouco de vinho?

— Estamos no meio do dia de trabalho.

— Você vai voltar ao escritório hoje?

— Não, eu liberei minha agenda.

— Então vou perguntar de novo: que tal um pouco de vinho? É um chardonnay que vem do Piemonte com nossas trufas.

— Bem, então vou chamar isso de pesquisa e gostaria muito de tomar um pouco, obrigada. — Ela me acompanha até à cozinha e eu sirvo um copo para nós dois. Pegando o dela, ela fica do lado oposto da ilha e toma um gole. — Oh, meu Deus. — Ela olha fixamente para a taça e depois para mim. — Este é o melhor vinho que já provei.

— Fico feliz que tenha gostado.

[2] Piano de cauda.

— Gostou? Isso é o que minha melhor amiga, Alexa, chama de 'orgasmo em uma garrafa'.

Respirando fundo, afasto meu desejo. — Alexa parece ter jeito com as palavras.

Rindo, ela cobre a boca com a mão. — Desculpe, isso soou grosseiro.

— Não se preocupe. Na verdade, já ouvi essa palavra antes. Já fui responsável por algumas em minha época.

Apoiando os antebraços na ilha, ela se inclina para a frente e sorri para mim. — Aposto que sim.

Mantenha o controle, Johnny. — Então, está com fome?

— Sim, obrigada.

— Você gostaria de comer na sala de jantar?

— Que tal aqui? — Ela bate no tampo de quartzo da ilha. — Há muito espaço. E eu vi sua sala de jantar. Aqui é um pouco menos formal. E menos intimidador.

— Nada aqui tem a intenção de intimidar. — Eu me surpreendo com a naturalidade com que a mentira se tornou. Enchendo o vinho dela, começo com o máximo de cuidado possível: — Então, Diana, conte-me mais sobre sua irmã. Ela também está no ramo de reportagens?

— Bree? — Subindo no banco alto, resisto ao impulso de ajudá-la. Ela se vira ligeiramente enquanto fala. — Não. Ela mora em Staten Island e trabalha em uma creche. Meu sobrinho, Daniel, tem uma doença rara no sangue. Chama-se Talassemia. Seus glóbulos vermelhos não têm hemoglobina suficiente. O distúrbio causa anemia grave.

— Como ele está se saindo?

— Bem, ele recebe transfusões de sangue regularmente. E agora, estão falando até de transplante de células-tronco.

— Sinto muito.

— Todos nós o amamos, e ele sabe disso. Acho que isso é o que realmente importa na vida, não é mesmo? Não importa quanto tempo você tenha nesta terra, o importante é saber que você é amado e que ama alguém. Buda disse algo parecido com isso, não foi?

Engulo em seco. — Algo parecido com isso.

— É por isso que estou impulsionando tanto minha carreira. Tenho que ajudar Bree financeiramente. Você não consegue nem imaginar como as contas médicas dele são exorbitantes, mesmo com o seguro, que também custa uma fortuna para ela. Eu mando tudo o que posso para eles.

Eu ando de um pé para o outro, sentindo-me um idiota por morar sozinho em um apartamento duplex que custa o mesmo que alguns países pequenos, enquanto essas duas mulheres estão fazendo tudo o que podem para manter esse menino vivo. *Idiota*. Aqui estou eu pensando que sou algo especial porque li o *Tao te Ching* algumas vezes e medito diariamente. Continuo sendo um assassino a sangue frio, não sou melhor do que ninguém e, com certeza, nem de longe tão bom quanto essa garota.

Meu coração dói por ela, mas não posso parar agora. Nós ainda nem começamos. — Você disse que eram só vocês duas?

— Nossos pais morreram em um acidente de carro quando eu tinha vinte anos e Bree tinha vinte e quatro.

— Sinto muito. Eu sei como é perder seus pais.

— Eu sei que sim, — diz ela, parecendo sincera. — Você era próximo dos seus?

— De minha mãe. Ela era muito gentil.

— Seu pai?

Eu mudo de assunto: — Que tal um macarrão?

— Parece bom. — Ela sorri docemente, como se sentisse minha dor.

Não posso deixar de me perguntar: será que ela está entendendo?

— A propósito, esses pratos são lindos. Adoro as cores e os padrões.

— Obrigado. Eram da minha mãe. — Colocando macarrão em sua tigela, fico encantado quando ela se inclina para a frente e dá uma mordida.

— Oh, meu Deus... — Ela cobre a boca com a mão. — Johnny. — Ela ventila o ar tentando esfriar a temperatura da comida. — Isso está delicioso. Você fez isso?

Cruzando os braços sobre o peito, aceno com a cabeça. Observá-la comer acabou de se tornar um dos meus passatempos favoritos. Pegando uma tigela cheia de macarrão, penso em meus próximos passos. Intimidação ou sedução. Mas nenhuma delas pode ser poluída com sentimentos reais...

Eu me movo para dar uma mordida, mas, em vez disso, coloco o garfo para baixo.

Ela olha para cima de seu macarrão. — Você está bem?

Olhando fixamente para seus lindos olhos castanhos, penso no quanto quero esquecer o que deveria estar fazendo e me conectar com ela em um nível real.

— Johnny?

Tê-la aqui comigo é quase demais. Será que meu destino na vida é ser sempre infeliz? Por que a única mulher do mundo com quem eu quero estar é a mais perigosa para mim?

Que se dane.

Andando pela ilha com meus olhos fixos nos dela, tomei minha decisão. Manterei meus inimigos por perto. Muito, muito perto. Paro bem diante dela e, estendendo a mão, coloco uma das mãos atrás de seu pescoço e olho fixamente em seus olhos.

— Oh, Johnny.

— Não posso lhe prometer nada. E essa pode ser uma das piores decisões de nossas vidas, mas lutei contra isso o quanto pude e não consigo mais encontrar forças para ficar longe de você. — Agarrando-a com mais força, massageio seu pescoço suavemente. — Se quiser que eu pare, diga-me agora.

Ela levanta sua mão delicada e a coloca em meu antebraço. — Não quero que pare.

Puxando suavemente sua cabeça para trás e inclinando-me para a frente, encosto meus lábios nos dela. Afastando-me, tento ler seus olhos - será que ela me quer como eu a quero? Isso é apenas um meio para um fim? Neste momento, não sei se me importo.

Desta vez, quando a beijo, inclino-me e fecho minha boca na dela. Ela tem um gosto tão doce, suave e gentil que todos os meus instintos protetores se acendem. E, neste momento, juro que nunca deixarei que nada de ruim lhe aconteça - nunca. Não importa o que isso me custe. — Deus, Diana... — Coloco a outra mão em volta

de sua cintura e a beijo com tanta força que tenho que me lembrar de ir mais devagar. *Vá com calma, John. Vá com calma. Você poderia quebrá-la sem querer...*

Ajudando-a a sair do banco e ficar de pé, ela passa os braços em volta do meu pescoço, e a maneira como ela me beija de volta - com a boca aberta e a aceitação cheia de paixão - sei que ela me quer.

Mas é impossível que ela me queira tanto quanto eu a quero...

Ao parar, recuo e encosto minha testa na dela, absorvendo-a por um momento. Sim, nós dois estamos jogando um com o outro, mas a essência de quem somos e o que estamos fazendo é muito real. Será que um homem como eu poderia pedir algo mais?

Eu mereço mais?

Levantando a cabeça, olho fixamente para aqueles olhos castanhos e quentes. — Não quero ser um idiota, então você tem que saber que não posso prometer mais do que *agora*.

Ela acaricia meu rosto com delicadeza. — Um amigo muito sábio me disse uma vez que viver em qualquer momento, exceto agora, é uma receita para a infelicidade.

— Eu gosto desse amigo. — Pegando sua mão na minha, eu a conduzo pelas escadas até meu quarto.

— Persianas fechadas, — ordeno ao meu sistema ativado por voz quando ela entra no meu quarto e se senta ao lado da cama. Com fome, meu olhar a percorre de cima a baixo, desde seu lindo cabelo até às unhas dos pés perfeitamente pintadas de vermelho.

Eu deveria ir devagar. Eu deveria, mas, ainda assim, essa é a última coisa que quero.

O brilho em seus olhos, a inclinação de sua cabeça, ela percebe minha hesitação. — E se este fosse nosso último momento? — pergunta. — Juntos, ou mesmo, nesta terra?

Ela sorri para mim, e meu coração se enche de alegria.

— O que você faria comigo então? Se não estivesse preocupado com quem você é ou com o que estou fazendo aqui?

É o sinal verde de que preciso, e a protuberância em minha calça responde quase estourando para fora do maldito jeans. Mas se essa é realmente a minha única chance com Diana Walker, não vou me apressar como um maldito adolescente excitado. Em vez disso, vou tomar meu tempo e aproveitar cada delicioso segundo.

Andando até ela, pego suas mãos e a levanto. Deslizando a jaqueta para fora dos ombros, deixo-a cair em uma poça ao redor de seus pés descalços. O calor de seu corpo irradia através da camiseta fina, e seus mamilos se projetam para a frente em pontas eretas. Como eu quero me ajoelhar diante dela para morder, chupar e mordiscar até que sua cabeça caia para trás e ela me implore por mais.

Minha respiração fica cada vez mais rápida, e o suor começa a se formar entre as minhas omoplatas. Minha maldita camiseta está quente demais para este quarto, então me aproximo e, com uma mão, arranco-a do meu corpo.

— Huh! — Ela ofega com a força que uso, e seus olhos percorrem meu corpo de cima a baixo.

Estendendo a mão, pego suas mãos macias e as coloco em meu peito. Fechando os olhos, eu a inspiro - ela é quente e macia, e aposto que muito, muito úmida...

Que se dane isso. Eu preciso saber.

Levantando as mãos dela para o alto, puxo a camiseta por cima da cabeça e, sem pensar, me abaixo e, desabotoando a calça jeans, tiro-a do corpo dela.

Ela está diante de mim com um conjunto de calcinha e sutiã de renda rosa.

— Você é tão linda, Diana.

Ela inclina a cabeça para o lado e esfrega a bochecha em seu ombro de forma tão discreta que tenho certeza de que ela é um cordeiro trazido para o abate.

E eu sou seu carrasco.

Que se dane. As coisas são assim mesmo.

Movido por um desejo como nunca senti antes, eu a levanto e a deito na cama e, com meu peso equilibrado nos cotovelos, pairo sobre ela. Pressiono meu pau latejante contra sua calcinha de renda.

Ela geme em resposta. — Oh, Deus, Johnny...

Quando ouço meu nome escapar daqueles belos lábios, quero mais. Cobrindo sua boca com a minha, introduzo minha língua com força e profundidade. Liberando uma de minhas mãos, eu a percorro para cima e para baixo em sua lateral, apreciando cada curva e vale. Afastando-me de nosso beijo, abro a braguilha de meu jeans. A ponta da minha ereção dura como uma rocha salta para fora da parte superior da minha cueca boxer.

Deslizando para o lado dela, eu observo cada centímetro - desde a cavidade de seu pescoço, traço meu dedo entre seus seios, até à parte de baixo de sua barriga -

e então, achatando a palma da mão, deslizo para além da parte de cima de sua calcinha de renda, pousando em seu monte.

— Diana...

Meus dedos exploram avidamente toda a extensão dela, enquanto suas unhas deixam um rastro de arranhões suaves para cima e para baixo em minhas costas. Mergulhando mais abaixo e entre os lábios de sua boceta, ela está tão molhada e pronta quanto eu imaginava. Mas ainda não é hora.

Ajoelhado, eu a puxo para cima comigo. Pela expressão de surpresa em seus olhos, ela não estava esperando por isso. Em pé ao lado da cama, tiro minha calça jeans e minha cueca boxer. Seus olhos se voltam para o meu pau, que está pulsando de tanto desejá-la.

— Johnny... — Ela lambe o lábio superior e se arrasta para o lado da cama.

Ao vê-la ali, com as mãos e os joelhos, rastejando até mim... — Pare, — eu ordeno, e ela congela no lugar. — Boa menina. Fique aí.

Ela permanece imóvel enquanto eu me aproximo da parte inferior da cama.

— Você, Diana Walker, tem sido um desafio para mim. Mais do que um desafio, você tem sido uma provocação surpreendente, que me desobedece, me rouba e, em geral, é um pé no saco. — Inclinando-me sobre a cama, coloco minha mão em sua bundinha esticada e a esfrego enquanto sussurro em seu ouvido: — Mas em vez de puni-la agora mesmo, colocando-a sobre meu joelho, o que, acredite, seria gentil e erótico, embora bastante doloroso. — Deslizando minha mão para dentro da parte de trás de sua calcinha, estendo meus dedos e alcanço o ponto de nervos entre suas pernas. — Estou decidindo como devo transar com você, para que saiba exatamente com quem está brincando e do que sou capaz.

— Oh, Johnny... — Seus braços começam a tremer.

Eu sorrio.

Pressionando meu dedo com mais força contra seu clitóris, continuo: — Estou pensando se devo pegá-la e levá-la até à parede, permitindo que suas mãos fiquem em volta dos meus ombros enquanto deslizo meu pau duro como uma rocha dentro de você, levantando-a para cima e para baixo ao mesmo tempo em que dou minhas estocadas fortes e profundas...

— Johnny, por favor.

— Pare. — Eu suavizo meu toque, o que faz com que ela se contorça, e sua adorável bunda balança para a frente e para trás. — Não é hora de você falar, Diana. É hora de você ficar quieta e entender que, pelo resto da tarde, você me pertence. Está entendendo?

— Sim.

— Boa menina. — Retomando minha pressão e pressionando ainda mais contra seu ponto, esfrego em pequenos círculos.

Ela geme e joga a cabeça para trás. — Johnny, por favor, deixe-me falar.

Sua desobediência faz meu pau ficar mais duro, e mal consigo manter essas preliminares - imagino que ela deve estar pronta para explodir.

— Eu vou ter que...

— Ah, não, ainda não. — Eu libero a pressão e puxo minha mão para trás, pousando-a em sua bunda. — E nada de apertar suas pernas juntas. Não vou permitir nenhuma liberação, a menos que seja comigo. Entendeu?

— Sim, — ela fala com os dentes cerrados e está respirando ofegante pela boca.

Fico olhando para sua bundinha perfeita, que é tão redonda e empinada que fico com tesão toda vez que olho para ela - o que é muito. — E então eu me pergunto se devo mantê-la assim, mas encostar sua cabeça em um travesseiro e, mantendo sua bunda bem alta, pegá-la por trás.

— Mmmm... — Ela balança os quadris violentamente de um lado para o outro, e seu corpo treme por manter a posição - e pela excitação.

— E, finalmente, estou pensando se devo virá-la de costas, prender suas mãos sobre a cabeça e empurrar o meu pau duro e comprido até onde você conseguir?

— Johnny, por favor...

— Falando sem permissão, Diana?

SMACK!

Dou um tapa em sua bundinha firme com um golpe certeiro, e seus joelhos se dobram quando ela quase se solta. Posso ver o suor e o cheiro de sexo em toda ela, e não aguento mais.

Segurando-me e passando a mão por todo o meu pau, não é surpresa que eu esteja ainda mais duro e mais longo do que o normal. Ainda assim, com meus olhos nela, vou até à cabeceira de madeira e pego um preservativo na gaveta lateral.

Colocando-o com uma das mãos, tomo a decisão que sempre soube. — Diana? — Abaixo a mão e solto seu sutiã. Seus belos seios se soltam enquanto ela se mantém na posição de mãos e joelhos.

— Sim?

— Vire-se para mim.

Desabando na cama, ela já está exausta quando rola de costas. Ela parece perdida em outro mundo enquanto eu tiro seu sutiã e, em seguida, abaixando a mão,

tiro sua calcinha. Deitado ao seu lado, estendo a mão e acaricio sua bochecha antes de virar seu belo rosto para mim. Beijando-a gentilmente, ela me beija de volta com tanta força que faz minha alma doer.

Olhando em seus belos olhos, vejo que estão úmidos e vidrados. — Fique comigo, Diana.

— Estou bem aqui.

Traçando um dedo de um seio a outro, brincando com seus mamilos, ela vira a cabeça para trás e geme.

— Oi. — Bato levemente em seu nariz. — Uma amiga muito sábia me disse uma vez para pensar neste momento como nosso único momento. Tudo pode acabar em um piscar de olhos.

— Sim?

— Sim. E como esse pode ser nosso único momento, decidi exatamente o que vou fazer com você...

— O quê?

Ao subir em cima dela, algo se agita em minhas entranhas. Ao me acomodar entre suas pernas, o sentimento de desejo empalidece em comparação com meu sentimento de proteção. Lentamente, começo a penetrar em seu corpo, encontrando um ritmo agradável e constante que se choca contra seu clitóris e atinge o ponto mais profundo. — Vou fazer amor com você.

— Oh... — Colocando os braços em volta do meu pescoço, ela me puxa ainda para mais perto.

Eu a inspiro com meu beijo. Nosso beijo se torna cada vez mais apaixonado à medida que meu ritmo aumenta.

— Mm-Johnny...

Ela está falando em minha boca e isso é muito sexy.

Puxando a cabeça para o lado, ela murmura: — Não consigo mais me segurar.

— Solte, querida. Solte.

— Oh, uh... — Cerrando os dentes, ela joga a cabeça para trás.

Quero senti-la enquanto a levo ao limite. Virando seu rosto para o meu, eu a beijo novamente, e nós nos beijamos enquanto seu corpo treme sob mim, e ela geme em minha boca.

Cristo, é a coisa mais sexy que já experimentei.

Sinto todas as partes dela - corpo e alma - enquanto ela se convulsiona embaixo de mim, e isso é suficiente para me levar ao limite. Soltando sua boca, ela respira ofegante enquanto eu enfio mais algumas vezes em sua umidade macia antes de cair amontoado em cima dela.

Levantando minha cabeça, olho diretamente em seus olhos, inundados de lágrimas.

Ela não precisa dizer nada. Eu sei exatamente o que ela está pensando.

Porque eu também estou pensando nisso.

Rolando de costas, eu a aproximo do meu peito e a abraço com força.

Oito

Diana

— Eu já lhe disse esta noite que você é incrivelmente linda? — Johnny me puxa ainda mais para perto dele enquanto me conduz pela pista de dança do Copriano's.

O local é sem dúvida o mais bonito que já vi para um casamento ou qualquer outro evento. Levantando minha cabeça de seu peito, olho para ele. — Uma ou duas vezes. E obrigada. Mas não sou eu, é o vestido. — Abaixando a mão, seguro a única camada de tule sobre o vestido de seda que está ajustado em minha cintura e solto no chão. Sacudo a cabeça. — Esse vestido é lindo. Adoro o corpete de renda sobre a seda e a cintura marcada. Obrigada. Foi uma bela surpresa.

— É você, mas não tem de quê.

Usar um vestido que Johnny DeSantis escolheu e enviou para mim está causando muitos sentimentos conflitantes. Sim, adoro estar coberta por *ele*, mas será que o mal-estar em minha barriga é porque estar com Johnny DeSantis significa abrir mão de mim completamente?

Do jeito que ele me segura, com minha mão na dele e a outra em volta da minha cintura, não há dúvida de que ele está completamente no comando, assim como está no quarto... apaixonado e amoroso, mas inquestionavelmente *masculino*.

E todas essas tendências fortes e alfa foram uma surpresa bem-vinda.

Vejo a noiva, Eleni DeSantis, rindo enquanto Vincent DeSantis, seu novo marido, a gira no lado oposto da pista. Ela é uma mulher inteligente, com uma excelente carreira como advogada, e consegue equilibrar isso enquanto está com Vincent. Talvez eu possa fazer o mesmo?

Talvez eu pudesse, mas sou uma repórter. E nunca conseguirei sair de minha maldita coluna e avançar em minha carreira se não conseguir uma história. E, infelizmente, a única história que está girando em minha cabeça há meses é a da família DeSantis.

Mas por que isso é ruim? O que eu acho que vai acontecer? Johnny DeSantis e eu vamos nos casar e viver felizes para sempre? Será que ele ao menos me quer? Não tenho a menor ideia. Porque nessas duas últimas semanas, desde que passei aquela tarde na casa dele, não sei o que está acontecendo entre nós, ou o que estou fazendo - sobre nada.

Eu tive o pior caso de personalidade dividida, talvez jamais conhecido por uma mulher. Todas as manhãs, sozinha em minha mesa na redação, digitando a última coluna de fofocas, tento me convencer de que a única razão pela qual estou com Johnny DeSantis é por causa de uma história. Mas à noite, ao cair na cama com ele, ele me faz esquecer tudo, exceto como ser mulher...

Uma coisa é certa: sinto-me mais segura com ele do que jamais me senti em minha vida. Sim, há guardas armados em todos os cantos e níveis do local, mas,

ainda assim, sei em minha alma que Johnny nunca deixaria nada de ruim acontecer comigo.

— Este lugar é como um conto de fadas, — sussurro. Enquanto ele me gira, observo o arco gigante que separa a pista de dança da área de jantar. A pista de dança, que é ladeada por colunas que ficam diante de cortinas de cor creme até ao chão, faz com que pareça que estamos em um castelo. E as mesas - simplesmente uau!

Toalhas de mesa prateadas escuras cobrem as longas mesas em estilo familiar. No centro de cada mesa, há uma série de vasos altos com orquídeas brancas e verduras, intercalados com vasos menores contendo rosas combinadas, também brancas. Espalhados entre os arranjos florais estão pesados castiçais de prata com lindas velas creme, fazendo a transição do local de um espaço cavernoso em Midtown para um refúgio exuberante e romântico. É o lugar mais lindo que já vi.

E estar com Johnny DeSantis faz com que tudo pareça um sonho.

É por isso que, hoje à noite, vou esquecer tudo sobre quem somos e o que estamos fazendo e me concentrar apenas em me divertir.

A música termina e ele sussurra em meu ouvido: — Champanhe?

— Por favor!

Com um sorriso, ele me pega pela mão e me leva até à área do bar, que fica na outra extremidade da pista de dança. No caminho, passamos por vários garçons que nos oferecem champanhe, mas ele diz que não, para que possamos nos sentar no bar.

O bar está tão bem decorado quanto o resto do local, e a equipe de garçons se apressa em nos trazer taças cheias de champanhe.

— Venha cá.

Virando-me para ele, ele coloca as mãos em volta da minha cintura e, levantando-me, senta-me em um banco alto de bar. Eu me encosto em um dos braços da banqueta. — Muito obrigada...

— Johnny! Johnny DeSantis.

— Leo, Nicco, Luca, Salvi! — Abrindo bem os braços, Johnny abraça cada um dos quatro homens individualmente e depois se volta para mim. — Deixe-me apresentar Diana Walker. Diana, estes são meus primos, vindos da Itália.

Puxa vida. Sentada aqui, olhando para eles, tenho que conter uma risada. Será que Deus estava se sentindo muito generoso no dia em que criou a família DeSantis? Um é mais bonito do que o outro, embora nenhum deles tenha as feições robustas e os olhos azuis de Johnny. Mas mesmo assim.

Todos eles têm uma aparência semelhante, com uma faixa etária que eu diria ser de dez anos. Leo tem pelo menos a altura e a constituição física de Johnny, e é o mais velho. Seus olhos são escuros, o cabelo é curto e, embora tenha sido arrumado para esta noite, parece estar normalmente desgrenhado. Sua barba curta tem manchas de cinza. Nicco e Luca aparentam ter idades semelhantes, ambos são altos e mais magros do que Johnny, e ambos têm cabelos bem cortados e mandíbulas fortes, embora Nicco tenha uma barba preta curta. E Salvi, com cabelos castanhos claros e longos e olhos escuros intensos, parece ter mais ou menos a minha idade e ser o mais jovem.

— Olá. — Eu sorrio.

Eles respondem com ‘Hello’ e ‘Buona Sera’.

— Todos eles vieram para o casamento. — Ele coloca a mão no encosto da minha cadeira, para que ninguém tenha dúvida de que estamos juntos.

— É claro. — A transpiração se acumula na parte inferior das minhas costas e a nuca está quente. Sou muito grata por meu cabelo estar preso em um coque baixo e solto.

— Ah, mas eu sou nova-iorquino, — diz Leo, aproximando-se de mim. Ele faz contato visual inabalável. — É que passo tanto tempo no ar, viajando para a Itália, que quase me esqueci do que esta cidade tem a oferecer. Mas estou vendo que Johnny, aqui... — Com cuidado, ele levanta minha mão do colo e beija as costas dela. — ...não esqueceu. — Ele solta minha mão.

Droga, se eu já não tivesse sido arrebatada por Johnny, seria muito fácil cair no charme de Leo...

Com a mão no ombro de Leo, Johnny dá uma risadinha. — Leo é um pouco jogador, Diana.

— Não brinca. — Eu sorrio, e todos riem. — Como tem sido sua estadia? — Abro a pergunta para todos os primos.

— Muito curta, — responde Salvi.

Nicco aperta a mão no ombro de Salvi. — Infelizmente, estamos todos sem par aqui. Salvi esperava conhecer algumas garotas bonitas enquanto estivesse em Nova York, mas não temos certeza de onde fazer isso.

Por um momento, penso em mandar uma mensagem de texto para Alexa, mas depois me lembro que seria como trazer um Montéquio para uma reunião dos Capuletos[3]. — Tenho certeza de que nenhum de vocês tem problemas para arrumar encontros. — Rindo, penso em recomendar clubes e me oferecer para incluí-los nas listas de convidados e, novamente, lembro que minha conexão com o clube é a Alexa.

[3] Referência à história de Romeu e Julieta.

Oh! Todos, exceto um. Há um novo clube sobre o qual escrevi esta semana que não pertence à família Drakos.

— De fato... me dê licença por um momento. — Tiro meu celular da bolsa e rapidamente envio uma mensagem de texto ao gerente do 'Only', solicitando que esses quatro homens e seus amigos sejam incluídos na lista VIP. Ele responde a mensagem em um segundo, agradecendo-me novamente pelo artigo e confirmando seus lugares na lista para esta noite. Levanto meu telefone. — Há uma nova boate na Bowery. Chama-se 'Only'. Vou mandar as informações para Johnny enviar para vocês. Eu os coloquei na lista de convidados VIP para esta noite.

— Ah! — Os quatro se alegram e me agradecem.

Sorrio. É a primeira vez em muito tempo que me lembro de gostar do meu trabalho. — A boate abre às dez, e eles servem até às quatro. Vocês vão se divertir.

Leo levanta as sobrancelhas para Johnny.

Johnny acena com a cabeça em resposta e, em seguida, cada homem vem até mim e me beija no rosto, respondendo com um 'Obrigado', 'Grazie' ou 'Ciao Bella', enquanto se afastam, deixando Johnny e eu sozinhos.

— O que foi isso? — Pergunto a Johnny.

— Meus primos? Eles são um grupo. Desculpe se eles foram demais.

— Não, eles são ótimos. Por que levantaram as sobrancelhas e acenaram com a cabeça antes de me beijar?

— Você pegou isso?

— Johnny, vamos lá. Eles... eles lhe pediram permissão para me beijar?

— Como você reagiria se eles fizessem isso?

Como eu reagiria? Bem, o libertário em mim quer jogar tomates podres de um mês de idade neles, mas a garota em mim está em chamas... — Não sei.

— Bem... — Ele gira minha cadeira para que eu fique de frente para ele e apoia as mãos na barra, uma de cada lado. Ele me mantém aqui nessa bolha que criou. — Como você reagiria se eu lhe dissesse que não suporto a ideia de você com mais ninguém?

— Acho que eu diria que gosto... talvez até demais.

— Eu também. — Inclinando-se para baixo, ele me beija suavemente nos lábios.

Nosso beijo é interrompido por uma poderosa voz masculina: — Johnny.

Ao abrir os olhos, vejo Vincent DeSantis ao lado de minha cadeira. — Oh. Olá. Sr. DeSantis. Parabéns. Seu casamento é lindo. — Não sei por que estou tão surpresa por ele estar aqui. É o casamento dele, mas ainda assim - estar em contato próximo com os dois irmãos DeSantis é um pouco esmagador - está me deixando tonta.

— Obrigado e, por favor, me chame de Vincent. — Ele estende a mão e eu a aperto.

— Johnny? — Ele olha de Johnny para mim e depois de volta. — Você se importaria se tivéssemos uma conversa? Alguns assuntos inesperados.

Uau! Sem mais nem menos, todo o calor que Johnny demonstrou momentos atrás desapareceu. Seu corpo se enrijece e, ficando mais ereto, ele olha para o chão e depois de volta para mim. — Se me der licença por um momento.

— É claro.

Ao saírem, Vincent e Johnny desaparecem atrás de uma cortina, provavelmente em alguma sala escondida.

A repórter que existe em mim quer segui-lo, mas a garota - a garota que está aqui com Johnny DeSantis - sabe o que é melhor.

Mal tive tempo de examinar a sala quando Eleni DeSantis, a noiva, veio até mim carregando pequenas caixas douradas. — Oi. — Colocando as caixas no balcão, ela se senta no banco ao lado do meu e pega uma taça de champanhe. Ela está sentada no lugar em que ninguém mais ousaria se sentar, já que estou aqui com Johnny DeSantis.

— Oi. — Será que a enviaram para me manter ocupada enquanto Johnny está com Vincent? Por que tudo isso está acontecendo no dia do casamento dela? — Eu sou Diana...

— Eu sei quem você é. — Ela sorri e nós nos cumprimentamos. Todas as noivas são lindas, mas essa mulher é arrebatadora de uma forma muito inteligente e elegante.

— É um prazer conhecê-la oficialmente, — ofereço. — Seu casamento é lindo e você está deslumbrante. Fiquei admirando seu vestido a noite toda. — O vestido dela não tem mangas, tem a parte de baixo toda em seda e um corpete de renda pesada com aparência de brocado. É um decote em V profundo, mas uma peça de renda ainda mais pesada e cravejada de cristais... Diamantes - quem sabe com essas pessoas - cobre seu decote.

— Obrigada. — Ela olha para o vestido e depois de volta para mim. — É de grife, e havia uma equipe de costureiras italianas para garantir que ele abraçasse meu corpo perfeitamente e ficasse bem em todos os ângulos. É difícil não ficar

bonita. É muito diferente de quando minhas melhores roupas eram da prateleira de liquidação da Macy's.

Nós sorrimos.

— Esse vestido fica lindo em você. — Ela toma um gole de champanhe e acena para mim.

— Obrigada. Eu o adoro. Johnny o enviou para mim.

— Ah, eu sei. — Ela dá uma piscadela.

— Você...

— ...escolhi? Digamos que eu o orientei na direção certa. Se deixássemos nossas escolhas de roupas por conta dos irmãos DeSantis, estaríamos de micro-biquíni dentro de casa e com hábitos de freira do lado de fora.

— Amém. — Eu bebo um copo com ela, apreciando a camaradagem. Eu adoraria convidá-la para sair comigo e com Alexa, mas acho que não é uma boa ideia misturar Alexa Drakos e Eleni DeSantis. *Meu Deus, o que estou fazendo aqui?* — Sabe, eu fiz algumas pesquisas sobre você. — Encostada no balcão, olho para ela.

É quase imperceptível, mas seus olhos brilham com algo, e então ela olha na direção em que Vincent e Johnny acabaram de ir.

Hum. O que ela não quer que eu saiba?

— Sei que você conseguiu se sustentar sozinha como advogada e depois conheceu Vincent. Isso é muito legal.

— Obrigada. — Seus olhos se suavizam novamente. — Você também está indo bem. Está cobrindo o casamento?

— Ah, que droga, não. Estou apenas curtindo. Você merece sua privacidade. Obrigada por permitir que eu viesse.

Ela sorri docemente. — Você se acostuma com isso, sabe.

Sei que poderia ser sinceramente amiga dessa mulher. — Com o quê? — Tomo um gole de champanhe, tentando acalmar meus nervos. O que essa mulher vai me dizer e, mais importante, o que vou fazer a respeito?

— Os negócios. Às vezes, isso acontece até no dia do casamento.

— E não se importa com... tudo isso?

— Sem dúvida.

— Quero dizer, você é advogada.

— Sim. — Ela suspira. — O Vincent DeSantis com quem eu vivo pode ser um homem diferente do Vincent DeSantis que as pessoas acham que conhecem. Eu sei o que é certo para mim, e você tem que saber o que é certo para você. Diana, Johnny nunca a teria trazido esta noite se não gostasse de você.

— Sim?

— Vincent me disse uma vez que Johnny tem muita dificuldade em confiar. Cá entre nós, acho que ele não se sente digno de ser amado.

— Por que não?

Ela dá de ombros. — Por que qualquer um de nós se sente assim em relação a qualquer coisa?

Com o canto do olho, vejo Nicco e Salvi folheando o celular e olhando para mim enquanto bebem algumas doses de algo de cor âmbar.

Isso me deixa desconfortável, mas é um casamento, e talvez eles estejam lendo minha coluna...? Eles descobrirão que sou repórter de uma forma ou de outra, mas espero que estejam lendo o artigo sobre o clube para o qual os estou enviando. Dessa forma, tudo será menos constrangedor.

Limpando meu cérebro deles, eu me concentro no que realmente importa. — Eleni, posso lhe fazer uma pergunta? — Meu coração bate mais rápido enquanto formulo meus pensamentos. — Por que Vincent é o chefe da empresa DeSantis, quando Johnny é mais velho?

— Ninguém sabe. Algo a ver com o fato de que o pai deles não gostava muito de Johnny. Pobre rapaz. Não consigo imaginar alguém que não goste do Johnny. Ele é a pessoa mais legal que conheço. Vincent é maravilhoso para mim e um cara legal, mas Johnny se preocupa genuinamente com todas as criaturas vivas. É como se Vincent fosse uma versão legal do pai deles e Johnny fosse a mãe deles, eu acho. Embora eu nunca a tenha conhecido.

Eles são diferentes. Diferentes demais. Sempre me perguntei sobre isso. E depois de conhecer os primos DeSantis e ver o quanto eles são parecidos - por que Vincent e Johnny são tão diferentes? De onde vêm esses olhos azuis?

— E você conhece Johnny, ele é um pouco pacifista. Você precisa ser mais do tipo tubarão para lidar com todas as operações do dia a dia de uma empresa grande como a deles.

— Como Vincent?

— Como Vincent. Aqui. — Ela tira as pequenas caixas douradas do balcão e me entrega uma.

— O que é isso?

— Chocolates. Não são quaisquer chocolates, são os melhores chocolates do mundo. Eles vêm de uma pequena loja italiana na região de Piedmonte, de onde vêm suas trufas. Experimente. — Ela toca na etiqueta branca na parte inferior da caixa.

Ao ler o nome e o endereço, eu os memorizo. Quem sabe um dia eu precise de um chocolate realmente delicioso? Ao abrir a caixa, sinto o cheiro de avelãs e chocolate caro. — Uau, esse cheiro é divino.

— Mm-hm. — Ela sorri, colocando um na boca. — Vale totalmente a pena correr o risco de perder o apetite antes do jantar, mesmo que estejamos servindo camarão e filé mignon.

Colocando um em minha boca, ele derrete, deixando uma camada do chocolate mais decadente que já experimentei. — Oh, eles são o paraíso.

— Eu sei. Está vendo aquele casal de idosos ali? — Ela aponta para um casal sentado em uma mesa pequena e redonda. — Signore e Signora Ricci. Este é o chocolate deles. Eles o fazem há muito tempo. Vincent me pediu em casamento na loja deles na Itália.

— Isso foi romântico.

— Foi. Eles conhecem Vincent desde que ele era um menino.

Desde que ele era um menino? — Você acha que eles também conheceram Johnny a vida inteira? Quero dizer, apesar de ele ser mais velho?

— Provavelmente sim. — Dando uma última mordida no chocolate e limpando os dedos em um pequeno guardanapo branco do bar, ela desce da banqueta e me abraça. — Tenho que voltar agora. Coisas do casamento. Mas foi muito bom

conversar com você, Diana. Espero que você e Johnny.... — Ela balança a cabeça. — Bem, de qualquer forma, espero poder vê-la algum dia. Ter uma noite de garotas?

— Eu adoraria isso!

— Eu também. — Ela me abraça novamente.

Estou genuinamente feliz. Eu gostaria de passar algum tempo com Eleni, e não por causa de uma história, mas apenas porque ela é legal. Mas será que isso pode acontecer? Não apenas porque nenhum deles sabe que Alexa Drakos é minha melhor amiga, mas também porque preciso manter minha carreira em andamento.

E, embora me custe pensar nisso, passar um tempo com o sexy Johnny DeSantis sem descobrir uma história não está sendo suficiente.

Falando no diabo... e digo isso literalmente.

— Sentiu minha falta? — Johnny vem por trás de mim e envolve-me com seus braços, puxando-me para ele.

— Sim. — Libertando-me, eu me viro e sorrio para ele.

— Eu a vi conversando com Eleni. Vocês duas estão se dando bem?

— Ela é ótima. E...

— Olá. — Nicco e Salvi entram em nosso espaço. Eles estão muito próximos de nós dois e, pela forma como cheiram a álcool e falam mal, é óbvio que estão bêbados.

— Nicco? — Johnny se volta para o primo, lendo o mesmo olhar de raiva no rosto de Nicco que eu vejo - sobrancelha franzida, mandíbula cerrada - e seu sorriso desaparece. — O que está acontecendo? — Johnny consegue fazer com que os dois homens se afastem um pouco, entrando na minha frente.

— Dormindo com o inimigo? — Nicco acena com a cabeça para mim.

— Desculpe-me? — Só de estar ali, parece que todo o corpo de Johnny fica tenso e se prepara para a batalha.

— Por que você a trouxe? Hein? — Nicco olha em volta de Johnny para me encarar. — Sei que o lema da nossa família é: 'Mantenha os inimigos mais próximos', mas quão próximo, exatamente, você a tem?

— O quê? — Com os olhos arregalados, bato no ombro de Johnny, e ele se afasta, olhando para mim. — Johnny, o que isso significa?

Johnny respira fundo e, ao fazê-lo, seus ombros se erguem e se abaixam. Ele me ignora e responde a Nicco: — Se você está se referindo ao fato de ela ser uma repórter....

— Não. Eu não dou a mínima para isso.

— Cuidado com sua boca. — Johnny se aproxima ainda mais de Nicco e Salvi.

Oh, uau... Eu sei que isso não vai acabar bem. E eu realmente, realmente não quero que isso aconteça durante o casamento da pobre e doce Eleni.

— Ela é uma repórter de fofoca. Uma porcaria da Page Six. Todo mundo sabe que ela só tem o emprego por causa da foto que eles publicam com a coluna. Quer dizer, vamos lá, aberturas de boates e avistamentos de celebridades? Isso não é jornalismo, isso é besteira.

— Quem diabos você pensa que é? — Johnny se aproxima. — Você está bêbado. Com cara de merda. E eu quero que fique longe dela. Mas, primeiro, você lhe deve um pedido de desculpas.

Com todas essas vozes em meu cérebro, o único pensamento coerente no momento é que não quero que nada aconteça aqui. Não é justo com Eleni. — Johnny, por favor. Isso não importa.

— O que não importa? — Salvi sibila, balançando em seus pés. — Que você seja uma repórter ou que seja o inimigo?

— Como posso ser o inimigo?

— Ele sabe? — Nicco levanta as sobrancelhas e inclina a cabeça, questionando-me.

— Ele sabe o quê? — Meu corpo inteiro treme de nervosismo e raiva. Será que Johnny estava me usando todo esse tempo? Será que eu estava propositalmente cega, evitando verificar qualquer tipo de história real sobre a família dele porque pensei que estávamos nos aproximando - e eu queria me aproximar -, mas o tempo todo ele estava me enganando? Como pude ser tão estúpida!

As pessoas começam a nos notar e a apontar em nossa direção.

Estou mortificada. Eu me afundo em meu assento. Levantando minha bolsa de noite até à altura dos olhos, gostaria de poder desaparecer.

Os homens bêbados ficam mais barulhentos.

— Sua conexão... — Nicco quase cospe a palavra em mim.

— Do que você está falando? — A voz de Johnny está mais grave e ameaçadora.

Graças a Deus, a banda continua tocando, então isso não é um desastre total para Eleni e Vincent.

— Ah, então ele não sabe? — Nicco me dá um sorriso venenoso.

— Não sabe o quê? — A mandíbula de Johnny está bem cerrada.

— Ora, a adorável Diana Walker não é apenas uma repórter, ela também está na folha de pagamento da Drakos.

— O quê? — Johnny se vira para mim.

Chocada, desço do meu banco e, contornando Johnny, olho Nicco nos olhos. — Isso é mentira. Você não tem ideia do que está falando. E está bêbado.

— Talvez eu esteja bêbado, mas sei do que estou falando. — Ele estala os dedos e Salvi lhe entrega um telefone. Nicco o segura e nos mostra a tela.

Estamos vendo inúmeras selfies minhas e de Alexa em várias boates.

— Como você conseguiu isso? — Minha voz treme quando falo. Demetrios Drakos tem uma rédea tão curta sobre Alexa que até suas contas sociais são todas privadas. Ela só publica algumas fotos nossas nessas contas. — Essa conta é privada.

— Eu tenho contatos.

Balançando a cabeça, minhas únicas preocupações são Alexa e Johnny. Voltando-me para Johnny, coloco a mão em seu braço. — Sim, eu a conheço. Ela é minha melhor amiga. Estudamos juntas na escola. — Soltando meu braço, viro-me para Nicco. — Mas eu não estou na folha de pagamento dos Drakos.

— Não? E quanto ao pagamento da entrada de seu apartamento?

— Isso foi um presente. O pai dela sempre foi generoso comigo. — Assim que digo isso, percebo o que parece. — Mas Johnny, ele é legal comigo por causa e através de Alexa. É só isso. Eu não o conheço pessoalmente.

— E quanto aos presentes que são enviados para... — Nicco olha para o celular e lê: — Bree e Daniel Walker várias vezes por ano?

— Alexa envia isso. Ela ama o Daniel. Como? — Eu olho de homem para homem. — Como você sabe de tudo isso?

— Parece que você não é a única que tem a capacidade de bisbilhotar. Também parece que minhas conexões podem ser mais profundas do que as suas. Como esta, por exemplo. — Ele mostra uma foto de Alexa e eu na praia. Em topless...

— Dê-me isso, — ordena Johnny ao arrancar o telefone. — Você não tem o direito de mexer na conta pessoal dela.

Minhas bochechas esquentam e o constrangimento me invade.

— Talvez não, mas mexemos. E não importa o que você faça com meu telefone, Johnny, eu já a vi. — Nicco se vira para mim. — E agora que eu vi, Johnny nunca vai querer você. Ele é limpo demais para isso. Mas não me importo com as sobras dele. Especialmente durante a noite...

Agarrando meu braço, ele tenta me puxar para perto, mas Johnny intercede e empurra Nicco para trás.

Nicco dá um passo à frente novamente e empurra Johnny.

Bam! Johnny dá um soco na mandíbula de Nicco, e Nicco recua, cambaleando. Ele dá um passo à frente, e *Bam!* Johnny lhe dá outro soco.

O casamento para quando as pessoas ficam boquiabertas e se voltam para nós.

Vincent corre para Johnny.

Leo vem correndo para o meu lado. — Você está bem, Diana? — As sobrancelhas de Leo estão franzidas e ele parece genuinamente preocupado. — Gostaria que eu a levasse para casa?

— Não, obrigada. — Minha atenção se volta para Johnny, mas Leo permanece ao meu lado.

— Saia daqui, — Johnny fala baixo. Apontando com o braço para a entrada, Johnny dá um chute na canela de Nicco, que está curvado, movendo-o. — Eu disse para sair! — Ele fala com tanta força que as vibrações passam por mim.

Esse homem odeia violência, então por que agora ele está socando as pessoas? É possível que, por trás de tudo isso, ele não seja o homem que eu pensava que era? Que ele seja realmente violento como Alexa alertou? Sim, ele é controlador no quarto, mas isso é tudo por diversão. Mas isso - esse homem que acabou de dar um soco e um chute em seu primo - é mais do que eu sei? E será que devo ter medo?

Uma coisa é certa: não vou ficar esperando para descobrir. Resmungando um pedido de desculpas e esperando que Eleni saiba que é para ela, corro em meio à multidão e me dirijo à entrada do Copriano's com Johnny logo atrás de mim.

— Diana!

Eu o ignoro.

— Diana, espere. — Ele agarra meu braço.

Dou um solavanco para a frente, caindo contra ele devido ao impulso. Estamos no corredor cavernoso e arqueado do Copriano's. — Não quero esperar.

— Preciso saber o que aconteceu lá atrás. O que ele disse é verdade?

Olhando para Johnny, vejo um homem que nem sequer conheço. — Então é isso? Foi por isso que você veio atrás de mim? Para descobrir se estou na *folha de pagamento da* Drakos?

Soltando meu braço, ele esfrega o rosto. — Bem, essa é a questão mais importante aqui, você não acha?

— A questão mais importante é se eu sou ou não uma espiã de Demetrios Drakos?

Ele inclina a cabeça. — É claro que é.

— Não é se eu estou bem. Não é por seus primos terem invadido a conta particular da minha melhor amiga, que, sim, tem o sobrenome Drakos, mas sabe menos sobre os negócios da família dela do que eu sei sobre os seus. Não é por eles terem insultado meu trabalho...

— Diana, vamos lá. Você realmente escreve artigos de fofoca. Novos clubes e celebridades? Não vejo por que se ofende com isso. É a verdade.

— É a verdade? — Lágrimas picam meus olhos. — Bem, deixe-me lhe dar um pouco mais de verdade. Você acha que eu passei as duas últimas semanas em sua cama porque alguém me pagou para isso?

— Todo cuidado é pouco, Diana. Você precisa entender que em nosso negócio...

— Que negócio, Johnny? O negócio de alimentos? Parece-me que há um zilhão de outras empresas de alimentos por aí que funcionam sem a necessidade de guarda-costas, de todo o sigilo e de qualquer outra porcaria clandestina que você tenha.

— Você não sabe do que está falando. Por favor, pare.

— Oh, eu vou parar. Mas por que você não responde a uma de minhas perguntas primeiro? Esse é o acordo, certo? Manter seus inimigos mais próximos? Então, por que não me diz? Por que seu pai não gostava de você?

— O quê?

— Seu pai. Ele nunca gostou de você. Você deu a entender isso, e Eleni acabou de confirmar. Quer me dizer por quê?

Seus olhos ficam gelados. — Não faço ideia.

— Acho que sabe. E adivinhe só? Eu vou descobrir o motivo. E quando eu descobrir, toda Nova York saberá. Já estou vendo a manchete, — levanto as mãos para enfatizar. — O belo líder da DeSantis Enterprises é uma fraude. E talvez então você possa começar a sentir as profundezas da traição que estou sentindo agora.

— Deixe tudo isso de lado, Diana. Por favor.

— Por quê? Por que eu deveria colocar você acima da minha carreira? Não é como se você tivesse escolhido me colocar em primeiro lugar. — Afastando-me dele, faço uma pausa e volto para trás. — Ou confiar em mim, de fato. — Levantando as laterais do meu vestido, corro para a porta.

— Diana, espere!

Sem parar, saio correndo do prédio e vou para as ruas quentes de Manhattan em julho. Felizmente, há um táxi esperando. Ao entrar, digito o endereço de Alexa. Mesmo que ele me siga, o que pode acontecer, ela estará segura. Não há dúvida de que, com suas conexões, Nicco e Salvi poderiam descobrir onde Alexa mora, mas isso não importa. Ela terá seus guardas na porta. E quando eu disser a ela que sua rede social foi hackeada - embora eu não possa dizer por quem ou causarei uma guerra que envolverá a vida de muitas pessoas inocentes, talvez incluindo Alexa -, ela irá para a casa de papai em Jersey até que o problema seja resolvido.

Tremendo, encosto minha cabeça na janela do táxi.

Como ele pôde fazer isso comigo? E como pude deixar isso acontecer? Uma única lágrima desce pelo meu rosto, mas não. De jeito nenhum. Não vou chorar por causa desse homem. É óbvio onde está sua lealdade.

Ele que se dane. E talvez eu tenha perdido algum tempo acreditando que algo real poderia ter acontecido entre nós, mas agora estou de volta aos trilhos. Vou fazer meu nome de uma forma ou de outra. E vou começar descobrindo o segredo do porquê de Johnny DeSantis, um homem amado pela maioria, ser odiado por seu pai.

Sinto um calafrio, mas o afasto à força. Não há tempo para fraquezas. Afinal de contas, sou Diana, a deusa da caça, e a história de Johnny DeSantis acaba de se tornar minha presa.

Nove

Diana

Fechando os olhos, encosto a cabeça no encosto de cabeça enquanto meu voo da *Alitalia*, a companhia aérea italiana, aterrissa no aeroporto de Caselle, em Turim, Itália. É o aeroporto mais próximo que encontrei das terras e fazendas dos DeSantis em Piedmonte. Embora eu tenha feito a reserva tarde demais para conseguir um assento na janela e tenha ficado presa no corredor, não foi nada demais. De qualquer forma, dormi a maior parte da viagem, aconchegada em meu moletom com capuz de grandes dimensões. Usei isso, junto com óculos escuros e meu cabelo preso em um rabo de cavalo, só para ter certeza de que não seria notada. Embora eu duvide que precise me esconder... Johnny nunca adivinharia que estou na Itália. E ele provavelmente não se importaria. Depois de dois dias me escondendo na casa de Alexa, acho que é seguro presumir que Johnny DeSantis vai me deixar em paz.

Mas ele não pode dizer o mesmo de mim.

Segurando meu telefone enquanto paramos, ignoro suas mensagens de texto da noite do casamento e leio o endereço da loja de doces sobre a qual Eleni me falou. De acordo com meu aplicativo Maps, não fica a mais de meia hora de carro.

Pego minha bagagem de mão simples e saio correndo do avião, entro em um táxi e chego à loja de chocolates em pouco tempo. No caminho, tiro meu capuz, coloco-o na bolsa e solto o cabelo, curtindo a brisa da janela aberta do táxi. A viagem em si foi muito parecida com uma viagem de táxi em Nova York, com a grande exceção está nas vistas. Elas são de tirar o fôlego.

No caminho, meu motorista logo percebeu que eu não falava italiano, então parou de tentar conversar, mas apontou pontos de referência e paisagens enquanto passávamos.

Em minha vida, nunca tinha visto cores tão vivas - o céu era tão azul que parecia ter sido fotografado, e os campos de trigo eram tão vastos e perfeitamente amarelos que pareciam que cada folha tinha sido mergulhada em tinta amarela enquanto crescia. Sim, temos todas essas cores nos Estados Unidos, mas elas são suaves em comparação. É tão bonito aqui, e eu sinceramente gostaria de estar aqui de férias, não para descobrir o furo sobre o homem que partiu meu coração e depois pisou em todos os pedaços. Mas tenho apenas algumas horas para descobrir minha história. Meu avião de volta para Nova York parte hoje às onze da noite.

— *Erano qui*. — O táxi desliza até parar.

— *Grazie*[4], — eu digo, entregando-lhe dinheiro. Sou eternamente grata pelo fato de Alexa Drakos guardar euros em seu apartamento e ter insistido para que eu trouxesse um maço inteiro deles antes de ir embora.

Essa é uma das muitas coisas que a Alexa tem de tão bom - ela faria qualquer coisa por um amigo. Além disso, ela nunca insistiu em saber os detalhes do

[4] Diálogo:
— Chegamos.
— Obrigada.

que aconteceu com Johnny. Tudo o que ela disse quando eu saí foi: — Apenas certifique-se de não fazer nada de que vá se arrepender mais tarde.

É mais fácil falar do que fazer, Alexa.

E, na verdade, não há nada de que eu possa me arrepender mais do que ter me entregado a Johnny nas últimas semanas para descobrir que ele não me quer. Ele só está seguindo o lema de sua família de 'manter os inimigos mais próximos'. *Bem, que se dane você, Johnny DeSantis.*

Ao descer do táxi, vejo a loja de doces mais pitoresca diante de mim. Verifico o endereço para ter certeza de que estou certa e, então, controlando meus nervos e respirando fundo, aproximo-me da loja que parece pertencer a uma vila de esqui suíça.

Está quente lá fora, e a transpiração escorre pela minha espinha. Tiro a camiseta do corpo, tentando me refrescar, mas não funciona. Não é a temperatura externa que está me afetando, é o estresse. Sei que, uma vez que eu faça isso, uma vez que eu descubra seu segredo, não haverá mais volta. E não, eu não sei se vou descobrir a história de Johnny DeSantis em uma pequena loja de doces no norte da Itália, mas todos os meus instintos me dizem que a resposta está aqui, com aquele casal de velhinhos no casamento de Eleni e Vincent, o Signore e a Signora Ricci, que conhecem Johnny desde que ele era um menino.

Colocando minha mão na porta, faço uma pausa enquanto a apreensão toma conta de mim. A resposta está ali. Eu sei que está. E não fiz todo esse caminho para desistir agora.

DING! DING!

Ao entrar, parece que acabei de entrar em uma loja de doces antiga criada em um cenário de filme para uma comédia romântica. Nas paredes, há pilhas de potes

de vidro cheios de balas duras coloridas e *torrone e*, ao lado, um longo balcão de mármore que parece ter sido usado para puxar caramelo ou cortar *halvah*. Ao lado, há fileiras e mais fileiras dos mais belos e delicados doces de chocolate em todos os tipos de formatos - corações, estrelas, meias-luas, com alguns doces redondos e quadrados embrulhados em papel alumínio dourado e prateado.

Algumas pessoas circulam, escolhendo doces. Então, ocasionalmente, ouve-se um *Ding! Ding!* À medida que mais pessoas entram na pequena e movimentada loja. Uma mulher que trabalha na loja vai de cliente em cliente, ajudando. É uma loja linda, mas por que eu achei que vir aqui traria alguma resposta? E o Signore e a Signora Ricci provavelmente ainda nem voltaram de Nova York.

Assim que penso isso, eles se materializam nos bastidores. Devem ter voltado de avião ontem.

— *Buongiorno*! *Buongiorno*! — A Signora Ricci diz para as pessoas em sua loja enquanto elas caminham. Ela se aproxima de mim e me oferece sua mão. — *Buongiorno*.

Nós apertamos. Sua mão é quente e macia, e ela aperta a minha gentilmente antes de soltá-la.

— *Buongiorno,* — respondo. Parada aqui, olhando para eles com seus olhos expectantes, não sei qual será meu próximo passo. Eles não falam inglês, e eu não falo italiano.

Droga, Diana, por que não planejou isso melhor? Ou de jeito nenhum?

— Cioccolato? — ela pergunta, com as sobrancelhas erguidas em expectativa.

— Si, grazie. — Levantando um dedo, vasculho a bolsa em meu ombro e pego a caixa de ouro vazia. Eu a estendo para ela.

Pegando a caixa de mim, ela a vira em sua mão enrugada. Por um momento, suas sobrancelhas se franzem e ela aperta os olhos ao tentar me ler. Ela olha para o marido e depois de volta para mim. — Questo e dal matrimonio di Vincent e Eleni[5]?

Vincent e Eleni... — Si, si! — Fico aliviada por ela entender.

— Ah! — Ela junta as mãos. — Sei la ragazza di Johnny[6].

Embora eu não tenha ideia do que o resto significa, aceno com a cabeça ao ouvir o nome 'Johnny'. Ela deve me reconhecer como o par de Johnny no casamento. Pegando meu celular na bolsa, abro o aplicativo de tradução e peço que ela se repita.

Ela inclina a cabeça, sem entender.

Droga, com um aplicativo tradutor atrasado que é apenas um pouco confiável, como vou descobrir tudo isso?

Ding! Ding! Mais pessoas entram enquanto eu mexo no meu telefone, e o Signore e a Signora Ricci me enchem de chocolates de avelã. Olhando para eles, vejo o tamanho da caixa que estão embalando e fico grata por Alexa ter me feito levar muitos euros comigo.

— Diga: 'Há quanto tempo você conhece Johnny DeSantis', em italiano, — falo em meu telefone, mas não recebo resposta. Repito, mas ainda nada. Droga, de todos os momentos para meu aplicativo decidir não funcionar...

— Há alguma chance de eu poder ajudar?

[5] Isto é do casamento de Vincent e Eleni?
[6] A garota de Johnny.

— Huh! — Ofegante, eu me viro para ver Leo DeSantis pairando perto da porta da loja de doces. Ele está vestindo o que parece ser uma calça justa de sarja cor de mostarda e uma camisa branca desabotoada na gola. Vindo em minha direção, ele arregaça as mangas, expondo os antebraços fortes.

Duas das mulheres mais jovens no canto da loja acenam para ele e dão risadinhas.

Ele responde com um sorriso largo e uma piscadela.

Jogador.

— Leo?

— Sim, olá, Diana. — Ele se aproxima de mim.

— Você se lembra de mim? Do casamento?

— Seria difícil esquecer você.

A lembrança da noite passa por mim e minhas bochechas se enchem de calor. — Sim, bem, Johnny lhe disse para vir?

— Não. Johnny sabe que você está aqui?

Com o canto do olho, vejo a Signora Ricci fazendo uma careta em nossa direção.

— Acho que não. Eu só vim para... — Para o quê? Como posso explicar isso?

Com uma piscadela, ele termina minha frase: — Para comprar alguns chocolates?

— Sim... — Suspirando, agradeço por ele ter me liberado do gancho.

— Eles valem a viagem. — Ele acena com a cabeça.

Observando o Signore e a Signora Ricci amarrarem uma grande caixa dourada com um lindo laço, tento planejar meu próximo passo. Leo poderia me ajudar... mas como? — Leo, você poderia traduzir para mim?

— É claro. — Ele acena com a cabeça para mim.

— Você poderia perguntar a eles há quanto tempo eles conhecem Johnny?

Ele faz contato visual constante comigo. — Eles o conhecem há tanto tempo quanto eu. Sua vida inteira.

— Você é mais velho do que ele?

— Sim. Um ano. Eu tinha três anos quando ele tinha dois.

— Por que ele não está encarregado dos negócios americanos da DeSantis Foods? Por que é Vincent?

— É por isso que você está aqui? Para expor Johnny?

— O que estou expondo? — Meu coração dispara. Ele sabe de algo. Eu posso sentir isso.

— O que você acha?

— Tudo o que sei é que Johnny não tem o instinto assassino que Vincent tem.

— Tem certeza disso?

Não, eu não tinha mais certeza de nada.

— Leo, por que Johnny não se parece com Vincent? Você e seus irmãos são todos parecidos.

Dando de ombros, ele tenta me dispensar, mas seus olhos estão cheios de uma história que ele está escondendo. — Às vezes, os irmãos não são parecidos.

Eu me dou conta. — Especialmente se esses irmãos tiverem um pai diferente. Como pais diferentes... — Tudo isso faz sentido. É por isso que o pai de Johnny o odiava. Johnny não era seu filho biológico, e seu pai se ressentia da esposa por ter tido um bebê com outro homem. Mesmo que isso tenha acontecido antes de ele entrar em cena. Ele nunca passaria sua empresa para uma criança que não fosse sua por sangue. Não um homem como o Don DeSantis. — Acho que há uma história aqui, Leo. Uma das grandes. Acho que algo aconteceu em um armazém da família DeSantis em Manhattan no último Natal, e eu vou descobrir. Você já ouviu a expressão sobre ratos?

— Qual?

— Algo como chamá-los não os trará para fora, mas inundá-los sim.

— Diana, por favor. — Ele se aproxima de mim. — Para o bem de todos, deixe isso de lado.

Posso ler a preocupação em seus olhos. — Deixar o quê em paz? — É como se legiões de formigas estivessem subindo e descendo pelo meu corpo de uma só vez. Minha pele está com coceira. Preciso tanto contar minha história que vou explodir se não o fizer. — Tenho que ir.

— *Devo andare*. — Meu aplicativo de tradução finalmente funciona.

Aproveitando o momento, paro e pergunto ao meu celular como dizer: 'Você conhecia o verdadeiro pai de Johnny DeSantis? Antes de Don DeSantis adotá-lo?'

Levanto o telefone para o Signore Ricci e ele responde: — *Conoscevi il vero padre di Johnny DeSantis? Antes que Don DeSantis o adote?*

— *Si*! Sim! — O senhor Ricci sorri. — Era meu amigo. Um homem bom. Johnny estava melhor com ele.

— O que ele disse? — Tentando acalmar minha respiração acelerada, eu me viro para Leo. — O que ele disse? — Eu pergunto.

Leo abaixa a cabeça e depois a levanta, fazendo contato visual comigo. — Ele disse que sim. Ele conhece o verdadeiro pai do Johnny. Ele era seu amigo. Um bom homem. Johnny teria ficado melhor com ele.

— Por que ele foi embora?

— Ele morreu. E a mãe de Johnny se casou com o pai de Vincent e foi para Nova York. Diana, por favor. — Ele pega minha mão. — Além de Johnny, pouquíssimas pessoas sabem sobre o verdadeiro pai de Johnny. Eu só sei porque sou mais velho que ele e, nessas cidades pequenas, as pessoas falam.

Entendo por que ele tem a reputação de ser um jogador. Ele é tão suave. — Tenho que ir. — Pegando a caixa de chocolates, deixo muitos euros no balcão, agradecendo ao Signore e à Signora Ricci. Saio correndo pela porta e entro no primeiro táxi que encontro, enviando uma mensagem de texto para Victoria enquanto vou embora: '*GRANDE história. Vou escrevê-la enquanto espero o avião. Quero que seja publicada amanhã.'* Estou cinco horas à frente aqui, e meu avião parte às onze da noite. Com um voo de oito horas e meia... eu posso fazer isso. Meu avião chegará por volta das sete e meia da manhã, horário italiano, o que significa duas e meia da manhã em Nova York. Perfeito. Chegarei em casa a tempo para a grande revelação.

— *O que há de tão grande?* — Victoria responde a mensagem de texto.

— *Tenho os podres da família DiSantis. Mas, em troca, quero uma coluna OFF e histórias reais. Você anuncia minha mudança de coluna para reportagem investigativa junto com a história. Temos acordo?*

— É bom que isso seja uma história e tanto.

— E eu quero um aumento. Vinte por cento. — Apago. — Vinte e cinco por cento. — Aperto Enviar.

Nada.

— Temos acordo? — Eu mando mensagem novamente.

— Combinado.

Oh, meu Deus. Fechando os olhos, seguro o telefone firmemente em meu peito. Consegui.

Não, não é o trabalho dos meus sonhos, mas, por enquanto, consegui subir na hierarquia e garantir um aumento significativo. E, como bônus, posso ferir Johnny DeSantis quase tanto quanto ele me feriu...

Dez

Diana

O que eu fiz?

Do lado de fora do meu prédio, de moletom e boné de beisebol, espero o jornal chegar às bancas no quiosque de jornais. Ainda não subi no andar de cima e não dormi desde o voo para a Itália, mas agora estou muito agitada para sequer pensar nisso.

Meu estômago está em frangalhos e meu peito está doendo. Por que diabos eu achei que isso era uma boa ideia? Expor Johnny DeSantis como o renegado...? Dizer que Vincent é apenas seu meio-irmão?

E por que diabos eu achei que isso forçaria Johnny a falar sobre o que aconteceu no armazém?

Não só é perigoso - quero dizer, ele sabe sobre Bree e Daniel, e quem sabe do que essas pessoas são capazes... - mas foi estúpido. E cruel.

Não, mesmo em meu instinto inquieto, sei que não deveria estar nem um pouco preocupada com a possibilidade de Johnny machucar fisicamente a mim ou a qualquer pessoa que eu ame.

Estou me sentindo mal porque o magoei.

Oh, Deus. Agachada ao lado do quiosque, deixo minha bolsa cair na rua imunda à minha frente.

Tenho que avisá-lo.

Com a mão trêmula, tiro o celular do bolso e disco o número de Johnny.

Ele responde imediatamente: — Onde você está?

— Em casa. Em Nova York.

— Você precisa subir para o seu apartamento, agora.

— O quê? Por quê?

— Apenas faça o que eu digo, Diana.

— Espere. Preciso lhe dizer uma coisa. — Minha voz vacila e minha garganta dói. Por que o fato de conseguir tudo o que eu sempre quis é uma merda?

— Ande. Agora.

A urgência em sua voz me faz puxar minha bolsa com mais força e me apressar para subir os degraus da frente do meu prédio.

— Fique ao telefone e não diga nada até que esteja dentro de seu apartamento.

Apressada, com o coração batendo forte, entro no elevador e subo até ao terceiro andar. Não tenho ideia do quê - ou de quem - estou procurando, mas antes de sair no meu andar, olho de um lado para o outro. Vendo que tudo está claro, corro para o meu apartamento. Minhas chaves tilintam em minhas mãos trêmulas quando tento destrancar a porta.

— Diana.

— Huh! — Ofegante, quase deixo cair minhas chaves quando me viro para ver meu vizinho, o Sr. Lewis, com seu cachorro.

— Quem é? — A voz de Johnny é monótona ao telefone.

— Meu vizinho. Ele passeia com seu cachorro muito cedo todas as manhãs.

— Entre no apartamento, — repete Johnny.

— Bom dia, Sr. Lewis. — Minha voz está vacilante. Finalmente, coloco a chave na fechadura e entro. — Ok, — encostando-me à porta, suspiro por cima do telefone. — Estou dentro.

— Tranque a porta.

Ao me virar, verifico novamente a fechadura. — Johnny, o que está acontecendo?

— Ainda não tenho certeza. Mas você precisa ficar nesse apartamento até que eu diga o contrário. Estou enviando a segurança agora. Você tem comida suficiente?

— Sim. Johnny, você está me assustando.

Silêncio.

— Johnny?

— Estou aqui.

— Eu tenho que lhe dizer uma coisa.

— Você descobriu mais coisas sobre minha vida que gostaria de compartilhar com o mundo? — Sua voz é gelada.

— Você sabe?

— É claro que eu sei. Quem você pensa que é? Eu vou lhe dizer. Você não passa de uma repórter que escreve coisas sem importância em uma revista de lixo. Leo me ligou para dizer que você estava na Itália e que descobriu a verdade sobre meu pai. Victoria me avisou sobre o artigo.

— Victoria? Por que Victoria entraria em contato com você?

— Por favor. Esta cidade funciona por causa da família DeSantis. Você acha que Victoria publicaria um artigo como esse sem me avisar antes?

— Por que você não impediu isso?

— Em troca de lhe permitir essa porcaria trivial, ela concordou em nunca mais publicar um artigo sobre minha família. Todas as menções à família, aos amigos e às empresas DeSantis estão fora dos limites. Ou então.

Engolindo com dificuldade, afastei meu medo. — Você ainda poderia ter impedido isso. E usado seu poder de influência para impedir que outros artigos fossem escritos. Qual é o verdadeiro motivo pelo qual você deixou a coisa rolar?

— Porque as únicas pessoas que eu me importava em conhecer já descobriram. E são Vincent...

— E?

— Você, é claro.

— Johnny... — Lágrimas rolam pelo meu rosto e eu me ouço implorando a ele ao telefone: — Sinto muito. Vincent ficou bem?

— Ele disse que isso não importava para ele. Ele me ama do mesmo jeito.

— Fico feliz.

— Porque o amor é isso, Diana. Pessoas que podem contar umas com as outras.

— Johnny, vou ligar para Victoria. Vou tentar parar a história.

— Eu lhe disse que isso não importa. Além disso, é tarde demais. Está impresso.

— Depois, irei a todos os quiosques da cidade. E coletarei até à última cópia.

— Há entregas em domicílio. Sem falar no digital. As pessoas já o leram. — Fazendo uma longa pausa, ele suspira. — Sabe qual é a parte mais difícil? É que isso manchou o nome da minha mãe. Ela não merecia isso. Ela nunca foi nada além de uma pessoa boa.

— Johnny, essa não foi minha intenção. Eu sinto muito, muito mesmo.

— Mas por quê, Diana? Por quê fazer isso?

— Porque você me machucou. E eu queria machucá-lo de volta. Fazer você sentir um pouco da minha dor.

— Como eu a machuquei?

— Por não confiar em mim. Pensando que eu estava na folha de pagamento dos Drakos. Me chamando de fofoqueira.

— Eu não a chamei de fofoqueira. Eu chamei seu trabalho de fofoca.

— É a mesma coisa.

— Bem, então, acho que como nenhum de nós pode confiar no outro, não há mais nada a dizer.

— Johnny, por favor. Não podemos conversar sobre isso? Venha até aqui. Se você quiser, eu estou disposta.

— Eu confiei em você, Diana. Achei que, por pior que fosse a nossa combinação, ainda poderíamos fazer dar certo.

— Então, vamos tentar.

— Não posso. Eu... sinto muito. Francamente, estou desapontado com você.

— Johnny.

— Fique quieta, Diana. Sua segurança chegará em alguns minutos. Eles estarão do lado de fora de sua porta. Eu a informarei sobre o que está acontecendo assim que eu souber. — Ele solta um longo suspiro. — Adeus, Diana.

Deslizando com minhas costas contra a porta, caio no chão. O que está acontecendo? Por que ele me apressou para entrar correndo em meu apartamento? Ao sair com Johnny DeSantis, não sei por que esperava algo diferente... mas eu me sentiria muito melhor se ele estivesse aqui para me proteger.

Meus olhos ardem, minha garganta dói e tudo o que quero fazer é soluçar. Mas sou uma repórter, e os repórteres superam os momentos difíceis e se superam. Sim, talvez eu esteja correndo algum tipo de perigo que não entendo, e talvez tenha perdido o único homem por quem me apaixonei, mas tenho minha carreira. E não vou desistir dela também.

***

— Di, algum palpite sobre quem está atrás de você? — Alexa está sentada em meu sofá, comendo os chocolates italianos.

Sempre me surpreendo com o fato de que, quando ela está falando sério sobre algo, os padrões de fala de Alexa mudam de garota festeira para recém-formada na Ivy League. — Não faço ideia.

Ela veio assim que lhe mandei uma mensagem dizendo que estava com medo. E, como Alexa, ela passou pelos meus guardas e entrou no meu apartamento. — Você acha que tem a ver com o artigo?

— Talvez.

— Eu lhe ofereceria proteção, mas parece que você já tem isso coberto. — Ela aponta para a porta e depois balança a cabeça. — Não acredito que escreveu isso.

— Pode ter sido a decisão mais estúpida de minha vida.

— Não poderia ser tão estúpido quanto ser o brinquedo de Johnny DeSantis nas últimas semanas. — Ela dá uma piscadela e morde outro chocolate.

— Obrigada. — Puxo o travesseiro do sofá para o meu colo e o abraço.

— Oi. — Ela se senta à frente. — Estou apenas provocando você. Você tentou algo. Algo para você, pessoalmente, e algo para sua carreira. Teve uma chance. Só que não saiu do jeito que esperava. Em ambos os sentidos. Mas estou orgulhosa de você por ter contado a grande história. — Ela sorri e morde outro chocolate. — A propósito, essas são as melhores coisas que já comi.

— Eu sei. — Sentada em frente a ela, coloco meus pés embaixo de mim. — Fico feliz que esteja gostando deles. Seus euros pagaram por eles. A propósito, obrigada novamente.

— Sem problemas.

— E eu a escrevi porque estava com raiva.

— Porque ele ficou surpreso por você ser minha melhor amiga? — Ela inclina a cabeça para um lado e depois para o outro, ponderando seus pensamentos. — Acho que é um pouco estranho. É como se duas grandes empresas, que são as maiores concorrentes uma da outra, de repente descobrissem que seus filhos estão apaixonados.

— É Romeu e Julieta. Acontece o tempo todo.

Ela olha para mim através de seus cílios longos e grossos. — Você acha que, se tivesse dado certo para vocês dois, isso teria nos prejudicado?

— Nunca. — Posso ouvir sua vulnerabilidade, então me aproximo mais dela e a pego pela mão. — Eca. — Virando seu pulso, seguro sua mão que está coberta de chocolate derretido. — Aqui. — Entrego a ela um guardanapo da mesa de centro e, depois que ela limpa os dedos, seguro sua mão novamente. — Prometo que, não importa o que tenha acontecido com Johnny, isso nunca prejudicaria nosso relacionamento. Você é minha melhor amiga, Alexa.

Ela acena com a cabeça. — Você também é minha. Sabe qual é a parte mais estúpida?

— Hmm?

— Você e eu nunca falamos sobre os negócios da minha família. Nenhuma de nós sabe nada sobre as corporações Drakos ou DeSantis, exceto o que o resto do mundo sabe. E eu planejo manter isso assim.

— Eu também.

Ela me entrega um chocolate, e nós brindamos com eles antes de colocá-los na boca.

— Vamos lá, Di. Odeio ver você tão triste.

— Eu me sinto muito mal. Eu realmente o machuquei.

— Ele é um assassino a sangue frio. Ele pode ter matado seu próprio irmão. Você não está indo atrás da história do armazém?

Suspirando, recostei-me no sofá. — Não sei. Durante toda a minha vida, eu quis ser uma jornalista respeitada e, agora que tenho um gostinho do que isso significa, não sei se realmente o quero. — Pegando os comprimidos na almofada do sofá, olho para ela. — Não sei se tenho o gene da matança para viver disso.

— Ou talvez... você tenha escolhido a história errada sobre o cara errado.

— O que significa?

— Há um motivo pelo qual maridos e esposas não testemunham um contra o outro.

— Ele não é meu marido.

— Ainda não.

— Desculpe-me?

— Di, você se preocupa com ele, mas não jogue fora sua carreira porque está apaixonada por Johnny DeSantis.

Estou muito cansada para negar isso.

Ela continua: — Trabalho e vida são duas entidades totalmente separadas. Talvez eu entenda a separação delas melhor do que ninguém, porque cresci nesse ambiente. E Johnny também cresceu. Agora é a sua vez. Você precisa aprender o que é natural para mim e para ele. Mantenha seus dois mundos separados. Seja a repórter que você deve ser, fazendo reportagens sobre questões mundiais. E depois seja a mulher que você quer ser com ele.

Ela tem razão. — O que eu faria sem você? — Puxando-a para mim, eu a seguro com força e depois a solto.

Ela ri. — Felizmente, você nunca terá que se preocupar com isso. — Ela sacode a caixa de chocolates. — Exceto, talvez, quando ficarmos sem chocolates e eu tiver que voar para a Itália para comprar mais.

Graças à dupla improvável de Alexa Drakos e Johnny DeSantis, agora sei o que realmente significa ser um ótimo repórter. Não significa cavar a sujeira ou ferir alguém.

Isso significa ser corajoso.

Onze

Johnny

— Diana? — Olhando para os meus seguranças no corredor, eles dão de ombros. Eu a pego pelo braço e a puxo para dentro do meu apartamento. — São cinco da manhã. O que você está fazendo aqui? — De cabeça erguida, olho para sua pequena estrutura. — Você me desobedeceu novamente. Não deveria ter saído de seu apartamento.

— Eu...

Levantando a mão, eu a detenho no meio da frase. — Isso não é um jogo ou uma piada.

— Tenho o direito de saber o que está acontecendo.

— Onde está sua segurança? — Estou pensando em quantas rótulas precisarão ser machucadas esta tarde. *Não. Mas que diabos, Johnny? Por que estou tão propenso à violência perto dessa garota?*

— Eles vieram. Estão no fim do corredor.

O alívio me invade. Graças a Deus, ela não estava sozinha na cidade. Mas agora que posso me concentrar no fato de ela estar aqui... — Por que veio? — Estou

surpreso que ela tenha a coragem de aparecer no meu apartamento agora. Depois daquele artigo. Depois de manchar o nome da minha mãe.

Ela respira fundo e seus seios incham.

Droga, ao olhar para ela naquele maldito vestido cor de água com decote em V com babados e saia curta demais, meu pau reage imediatamente e quase esqueço por que estou irritado.

Quase.

— Desculpe-me por não ter ligado. Achei que você poderia dizer não.

— Eu teria feito isso.

— Fico feliz que tenha me deixado entrar. — Fazendo uma pausa para tirar os saltos, ela vai até às janelas e fica olhando para o parque. — Nunca vou me cansar dessa vista. — Ela olha para baixo. — Tantas pessoas, mesmo a esta hora. — Ela se vira e olha para mim. — Eu realmente sinto muito pelo artigo que publiquei, Johnny. Não pensei em sua mãe. Na verdade, eu pensei. E se ela estivesse viva, eu não o teria publicado.

Sei que ela quer que eu diga algo, mas não sei como me sinto em relação a nada neste momento. Não. Eu sei. Sinto raiva.

E medo.

Medo por ela e medo de como me sinto em relação a ela.

E o medo não é um sentimento que eu aceite.

— E tenho mais a dizer, — ela continua. — Nunca pensei em lhe contar quem era Alexa porque ela e eu nunca pensamos no fato de ela ser uma Drakos. — Seus olhos são suaves e cheios de lágrimas.

Cada músculo do meu corpo deseja ir até ela e confortá-la. Mas a coisa mais importante para um DeSantis é a confiança. E como posso confiar nela novamente?

Fico em pé no lado oposto da sala, não confiando em mim mesmo para chegar mais perto por medo de machucá-la.... E eu nunca, jamais, machuquei fisicamente uma mulher. E sei que nunca faria isso. Mas ainda assim.... Meus músculos trapézios estão tensos e pequenas pontadas de dor sobem pelo meu pescoço, instalando-se em minhas têmporas.

— E eu também... — Sua voz vacila um pouco, mas ela limpa a garganta e continua. — Eu também acho que há mais aqui. Acho que sua raiva é apenas um disfarce. Acredito que uma das razões pelas quais você é tão rápido em nos jogar fora é porque você não sente que merece amor.

Cruzando os braços sobre o peito, aperto os bíceps com as mãos.

— E o problema é o seguinte. Seu pai era um idiota e o tratava como lixo. Mas isso não o torna indigno de ser amado. Nem nada que você possa ter feito para defender Vincent ou alguém que você ama. — Ela se aproxima mais de mim.

Embora ainda esteja escuro, sinto o cheiro do sol quente de verão que sai dela. Como se ela tivesse ficado deitada ao sol, no parque, o dia todo. O que ela está dizendo é o que Vincent também me diz o tempo todo. Olhando para essa mulher, seus olhos escuros e seios macios, suas curvas e inteligência, eu me pergunto: será que tenho me escondido atrás de desculpas porque não quero correr o risco de ser magoado?

— Eu o vi dar um soco em seu primo - duas vezes, por causa de algo que ele me disse. Sei que, apesar de seu desejo de ser um pacifista, você é capaz de ser absolutamente brutal se precisar. Acho até que você atirou e matou seu irmão naquele

armazém no último Natal. Tenho certeza de que isso o está consumindo vivo - não apenas porque você fez isso, mas porque você foi capaz de fazê-lo.

Respirando fundo, tento processar o que ela está me dizendo.

— Mas estou dizendo tudo isso para provar algo a você. E para mim. Decidi parar de me esconder atrás de fofocas insípidas e ofensivas e ser uma repórter de verdade, sendo corajosa. Estou fazendo isso ao me expor. Aqui. E em meu trabalho. Hoje, mais tarde, vou ligar para Victoria e pedir demissão. Já contei para a Bree, e ela e Daniel não têm problemas com dinheiro no momento, então vou pegar o que economizei para eles este mês e viver com isso enquanto procuro outro emprego. Talvez eu acabe estagiando em um dos grandes jornais... se tiver sorte, e servindo mesas, mas pelo menos estarei trabalhando para atingir o objetivo que realmente quero.

Eu permaneço em silêncio.

Respirando fundo, ela continua: — Johnny, você sabe que eu sei o que você fez. Sei que você é capaz de matar. Você poderia me matar... — Ela engole com dificuldade. — Me fazer desaparecer... com um estalar de dedos, se quisesse.

Ela se aproxima ainda mais.

— Mas você não quer. E acredito que não vai querer. Você é um homem bom que nasceu em uma vida difícil. Matar seu irmão foi para evitar a morte de alguém que você amava. E para salvar sua vida também. — Ela se coloca diretamente na minha frente.

O calor de seu corpo minúsculo irradia para fora, quase me queimando com sua intensidade. Coloco minhas mãos atrás das costas, apavorado com o que elas podem ser capazes de fazer neste momento.

Ela é tão pequena e frágil... seria tão fácil colocar minha mão em seu pescoço...

— Eu amo você, Johnny. Não é uma desculpa, mas fiz o que fiz porque estava magoada. E realmente sinto muito. — Ela baixa o olhar para o chão e depois olha para mim novamente. — Você me fez sentir como se eu fosse o inimigo e que você só estava comigo por causa disso. E espero que você também lamente.

— Diana, você fez tudo isso porque confiou em alguém e não em mim. Você tinha acabado de conhecer Nicco e acreditou nele. Você estava tão pronta para aceitar o que havia de ruim em mim. E a verdade é que...

Seus olhos lacrimejam.

Que merda. Que se dane o cuidado.

Com uma das mãos, eu a coloco atrás de sua cabeça e a puxo gentilmente para trás, de modo que seus olhos são forçados para cima e ela olha para os meus. Eu estudo o olhar em seus olhos...

Medo, luxúria, amor... todas as coisas que deveriam estar lá.

É difícil desviar o olhar. Que se dane, não quero desviar o olhar porque estar com ela faz com que meus sentimentos de raiva e medo desapareçam. — Sinto muito, Diana. — Eu me aproximo até ficarmos corpo a corpo. — Eu a machuquei, e essa é a última coisa que eu queria fazer. Para ser franco, eu já sabia que estava me apaixonando por você há semanas. E soube naquele momento que seria seu protetor. Sempre. E a última pessoa de quem eu quero ter que protegê-la é de mim. Eu nunca deveria ter dito aquelas coisas sobre sua carreira ser só de fofocas. E eu não deveria ter reagido sem falar com você.

Massageando a parte de trás de seu pescoço tenso, meu corpo sente dor por estar com ela. — Então, acho que devemos deixar o passado para trás. Se você puder perdoar o que eu lhe disse e acreditar que não estava usando você, que eu sinceramente queria, e quero, estar com você, então eu posso perdoar o artigo. Sinceramente, é um alívio não carregar mais esse segredo.

Seus olhos se iluminam e ela sorri. — Está bem. E Johnny, você não é um cara mau.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Porque posso ver isso em seus olhos. A maneira como você me olha. Você nunca me machucaria.

— Não. Eu não a machucaria. Mas farei mal a qualquer um que a ameace. Você precisa saber disso. Sou tão perigoso quanto meu irmão.

— Eu sei disso. — Seus olhos se arregalam e se enchem de luxúria.

Afastando minha mão da nuca dela, eu a seguro pela cintura. — Mas você precisa saber que Nicco está com raiva. Ele está preocupado com sua ligação com Alexa.

— Ela estará segura?

— Ele está atrás de você. Não dela. E, pelo que sei, ela está muito bem protegida?

— Sim, mas preciso avisá-la.

Acenando com a cabeça, eu a deixo ir enquanto ela pega o celular na bolsa e envia mensagens. Colocando o telefone sobre o balcão, ela olha para mim. — Então, estamos bem?

— Você estará segura. Vou me certificar disso. Mas Nicco também está irritado com o artigo. De qualquer forma, eu iria buscá-la esta manhã e a traria para cá. Você estará mais segura.

— Não posso viver minha vida inteira me escondendo.

— É só até eu resolver isso com Nicco. E, considerando que ele é da família, não deve demorar muito. — É claro que penso em Gio, mas agora entendo que não tive escolha a não ser proteger Vincent e a mim mesmo. Indo para o lado oposto ao dela na mesa, pergunto: — Mas você poderá viver o resto de sua vida protegida? Com segurança?

— Sim. — Ela não hesita. — É assim que Alexa vive. Mas você tem que saber que ela é minha melhor amiga e que não posso ficar longe dela.

— Vou falar com o pai e os irmãos dela. Eles nunca tiveram problemas comigo.

— Somente Vincent?

— Não. Eles estão de acordo com Vincent. É tudo um pouco complicado demais para entrar em detalhes agora, vamos apenas dizer que Gio estava envolvido e deixar para lá.

— Então, onde isso nos deixa? — Ela se balança para a frente e para trás enquanto seu vestido desliza por suas coxas lindas e bronzeadas. — Estamos bem?

— Acho que estamos mais do que bem. — Eu sorrio. — Mas você sabe que terei de puni-la por me desobedecer.

— Eu sei. — Seus joelhos se dobram sob ela, e ela segura a mesa para se apoiar.

— O tipo de homem que eu sou, Diana. Preciso de controle. Precisarei discipliná-la sempre que me desobedecer diretamente. Você entende isso?

— Sim.

— Ótimo. Mas fora do quarto, não quero nada menos do que você. Como minha igual. E aceitarei tudo o que você quiser me dar, esteja você feliz ou triste... e farei o possível para que se sinta melhor.

Uma explosão de liberdade sobe e desce por minha espinha, e me sinto ainda mais forte do que nunca. Por tantos anos, me preocupei com o que sou capaz de fazer, e agora que sei, encontrei uma mulher que não se importa com tudo isso. Não se importa que eu precise tomá-la, controlá-la e dominá-la no quarto, e não se importa em ser minha igual - e mais um pouco - fora do quarto.

Tantas coisas passam pela minha cabeça - o tiroteio no armazém, o casamento, como eu precisava defendê-la, o quanto o artigo me machucou - e eu percebo... — Eu amo você, Diana Walker.

As lágrimas escorrem por seu rosto.

Eu me aproximo dela. — Deus, Diana... — Envolvendo-a com meus braços, fecho minha boca na dela. Puxando-a para mais perto, beijo-a com tanta força que tenho de segurar sua cintura minúscula com a outra mão para não empurrá-la.

Recuando, olho fixamente em seus olhos. — Vou levá-la para cima agora. E depois do seu castigo, que garanto que será longo e extremamente prazeroso para mim, vou fazer amor com você até que tenha dificuldade para andar.

— Sim.

— E então, amanhã, faremos um plano para você se mudar para cá.

— Por precaução...? — Ela inclina a cabeça e levanta uma sobrancelha.

— Sim, é para mantê-la segura, mas também porque você é minha namorada, e eu não vou deixar minha namorada servindo mesas enquanto ela estagia em algum jornal para pagar o aluguel.

— Johnny. Por mais incrível que tudo isso pareça, você precisa saber que eu não vou desistir de mim.

— Eu nunca iria querer que você fizesse isso. Eu a amo por tudo o que você é. Seu cérebro, seu espírito briguento... além disso, é esse espírito que a coloca em todos os tipos de problemas. — Estendendo a mão por trás dela, dou-lhe uma palmada na bunda.

— Oh! — ela grita.

— Se eu fosse você, Diana Walker, estaria nua na minha cama e pronta para o seu castigo antes que eu pudesse pegá-la.

— Oh... — Seu peito sobe e desce com sua respiração apressada e, por um momento, ela não se move. Então, sem aviso, ela se vira e corre para as escadas.

Correndo atrás dela, eu a agarro antes mesmo que ela chegue à escada. Levanto-a e a jogo sobre meu ombro.

Ela ri.

— Você não estará rindo em alguns minutos, — eu aviso, batendo de brincadeira naquela bunda deliciosa.

— Oh, Johnny, — ela sussurra quando cede e fica mole em meu ombro.

Colocando-a ao lado da minha cama, eu a olho de cima a baixo. — Mudei de ideia.

— Sério? — Ela bate os olhos de forma brincalhona. — Espero que não esteja desistindo de minha punição?

— Claro que não. — Meu pau lateja ainda mais quando ela diz a palavra. Será que ela aguentaria tudo o que estou planejando fazer com ela? — Mas vou fazer amor com você primeiro. E enquanto eu estiver bem dentro de você, e você estiver completamente desfeita e indefesa... quando você estiver tão perto que não aguenta mais, eu lhe direi cada coisinha que farei com você... e se você gozar sem permissão... dobrarei sua punição.

— Oh, Johnny... — Seu corpo minúsculo treme em resposta, e suas pálpebras ficam pesadas.

— E então, quando você achar que não aguenta mais um momento de disciplina e meu pau parecer que vai explodir sozinho, farei amor com você novamente.

Seus olhos se fecham e ela se inclina em minha direção.

— E amanhã de manhã, quando acordarmos, começaremos nossa nova vida, juntos. — Aproximando-me, estendo a mão e coloco o cabelo dela atrás das orelhas e, em seguida, passando a mão pelas costas dela, abro o zíper do vestido, deixando-o cair sobre seus pés. — O que acha?

— Eu digo que parece perfeito, Johnny.

— Ótimo. — Beijando-a gentilmente nos lábios, eu a puxo para mim. — Amo você, Diana.

— Eu também amo você, Johnny.

Pegando-a, eu a deito em minha cama e, subindo em cima dela com cuidado, nos beijamos, devorando um ao outro...

Doze

Diana

Um ano depois

— Feliz aniversário! — Bree lidera todos na festa cantando parabéns enquanto carrega um bolo de aniversário enorme - completo com super-heróis de plástico - pela porta dos fundos. O bolo é tão grande que poderia facilmente alimentar dez vezes mais pessoas do que as que temos aqui. Ele balança em suas mãos quando ela começa a subir os degraus.

Antes que eu possa me mover, Johnny larga a cerveja e pula da cadeira de jardim, correndo para ajudar Bree. Com cuidado, ele desliza o bolo dos braços dela para os dele.

Enquanto ele o coloca na mesa da festa, Bree se vira para mim e se abana. — *Eu gosto dele!* — ela diz.

Pressionando meus lábios juntos, luto contra um sorriso enquanto mantenho minha garrafa de água gelada na testa, tentando me refrescar. Agora, neste momento, tudo está perfeito. Daniel está melhor e foi atendido por um novo médico

que tem notícias animadoras. Johnny e eu estamos morando juntos, e estou ganhando um bom dinheiro escrevendo na nova revista on-line, *Over*. Ele insistiu que ajudássemos Bree financeiramente. Johnny acredita que não há nada mais importante do que a família. E eu concordo.

— Faça um pedido! — Bree instrui Daniel.

Respirando fundo e inflando as bochechas, Daniel sopra, apagando quatro de suas cinco velas. Ele volta para a segunda passagem e consegue a última, enquanto Johnny aplaude.

Que pena. Não sei como isso é possível, mas ali parado, Johnny parece ainda mais sexy do que o normal. O que há em um homem ser todo paternal e interagir com uma criança que o torna tão sexy?

Mas, por mais que tudo esteja perfeito neste momento, será que vai continuar assim? Como ele vai reagir quando souber da notícia...? Mordendo o canto do meu lábio inferior, pego o rótulo da minha garrafa de água. Pequenos pedaços se soltam e mancham minha mão.

Johnny chama minha atenção e acena.

Agora, meus batimentos cardíacos, que já estavam acelerados, estão em alta velocidade.

Parecendo cansado, mas feliz, ele vem até mim e se senta na cadeira ao meu lado. Estendendo a mão, ele pega minha mão.

Nesse momento, Daniel corre até ele. — Tio Johnny? — Daniel está ao nosso lado vestindo uma camisa listrada suada e uma capa vermelha de super-herói que está toda amassada por ter rolado no gramado.

Tio Johnny? A ansiedade me invade. Tudo está acontecendo tão rápido. Viver com Johnny, passar nossas vidas juntos, separar os negócios de nossas vidas pessoais - tudo tem sido tão perfeito, mas será que tudo vai desmoronar? E se Johnny não estiver pronto para isso? Para nada disso?

— O que está acontecendo, Dan?

Dan?

— Podemos jogar outra rodada de esconde-esconde enquanto a mamãe corta o bolo?

— Daniel, querido, — eu interrompo, — acho que Johnny está precisando de um tempo. Ele está jogando jogos...

Johnny aperta minha mão e, virando-se para mim, dá uma piscadela. — Tudo bem, posso participar de mais uma partida? Você só faz cinco anos uma vez.

Acenando com a cabeça, eu sorrio. — Sim, com certeza, obrigada.

Inclinando-se, ele acaricia minha bochecha antes de me beijar gentilmente nos lábios. — *Ti amo*, — ele sussurra e depois respira fundo.

— Ewww... Vamos, Tio Johnny! — Daniel faz uma careta.

Daniel pega a mão de Johnny e ele se deixa ser puxado para se levantar.

Ao sair correndo, Daniel olha por cima do ombro para se certificar de que Johnny está lá.

Johnny corre atrás dele e, ao alcançá-lo, agarra Daniel, colocando-o debaixo do braço.

Daniel ri e ri.

Se não fosse um momento tão bonito, seria engraçado observar esse homem perfeitamente arrumado e imaculadamente vestido, usando mocassins de grife da Itália, elevando-se sobre esse grupo de adoráveis crianças de cinco anos com capas de super-heróis.

Sorrindo, Bree se aproxima, carregando dois pedaços de bolo. Com uma risada, ela se senta ao meu lado e me entrega um.

— Obrigada. — Aceno com a cabeça para ela.

— Eu estava preocupada porque não contratei entretenimento. — Balançando a cabeça, ela ri e dá uma mordida no bolo. — Meu Deus, está delicioso. Onde você conseguiu isso?

— Uma pequena padaria italiana no centro da cidade, no Eastside. Johnny sabia sobre ela, é claro.

Usando o garfo, ela aponta para Johnny. — Tenho que reconhecer isso para ele. Ele cativou tanto as crianças que elas se esqueceram do bolo.

— Bem, é bom que ele não os esteja carregando assim depois de terem comido. — Aponto para Johnny, que está levantando dois dos meninos e girando-os em um círculo rápido.

— Ele aprenderá.

— Como assim? — Meus batimentos cardíacos estão tão altos que estão batendo em meus ouvidos. Colocando meu bolo intocado na mesa à nossa frente, eu me viro para Bree. — O que você quer dizer com isso?

— Bem, se eu tinha alguma dúvida, o que não tenho... sua reação acabou com elas. Vamos lá, Di. Sou eu. Você está bebendo água em vez do seu vinho favorito, que eu já lhe ofereci pelo menos uma dúzia de vezes desde que chegou aqui.

Não tocou em sua comida. Ficou nervosa o dia todo. Alexa, que nunca perdia uma festa do Daniel e mandava todas as capas como lembrancinhas, quando insistia no tema de super-heróis, 'misteriosamente...' — Ela faz aspas no ar. — ...Tem que trabalhar e não vai aparecer. — Bree inclina a cabeça, adotando aquele olhar sério de irmã mais velha que ela me dá sempre que discutimos algo importante. — Isso significa que há algo que você temia que ela contasse antes que você pudesse me contar, ou mais importante, a ele. — Ela acena com a cabeça para Johnny. — Ou talvez houvesse algo que você quisesse falar comigo primeiro? — Ela pega minha mão. — Quanto tempo você está?

— Seis semanas.

— Ele não sabe?

— Não. Ainda não. E não tenho ideia de como lhe contar. Este será o primeiro filho dos DeSantis desta geração. Nem mesmo seu irmão, Vincent, que está casado há cerca de um ano, tem um filho.

— Bem, parece-me que você tem um pai natural em suas mãos. — Ela aponta para Johnny perseguindo Daniel. — As crianças o adoram, e ele parece estar realmente se divertindo.

Ao ver Johnny DeSantis brincando com Daniel - pegando-o e fazendo-o voar como um avião, brincando de esconde-esconde por horas -, um sentimento de satisfação me invade.

— Dê-lhe uma chance, Diana.

Nesse momento, Johnny chama minha atenção e acena com a cabeça.

— O homem claramente ama você.

— Mas e quanto a...? — Detesto sequer tocar no assunto.

— O pai de Daniel?

Acenando com a cabeça, volto-me para minha irmã. Sinto um nó dolorido na garganta. Não quero tocar no assunto com Bree, mas também não tenho mais ninguém com quem conversar sobre isso.

— Está tudo bem. — Ela sorri. — Já me conformei. — Respirando fundo, ela coloca uma perna embaixo de si. — Bill não era Johnny. Sim, ele era um cara legal o suficiente. Talvez ele tivesse ficado por aqui e ficado bem por um ano ou até dois se tivesse tido um filho saudável. Talvez ele tivesse aparecido hoje e jogado uma bola no quintal com Johnny antes de desaparecer novamente por meses. Mas Bill não tinha nenhum plano para o futuro e nenhuma ideia de como ajudar um filho que tem necessidades médicas. — Sentada, ela olha para Daniel. — Sinceramente, Di, acho que é melhor assim.

— Mas ele a deixou sozinha para cuidar de uma criança com necessidades médicas reais.

— Não estou sozinha. Tenho você. E Alexa. E agora, tenho até o Johnny. — Ela se inclina para mais perto. — Assim como, não importa o que aconteça, você sempre terá a mim. E Daniel. — Rindo, ela acrescenta: — E Alexa também, eu acho.

Eu sorrio.

— Você tem medo de trazer um bebê para a família DeSantis?

— Estranhamente, não. Johnny mantém o trabalho tão longe de mim que eu nunca penso nisso.

— Ótimo. Porque eu realmente acredito que esse bebê estará completamente seguro com ele. Provavelmente mais seguro do que a maioria dos bebês nascidos de nós, meros mortais, mesmo que seja apenas por causa da

quantidade de segurança que estará em um bebê DeSantis o tempo todo. — Ela faz um gesto para o nosso segurança, que está do lado de fora da cerca.

— Concordo. Mas será que vai ser estranho para o bebê? Quero dizer, quando ele ficar mais velho?

— É tudo o que a criança saberá. E só será estranho se você deixar. E a verdade é que você está tendo um bebê com Johnny DeSantis. Você precisa aceitar quem ele é e entender que nada será 'normal' em sua vida com ele.

— Eu sei disso.

— A questão, Di, é que, em algum momento, você precisa confiar. E você precisa entender que, embora não haja garantias nessa vida louca que vivemos, você nunca terá nada se não tentar. Sim, lidar com as contas médicas e com os médicos é difícil, mas agradeço às minhas estrelas da sorte todos os dias por Daniel. — Aproximando-se, ela segura minha mão. — Tenho que ir servir o bolo agora. As crianças vão começar a sair daqui a pouco. Diga-lhe, Diana. E eu prometo que, não importa o que aconteça, estarei aqui para você.

Olhando para Johnny, vejo que ele está observando todos os nossos movimentos.

Enquanto as crianças correm para a mesa para comer o bolo, ele começa a se aproximar de mim lenta e propositalmente.

Por apenas um momento, fecho os olhos e o imagino caminhando em minha direção e tirando nossa bebê dos meus braços para segurá-la e beijá-la, repetidamente...

***

— Ok, Diana, você estava tão quieta no caminho para casa. Poderia me dizer o que está acontecendo com você?

Ao entrar em nosso saguão, eu me viro para Johnny. Olhando em seus inteligentes olhos azuis, sei o que isso significará para ele. A importância de ser um pai. Ele perdeu o pai biológico quando era pequeno, e o homem que o criou, Don DeSantis, era uma pessoa abusiva e horrível.

Johnny fará tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que seu filho tenha uma vida melhor do que a dele.

— É que já é tarde.

Olhando para o relógio, ele franze a testa. Depois, olha para mim. — São dez horas.

— Estou cansada. Todo o ar fresco de Staten Island.

— Diana.

— Por favor. Podemos conversar sobre isso lá em cima? — Depois de tirar os sapatos, eu o pego pela mão e o levo para o quarto, subindo as escadas. — Sente-se. — Aceno com a cabeça para a cama.

Ele se senta na beirada da cama com rigidez, parecendo preocupado.

Eu o absorvo por um momento. Meu olhar vai de seus cabelos escuros perfeitos, aos seus olhos deslumbrantes, à barba em seu queixo forte, até seus ombros e corpo largos. Então, finalmente, ele se fixa em seu pulso sexy como o inferno com o relógio de titânio que ele usa. Ah, esse relógio... com a pulseira larga, o elegante mostrador preto e o simples ponteiro dos segundos que faz *tique-taque!* Tento me

concentrar no som para desacelerar meus batimentos cardíacos, mas não funciona.... Pequenos pelos pretos surgem ao redor da pulseira do relógio, e não sei por quê, mas o pulso poderoso dele e aquele maldito relógio são absolutamente afrodisíacos.

— Vamos, querida. — Estendendo a mão, ele pega a minha e me puxa para perto dele. Passa os dedos pelo meu cabelo.

A sensação é tão boa que fecho os olhos.

— O que se passa? Está começando a me preocupar. Você está bem? Há algo errado?

Abrindo os olhos, vejo o olhar de preocupação em seu rosto. — Não, não. — Balançando a cabeça, reúno coragem. — Só preciso lhe contar uma coisa. — Minhas palmas estão tão suadas que as limpo nas laterais do meu vestido floral de verão.

— Sim? Você pode me contar qualquer coisa, sabe disso...

Estendendo a mão, pego sua mão e a coloco sobre minha barriga. Ela é tão grande que cobre a maior parte do meu abdômen.

No início, suas sobrancelhas se franzem e sua testa se enruga, mas depois ele olha para mim. O olhar em seus olhos é de surpresa... mas feliz. — Você está?

Não consigo formar uma palavra, então apenas aceno com a cabeça.

— Você está grávida?

— Sim, Johnny. É cedo, mas estou com seis semanas.

— Seis semanas? — O rosto dele fica nublado de confusão e, em seguida, a tensão em suas sobrancelhas se libera e as pequenas linhas ao redor dos olhos se enrugam. — Você está grávida? — ele se repete enquanto tenta processar o que está acontecendo.

— Sim. Johnny DeSantis, você vai ser pai.

— Oh, uau. — Sua cabeça abaixa e, depois de levantá-la, ele se ergue na minha frente.

Dou um pequeno passo para trás para lhe dar espaço.

Segurando-me pela parte superior dos braços, ele me encara.

— Johnny? Você está feliz? — Tentando acalmar minhas mãos trêmulas e examinando seus olhos, procuro algo.

Ele me puxa com força para si e me abraça contra seu peito. — Diana Walker, você acabou de me fazer o homem mais feliz... de todos os tempos. — Segurando-me com o braço esticado novamente, ele olha em meus olhos. — Mas, por todas as razões que você conhece... meu passado, meu pai adotivo, meus negócios, o fato de que este será o primeiro DeSantis desta geração. Você tem que saber que eu precisarei estar completamente envolvido e informado. A partir de amanhã, contrataremos um nutricionista e um cozinheiro. Vou lhe arranjar um treinador especializado em exercícios pré-natais que sejam bons para você e para o bebê. Você pode dizer adeus àquele aparelho elíptico de que gosta, pelo menos por enquanto. Em seguida, vamos conseguir a melhor obstetra de Nova York e o mesmo para a pediatra. Vamos nos certificar de que ela esteja de plantão. Mudaremos seu consultório para cá, no andar de baixo...

Sinto que estou franzindo a testa.

Parando abruptamente, ele se abaixa, olhando em meus olhos.

Engolindo com dificuldade, afasto a dor na garganta e tento forçar um sorriso.

— O que foi?

Suspirando, eu me afasto dele e olho pela janela do nosso quarto. Estamos tão alto que as pessoas que passam correndo pela calçada abaixo parecem formigas. Será que vai ser assim para sempre com ele? Agora que estou tendo o bebê dele, estarei sempre em uma torre de marfim, completamente fora de contato com a cidade e o mundo que eu amo? — As pessoas têm bebês o tempo todo, Johnny.

— Mas não o meu bebê.

Seu bebê. Uma dor se forma entre minhas pernas só de pensar nisso. Vou ter *o bebê dele*.

— O que foi, Diana?

Ao me virar para olhá-lo, vejo a preocupação gravada em seu lindo rosto. — Não posso ser mantida neste apartamento e trancada longe do mundo, Johnny.

— Você sabe o que significa estar comigo.

— Sim, eu entendo. Eu entendo. Sei que tenho segurança comigo o tempo todo, mesmo que não seja necessário. Mas sou um ser humano. Recuso-me a ser trancada e mantida alimentada e cheia de vitaminas e apenas fazendo exercícios de bebê como uma florzinha frágil!

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Não?

— Não. Só quero que saiba que darei a você e ao bebê o melhor de tudo.

Caminhando até ele, acaricio seu rosto gentilmente. — Eu sei disso. Não está vendo? Eu confio em você, Johnny. O que quer que você me diga para fazer, e por quaisquer razões que você possa ter, eu faço o que você diz. Sem fazer perguntas. — Afastando minha mão, olho fixamente em seus olhos. — Mas você também

precisa confiar em mim. Precisa acreditar que farei o melhor que puder por esse bebê, sempre. Se não puder confiar em mim por causa daquele artigo...

— É claro que confio em você. Já esqueci esse artigo há muito tempo.

— Então você precisa me mostrar que confia em mim. Sou a mãe do nosso bebê, Johnny. Quero proteger o bebê tanto quanto você.

— Sim, e me desculpe se exagerei. É que eu mataria por vocês dois.

— Eu sei disso. — Respiro fundo.

— É por isso... — Ele se ajoelha diante de mim e beija minha barriga.

Depois de escovar uma lágrima, passo os dedos em seu cabelo.

— Ei, bebê, — ele sussurra para a minha barriga. Então olha para mim.

Sua expressão, tão determinada e poderosa, me diz tudo o que preciso saber.

Ao enfiar a mão no bolso de sua calça, ele tira uma caixa de veludo.

— Johnny...

— É importante que você entenda, Diana, que estou com esse anel há três meses. Eu ia dá-lo a você no nosso aniversário de um ano, mas este parece ser o momento perfeito. — Ele abre a caixa.

Fico olhando para o mais belo anel de noivado de lapidação redonda com um halo de diamantes menores em volta. — Oh, meu Deus. Johnny!

— Isso não é porque você está grávida. Eu a desejo desde o primeiro dia em que você estava usando aquelas malditas calças de ioga enquanto me perseguia. — Ele dá uma risadinha. — E quero me casar com você desde o primeiro momento em que conversamos e percebi que você não era apenas bonita, mas também

inteligente, atenciosa, apaixonada e genuína. Sei que estar comigo tem seus desafios. Entendo que, embora eu queira, não posso trancá-la em nossa casa para mantê-la segura. Mas você precisa entender que sempre serei superprotetor com você e com nosso bebê. Sempre. E, às vezes, isso significa que vocês dois terão de fazer exatamente o que eu disser, sem fazer perguntas.

— Eu sei disso.

Acenando com a cabeça, ele tira o anel da caixa. — Diana Walker, por favor, faz de mim o homem mais feliz do mundo casando-se comigo?

— Sim, Johnny. Eu vou.

Sorrindo, ele coloca o anel em meu dedo. Depois, de pé, ele me aperta com força e se afasta. — O bebê.

— O bebê está bem. Perfeitamente seguro.

Ele acena com a cabeça.

— E Johnny, eu o conheço bem o suficiente para saber que você não vai querer que esse bebê nasça fora do casamento.

— Como eu nasci.

Acenando com a cabeça, acaricio seu rosto, querendo protegê-lo de todas as formas possíveis. — Então vamos nos casar logo e fazer um casamento minúsculo... sem jornais, sem primos. — Eu dou uma risadinha. — Só nós, Vincent, Eleni, Bree, Daniel e Alexa.

— Parece perfeito. Obrigado, Diana.

— Não precisa me agradecer. Nunca fui do tipo que faz grandes casamentos.

— Não, obrigado por me entender. E por me amar apesar de tudo.

— Não é apesar de tudo. É por causa de tudo que eu amo você, Johnny.

Abaixando a mão e pegando o canto do meu vestido, ele o levanta e o tira de cima de mim. Pegando-me em seus braços e me embalando, ele se vira para a cama. — Vamos ser muito lentos e cuidadosos.

— Sim.

Deitando-me, ele paira sobre mim, beijando-me gentilmente antes de depositar pequenos beijos em meu pescoço, descendo até minha barriga. Voltando a me beijar, ele paira sobre mim. — Ti amo, Diana. Ti amo.

Fim

Hailey Hawthorne

